



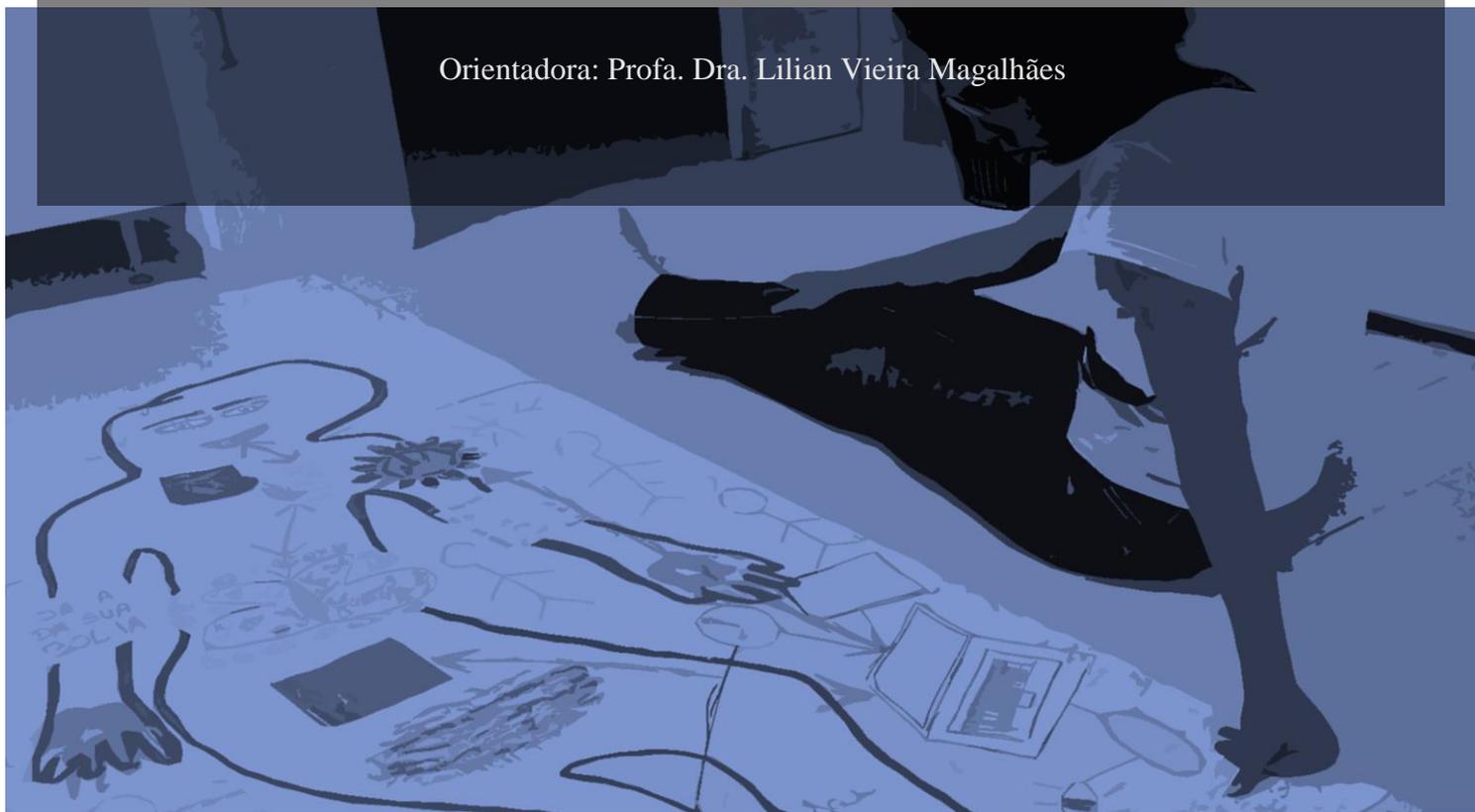
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL



**MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS
DE VIDA E DIMENSÃO OCUPACIONAL DO RACISMO**

ALINE CRISTINA DA COSTA



Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

**MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: TRAJETÓRIAS DE VIDA E
DIMENSÃO OCUPACIONAL DO RACISMO**

ALINE CRISTINA DA COSTA

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Terapia Ocupacional. Linha de Pesquisa: Redes Sociais e Vulnerabilidade. Órgão de Fomento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Orientadora: Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães

São Carlos

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Aline Cristina da Costa, realizada em 23/04/2019:

Profa. Dra. Liliã Vieira Magalhães
UFSCar

Profa. Dra. Maria Fernanda Barboza Cid
UFSCar

Profa. Dra. Stella Maris Nicolau
UNIFESP

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Stella Maris Nicolau e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.

Profa. Dra. Liliã Vieira Magalhães

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, PPGTO, pela oportunidade de realização de trabalhos em minha área de pesquisa.

Aos colegas do PPGTO pelo seu auxílio nas tarefas desenvolvidas durante o curso e apoio na revisão deste trabalho.

À CAPES pela provisão da bolsa de mestrado,

Ao Coletivo Café das Pretas, que foi o ambiente onde todas as inquietações que levaram às escritas deste trabalho começaram.

Todos os meus amigos, que estiveram comigo nos projetos acadêmicos, nas festas, nos dias de crise de pânico, na UPA e no TUSCA. Tudo que eu sou, eu devo a vocês.

Minha orientadora, que além de me orientar nesse trabalho, me orientou na vida e me presenteou com a coisa mais preciosa que um mestre pode dar ao seu aluno: um bom exemplo.

Minha amada companheira, Laíne Fernanda, por ser minha maior motivação.

Dedico esse trabalho aos meus amados pais, que mesmo tão distantes do mundo acadêmico, sempre me apoiaram e resistiram junto comigo pela minha permanência na Universidade.

“Quando a mulher negra se movimenta,
Toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela. ”

Ângela Davis, Encontro internacional
sobre Feminismo Negro e Decolonial em Cachoeira/Bahia – 2017

Sumário

Resumo	10
	10
Introdução	11
Objetivo Geral.....	11
Objetivos específicos	12
Antecedentes na Literatura	12
Conceituando racismo.....	12
O acesso ao Ensino Superior e as ações afirmativas na UFSCar	13
A inserção da população negra na academia	14
O estudo da ocupação e as metodologias visuais.....	15
A experiência cotidiana, ocupação e racismo	16
Considerações metodológicas	16
Meu lugar de fala:	16
Pesquisa interseccional e antirracista: o conhecimento que visa emancipar.....	18
Recrutamento	19
Instrumentos e técnicas: desenhando trajetórias de enfrentamento e reflexão.....	19
Adaptação do roteiro de entrevista dos mapas corporais	21
Descrição do local e das participantes do estudo	23
Procedimentos éticos da pesquisa	24
Resultados e Análise de dados	25
O cotidiano na universidade.....	25
A história de Virgília: “Eu não sou só uma estudante! ”	26
A história de Maria: “Você não é negra. “	28
Resultados:.....	32
1. A construção da identidade; O marcador de cor	34
2. Como o racismo cria obstáculos?.....	35
3. A educação como um caminho para a ascensão social e econômica.	35
4. O apoio (ou não) dos docentes.....	35
Discussão	37
A construção da identidade; O marcador de cor	39
Considerações finais	43
Relevância para o campo da terapia ocupacional	43
Sobre o uso da metodologia.....	44
Sobre os próximos passos	45

Trabalhos futuros	45
Referências	47
Roteiro das Entrevistas	53
Encontro 1: O ingresso no Ensino Superior.....	53
Encontro 2: A Vida De uma Estudante Negra	57
Anexo XX	61
Entrevistas semiestruturadas	61
1.Entrevista com Virgília - Estudante de Graduação.....	61
2. Entrevista com Maria - Estudante de Mestrado	94
3. Entrevista com Ana - Estudante de Doutorado	135
Fotografia dos Mapas Corporais.....	161
Parecer Consubstanciado do CEP	163
Termo de consentimento livre e esclarecido (tcle)	166

Resumo

Costa, Aline. Mulheres negras na universidade: São Carlos, 2019. 107p. Dissertação de Mestrado. Departamento de Terapia Ocupacional, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos.

Justificativa do estudo. O racismo pode ser definido como um sistema que opera dentro da sociedade e causa desigualdades evitáveis e injustas, em relação a recursos, capacidades e oportunidades, a determinados grupos. Esta pesquisa pretendeu entender, mesmo com todas as dificuldades impostas pelas desigualdades raciais, como estudantes negras tem ingressado e permanecido na universidade. Número de participantes. Participaram do estudo, 3 estudantes da Universidade Federal de São Carlos, localizada no interior da cidade de São Paulo- SP, para contemplar os diferentes momentos da formação acadêmica, foram selecionadas 3 estudantes que se autodeclararam como negras, representando 3 diferentes momentos (graduação, mestrado e doutorado). Procedimento de coleta. A produção dos dados foi realizada por meio de Mapas Corporais narrados, um método qualitativo e interseccional baseado em arte. Método de análise dos resultados. As análises dos resultados desta pesquisa foram realizadas por meio de análise temática, com base na técnica desenvolvida por Braun e Clarke. Principais resultados. Os resultados mostraram que as motivações que trouxeram e mantem cada uma dessas estudantes no espaço acadêmico, passa por questões familiares, sociais e políticas. Elas apresentam diversos obstáculos do seu processo de formação, como o enfrentamento do preconceito racial, as dificuldades econômicas e a própria subjetividade da construção da sua negritude nesse espaço. Considerações finais. A pesquisa evidenciou as diferentes trajetórias de mulheres historicamente excluídas dos espaços formais do saber, utilizando-se de uma metodologia de pesquisa contemporânea e capaz de fazer esse registro de forma artística, colaborativa e respeitosa a essas histórias.

Palavras-chave: racismo institucional; educação superior; mulheres afro-americanas;

Interseccionalidade; mapa corporal narrado; metodologias visuais.

Introdução

A mulher negra ocupa a base da pirâmide segundo o “Retrato de Desigualdades de Gênero”, realizado em 2004, numa parceria entre a ONU Mulheres e o IPEA” (PINHEIRO et al 2008, p. 15), Acima dela, temos o homem negro, seguido da mulher branca e, lá no topo, o homem branco. Essa analogia se repete quando observamos as ocupações atribuídas a cada indivíduo, nesse grupo de pessoas. O acesso à educação e às oportunidades profissionais estão diretamente relacionadas a esse recorte (ARAÚJO;2018). Temos então, uma estrutura social que reproduz padrões colonialistas e gera grandes desigualdades e, sendo mulher e negra no Brasil, fica ainda mais difícil fugir a essa estrutura. Mas, contrariando as estatísticas e o imaginário coletivo da negra serviçal, hoje empregada doméstica, babá e faxineira, muitas mulheres negras estão ocupando novos espaços e traçando trajetórias diferentes para suas vidas (TRUONG et al, 2016).

A UFSCar foi uma das precursoras na discussão de ações afirmativas no Brasil e a aplicar as políticas de ações afirmativas em seus vestibulares, tornando-se então um ambiente propício à busca dessas diferentes histórias. Portanto, a pesquisa traz uma leitura rara, no Brasil, de como o racismo afeta a formação e a vida de uma estudante negra no ensino superior brasileiro (LIMA 1995). A ideia é compreender como a inserção dessas estudantes pode traduzir-se em transformações culturais e sociais na sociedade e no meio acadêmico (GARRIOTT et al 2008) considerando a utilização de metodologias que podem ajudar na visibilidade dessas narrativas (GASTALDO et al. 2012).

A pesquisa visa também contribuir para que a permanência dessas estudantes no ambiente universitário se converta em uma experiência positiva e modelar para a sociedade em geral (QUEIROZ; SANTOS 2006).

Objetivo Geral

Compreender a dimensão ocupacional das discriminações vividas por estudantes negras na Universidade Federal de São Carlos.

Objetivos específicos

- Identificar as percepções e estratégias utilizadas pelas estudantes no enfrentamento cotidiano da experiência do racismo
- Esclarecer iniquidades ocupacionais ligadas ao racismo e ao gênero, presentes no cotidiano de uma instituição superior de ensino.

Antecedentes na Literatura

Conceituando racismo

O racismo pode ser definido como um sistema que opera dentro da sociedade e causa desigualdades evitáveis e injustas, em relação a recursos, capacidades e oportunidades (HARPER 2012), podendo se manifestar através de crenças, estereótipos, preconceitos ou discriminações por meio de ameaças e insultos (PATEL; HEGINBOTHAM 2007).

Trata-se de um fenômeno profundamente enraizado em estruturas e sistemas sociais, e baseia-se, sobretudo, em características físicas (PARADIES et al. 2015). O racismo pode ocorrer em vários níveis, como na incorporação de atitudes racistas, crenças ou ideologias em uma visão de mundo (BAIR; STEELE 2010), nas interações entre o indivíduo, mas também no controle racista do acesso ao trabalho, a recursos materiais e outros aspectos simbólicos de hierarquia, dentro de uma sociedade (CHILDERS-MCKEE E HYTTEN 2015).

O racismo persistente é um fator determinante para a exclusão, o conflito e a desvantagem de certos grupos populacionais em uma escala global, e os dados existentes sugerem que está aumentando em muitos contextos globais (PARADIES et al. 2015). Nas últimas décadas, constata-se um aumento da representatividade de mulheres em espaços sociais que historicamente privilegiava a presença de homens. A educação superior é um desses espaços, nos quais se identifica significativo ingresso de mulheres (ROSEMBERG 2001). No entanto, ao fazer um recorte racial dessa inserção, ainda podemos constatar a predominância de mulheres brancas (JEAN-MARIE; WILLIAMS; SHERMAN 2009). A qualificação, em nível superior, de mulheres negras é importante para que elas se

empoderem intelectualmente e também ampliem suas possibilidades de mobilidade social, de acesso a serviços e ao bem viver (RIBEIRO 2008).

"Raça é uma construção social que é arbitrariamente baseada em marcas corporais, portanto toda classificação de sujeitos com base em suas imagens está sujeita a discordâncias". Isto significa que, embora constante na experiência social brasileira, o racismo e suas consequências ainda não tem sido estudado, sistematicamente, sobretudo, do ponto de vista daquelas que o vivenciam cotidianamente (CAMPOS; JÚNIOR 2016, p.40). Este é, portanto, o ponto de partida do presente estudo: examinar a experiência cotidiana do racismo, a partir da perspectiva de mulheres negras, universitárias (SOLORZANO et al, 2000).

A interseccionalidade inicia um processo de descoberta, nos alertando para o fato de que o mundo a nossa volta é sempre mais complicado e contraditório do que nós poderíamos antecipar. (...) Ela não provê orientações estanques e fixas para fazer a investigação feminista (...). Ao invés disso, ela estimula nossa criatividade para A interseccionalidade não produz uma camisa-de-força normativa para monitorar a investigação (...) na busca de uma 'linha correta'. Ao invés disso, encoraja a cada acadêmica feminista a se envolver criticamente com suas próprias hipóteses seguindo os interesses de uma investigação feminista reflexiva, crítica e responsável

(DAVIS, 2008, p. 79, tradução nossa)

O acesso ao Ensino Superior e as ações afirmativas na UFSCar

O Campus São Carlos da UFSCar está localizado a 235 km da capital do Estado de São Paulo, à beira da Rodovia Washington Luís. Com aproximadamente 10 mil alunos, a UFSCar, através do seu Programa de Ações Afirmativas (PAA), reserva 20 % das vagas de cada curso de graduação para estudantes egressos do Ensino Médio integralmente cursado em escolas públicas. Destas, 35 % das vagas são reservadas a estudantes negros. As reservas de vagas para pessoas autodeclaradas negras fazem parte das políticas de

ações afirmativas que surgiram como resposta e compromisso do Estado, na tentativa de eliminar desigualdades socialmente construídas, das quais resultam restrições no acesso a direitos fundamentais, tais como a educação (SANTOS 2007).

A partir de 2002 algumas universidades iniciaram um modelo de políticas de ações afirmativas para estudantes negros, como no caso da UERJ, da Universidade Federal de Bahia e do PROUNI (APRILE E BARONE 2008). Isto possibilitou o ingresso de milhares de estudantes de baixa renda e mais adiante, através da FIES, Lei Federal n. 12.711/2012, o SISU (Sistema de Seleção Unificado) acentuou-se a mudança do perfil demográfico das universidades (BORGES, 2018).

Contudo, apesar da presença de estudantes negros na universidade pública, ainda é evidente a predominância de pessoas com fenótipo branco e de classes mais abastadas. Estudos mostram que o ingresso dessa parcela de estudantes ainda carece de medidas para integrá-los e mantê-los em tais. Os temas abrangem do racismo enfrentado em sala de aula, praticado tanto pelos alunos quanto pelos professores, da dimensão institucional de tal discriminação que insiste em praticar uma forma de ensinar que só dialoga com um tipo específico de até às questões mais subjetivas, tais como as dificuldades para se manter financeiramente e cuidar da. Vale notar que as universidades públicas costumam oferecer aos alunos algumas modalidades de permanência estudantil, como moradia e alimentação (ANDRADE et al 2016).

A inserção da população negra na academia

A literatura recente vem apontando que mesmo epistemologias feministas tendem priorizar a educação das estudantes brancas, enquanto necessidades educacionais de negras acabam ficando em segundo plano. Fordham sugeriu que alunos e funcionários das escolas têm estereotipado estudantes negras como barulhentas, agressivas e masculinas (FORDHAM, 1993). Entretanto, alguns autores sugerem que muitas delas abraçaram este estereótipo para serem ouvidas e não negligenciadas em salas de aula e instituições de ensino que tendem a ignorá-las e marginaliza-las (EVANS-WINTERS; ESPOSITO 2010).

Mesmo em salas de aula na África, onde o orgulho da etnia costuma ser bem desenvolvido, algumas estudantes negras ainda podem enfrentar situações que negligenciam, ignoram ou suprimem suas múltiplas identidades como mulheres de

ascendência negra. O ambiente educacional é um dos principais espaços de discriminação e racismo, o que torna necessário esclarecer eventuais processos anti-discriminatórios, bem como fomentá-los.

O estudo da ocupação e as metodologias visuais

Na vida cotidiana, os seres humanos vivem e constroem narrativas sobre suas vidas. Essas narrativas são baseadas em suas vivências e são uma maneira de criar significado para sua existência cotidiana. Embora sejam, em geral, baseadas em corpos vivos individuais, estas narrativas posicionam-se sempre em relação a outras, em contextos socioculturais específicos. Na maioria dos casos, essas histórias iluminam experiências individuais dentro de um contexto social, cultural e institucional específico, onde essas narrativas são constituídas, moldadas, expressas e encenadas (CLANDININ; ROSIEK 2017). O mapeamento corporal foi originalmente utilizado com mulheres portadoras de HIV/AIDS na África do Sul (SOLOMON 2007), para auxiliar na reflexão sobre o processo do adoecimento e na construção de memórias para seus filhos. Recentemente, essa ferramenta foi incorporada ao conjunto de técnicas das metodologias visuais, sendo aplicada a pesquisas que buscam incorporar outras formas de narrativas, principalmente quando o uso isolado de entrevistas se mostra limitado (GASTALDO, RIVAS-GUARNETTI, MAGALHÃES 2018).

Com os mapas corporais é possível não só a produção de dados para pesquisas, mas também para outras diversas finalidades (GASTALDO, RIVAS-GUARNETTI, MAGALHÃES 2018). O mapa é produzido a partir de um roteiro de perguntas, de acordo com o objetivo pretendido. Posteriormente a produção é analisada, segundo os diferentes temas que vão aparecendo na narrativa e no mapa da participante (GASTALDO et al. 2012). A utilização de metodologias baseadas em arte para a produção de dados de pesquisa, contribui para colocar a participante em foco, e também para a produção de uma peça artística que ajuda a contemplar a sua própria narrativa pessoal de um novo lugar, criando condições para que a participante seja, ao mesmo tempo, observador e protagonista dessa construção (GASTALDO, RIVAS-GUARNETTI, MAGALHÃES 2018). Os mapas mostram-se como ferramentas bastante flexíveis para acessar os diferentes aspectos da vida da participante, favorecendo a reflexão sobre sensações e experiências, dentro e ao redor de si mesmo (MURASAKI E GALHEIGO 2011).

A experiência cotidiana, ocupação e racismo

Ocupações cotidianas são condicionadas a partir de contextos econômicos, sociais e históricos (GALHEIGO 2003). Discriminações de várias naturezas podem ocorrer dependendo de processos alheios à vontade do sujeito que a sofre (CRUZ, PINTO 2018). Analisar a dimensão ocupacional destas discriminações é importante, uma vez que enfrentar a experiência do racismo durante a vida inteira e também no ensino superior (SMITH 2013), faz com que essas mulheres adotem determinadas estratégias, sejam elas exitosas ou não, para a superação cotidiana das dificuldades encontradas (SOUHAMI 2012).

Além disso, cabe identificar como se constroem os caminhos para a superação de tais experiências, bem como em quais pontos os avanços impostos pelas lutas feministas, os processos sociais e pessoais de empoderamento e a auto aceitação são fatores determinantes, ou não, para a melhoria da qualidade de vida dessas estudantes (WINKLE-WAGNER 2008). Cabe ainda apontar eventuais caminhos para a superação da experiência com o racismo e identificar alternativas para o incentivo de que cada vez mais estudantes negras, pobres e periféricas ocupem esses espaços estratégicos, inscrevendo suas próprias pautas, pesquisando sobre a sua situação e tendo protagonismo na produção científica a respeito da intersecção entre o racismo e as discriminações de gênero (ALMEIDA 2010).

Considerações metodológicas

Meu lugar de fala:

Posicionalidade é um aspecto chave nas pesquisas qualitativas de orientação crítica (GASTALDO, RIVAS-GUARNETTI, MAGALHÃES 2018). Aqui apresenta-se um breve resumo dos lugares que eu, como autora, ocupo no interior do ensino superior brasileiro:

Eu tenho 30 anos, filha de pai negro e mãe branca. Cresci entre os prédios da classe média paulistana, e desde cedo soube o que era ser uma menina pobre num ambiente de ricos. Mais tarde, fui entender que além de pobre, eu era preta. Mesmo

pouco pigmentada, o abismo social entre os moradores dos prédios onde meu pai trabalhava como zelador, e o quarto e sala que morávamos no condomínio, sempre deixou evidente que apesar de morarmos ali, nós não fazíamos parte daquele lugar. As crianças pediam para tirar o meu irmão dos espaços de lazer do prédio, e falavam que não queriam "o filho do zelador ali". Eu sofria violências verbais de todos os tipos, por ser gorda, por ter o cabelo crespo, e por me vestir "mal". Mesmo com um histórico escolar bem diferente dos meus colegas de graduação, com baixas notas e muitas reprovações, eu cheguei até aqui e reconheci a universidade como o único espaço capaz para que eu entendesse e conseguisse enfrentar as desigualdades a que fui submetida a vida toda. Junto com outras três colegas de alojamento, fundei o coletivo "Café das Pretas", e juntas ajudamos a construir uma base de apoio e ressignificação para estudantes não brancas que estavam e chegavam na UFSCar. Entre convites para eventos, encontros periódicos e um tanto de problemas, foi me dando vontade de estudar e buscar respostas científicas para questões que apareciam no cotidiano do coletivo, como as dificuldades para entrar e permanecer nos cursos, o relacionamento com a comunidade acadêmica, e as estratégias utilizadas por quem, contrariando as estatísticas, estava ascendendo para a pós-graduação e os postos de docência universitária.

Pesquisa interseccional e antirracista: o conhecimento que visa emancipar

Esta pesquisa se debruça sobre a temática das diversas dimensões da discriminação racial, com um recorte de gênero, raça e de nível de escolaridade (CARTER-BLACK 2008). Pretende-se, dessa forma, fomentar uma discussão acerca de como essas mulheres, já inseridas no ensino superior público, lidam com os desafios e dificuldades de ser mulher e negra na universidade (PARADIES et al. 2015). Pretende-se, portanto, dar voz à narrativa dessas mulheres, apresentando suas trajetórias de vidas, sonhos, desejos, dificuldades. Nos espaços educacionais a noção de igualdade é moldada de forma a apontar para algo ao qual todos têm direito a ter acesso, supondo que isso os torna iguais, quando na verdade é a presença dos indivíduos e não as instituições que garante a emergência de outras narrativas, dos que foram historicamente subalternizados (ARAÚJO 2018).

O trabalho objetivou, portanto, dar voz à narrativa de mulheres negras, apresentando suas trajetórias de vidas, sonhos, desejos, dificuldades. A documentação da trajetória de mulheres negras no ensino superior brasileiro pode ser uma importante ferramenta para gerar novas referências nesse campo de estudo, sobretudo se considerarmos que o povo negro foi alvo, ao longo dos séculos, de um grande apagamento histórico (FORTUNA, 2011). Para compreender a experiência educacional de uma etnia que foi historicamente banida dos espaços de educação formal, é preciso produzir pesquisas que promovam metodologias em que negras e negros possam contar a sua própria história, e também serem eles mesmos os proponentes destas perguntas.

Ao compreender as experiências ocupacionais como diretamente influenciadas pelas características étnicas sociais de quem as realiza, esta proposta de pesquisa se posiciona de maneira crítica num cenário científico que ainda tende a relativizar ou inviabilizar marcadores importantes, como o de gênero e etnia. A ideia foi identificar como as estudantes enfrentam, dia a dia, suas experiências com a discriminação, bem como examinar os diversos espaços acadêmicos e profissionais que elas eventualmente ocupam (WALKER 2013). bell hooks, em seu texto "Intelectuais Negras", fala das dificuldades que alunas em processo de formação acadêmica enfrentam no trabalho intelectual, por não terem modelos e mentoras negras e por serem tidas como inimigas, à

medida que propõem discussões que relacionam sexismo e racismo e denunciam o status quo.

Recrutamento

O recrutamento das participantes foi realizado buscando encontrar estudantes regularmente matriculadas na UFSCar e que tivessem sido beneficiárias de algum tipo de ação afirmativa (cotas para vagas em universidades, pós-graduação, etc.). Como a pesquisadora possui vínculos anteriores com o movimento negro da cidade e da comunidade acadêmica, por parcerias prévias estabelecidas em diferentes espaços acadêmicos, como o Núcleo de Estudos Afro Brasileiros e o Diretório Estudantil da universidade, optou-se por realizar a produção de dados na própria universidade de origem, a Universidade Federal de São Carlos. A indicação das participantes foi feita por informantes (bola de neve), consolidada por contato via e-mail e telefone das estudantes indicadas.

A geração dos dados foi realizada pela própria mestrandia, no segundo semestre de 2018. Três sessões com duração de 2 horas cada uma foram agendadas com as participantes. Durante as sessões o mapa corporal narrado foi produzido, assim como foi realizada uma entrevista semiestruturada, que foi gravada em áudio e posteriormente transcrita (vide transcrição nos anexos).

Instrumentos e técnicas: desenhando trajetórias de enfrentamento e reflexão

Neste estudo, a metodologia foi utilizada de maneira colaborativa com três estudantes negras a diferentes momentos da formação acadêmica, em universidade pública. Kaplan et Maxwell argumentam que o objetivo da compreensão de um fenômeno do ponto de vista dos participantes e seu contexto social e institucional particular é em grande parte perdido quando dados textuais são quantificados, portanto a escolha por um modelo qualitativo de estudo (KAPLAN;MAXWELL 1994). A análise temática dos dados gerados neste estudo baseia-se nos seis passos interpretativos e críticos propostos por Braun e Clarke (2006).

Mapas corporais narrados (MPN) podem ser definidos como desenhos da imagem do corpo em tamanho real, construídos por meio de técnicas artesanais, como desenho, pintura ou outras técnicas baseadas na arte para representar visualmente aspectos da vida das pessoas, seus corpos e mundo em que vivem (DAVY, C. et al 2014). Os mapas constituem um conjunto recursos visuais que revelam os participantes como indivíduos conhecedores e reflexivos que podem articular suas trajetórias de vida ao pintar e desenhar seus corpos e circunstâncias sociais, além de oferecer uma geração participativa, visual e narrativa de dados, bem como métodos analíticos. (GASTALDO, RIVAS-GUARNETTI, MAGALHÃES 2018). Esta abordagem de pesquisa, bastante atual, facilita a construção de histórias de vida de uma forma mais significativa do que as entrevistas e questionários fechados, normalmente usados na pesquisa qualitativa (GASTALDO, D. et al. 2012)

O MPN oferece recursos para se produzir dados de pesquisa de uma forma criativa e criativa. O mapa é produzido utilizando uma folha de papel sulfite no tamanho real do corpo do participante, em que ele se deita e é riscado forma do seu corpo no papel, pelo pesquisador (ROSE 2016).

Em seguida dá-se início ao roteiro de perguntas semiestruturado, acompanhado da gravação da entrevista. Ao longo da execução do roteiro, foi solicitado que a participante inserisse em seu mapa, temas, símbolos e slogans que representassem o tema abordado naquela questão (DEW, ANGELA et al 2018).

Para a produção dos mapas apresentados na pesquisa foram seguidas as seguintes etapas:

1. Foi feita a compra dos materiais que seriam utilizados nas sessões, tais como; papel sulfite, canetas, tintas e diversos materiais de papelaria.
2. Reservou-se uma sala confortável, no Departamento de Terapia Ocupacional da universidade, para receber as participantes e produzir os mapas.
3. Foram agendadas três sessões com cada participante, que tiveram a duração de 2 horas cada uma. As sessões eram particulares e estavam presentes apenas a pesquisadora e a participante.
4. Ao chegarem para a primeira sessão, lhes era apresentado o ambiente e todos os materiais que elas poderiam utilizar. Em seguida, dava se início `a produção do mapa, começando pela apresentação e assinatura do termo livre e esclarecido (em anexo), que continha as principais informações, riscos e benefícios da pesquisa.

Era solicitado nessa ocasião também, que as participantes escolhessem um nome fantasia para representá-las na identificação dos mapas.

5. Ao fim das sessões, os mapas eram recolhidos para secagem, em uma outra sala, para preservar o anonimato de cada uma e não influenciar a produção individual da participante. Após a transcrição, foi solicitado as participantes as lessem, e que acrescentassem ou retirassem informações que considerassem necessárias. Isto permitiu que a transcrição ganhasse mais riqueza de detalhes que poderiam ser perdidos com eventuais problemas na captação de áudio, além de terem ciência e consentimento das informações que seriam vinculadas na pesquisa.

Adaptação do roteiro de entrevista dos mapas corporais

Os mapas corporais podem ser usados como uma ferramenta de pesquisa, se assim os participantes concordarem. Os desenhos e pinturas são dados em si e também podem ser complementados com entrevistas ou escrita (KÜSTERS, 2009). Esses dados podem ser usados para mostrar e contar histórias de vida das pessoas (biografias) e relações importantes.

Neste estudo a produção de dados foi conduzida por meio de um roteiro de perguntas (ver anexo 2), elaborado com base no modelo utilizado na pesquisa realizada entre 2009 e 2011, pelas pesquisadoras Denise Gastaldo, Christine Carrasco e Lilian Magalhães. A pesquisa aborda as consequências de saúde de trabalhadores não documentados na maior área no Canadá - a área da Grande Toronto (GTA). A pesquisa revelou que as experiências de trabalhadores indocumentados no Canadá estão inseridas numa rede de estruturas simultaneamente opressivas e de apoio que transcendem a esfera do lar, do trabalho e da comunidade (Gastaldo et al. 2012). Os mapas corporais narrados também foram a metodologia escolhida para a produção de dados dessa pesquisa, que foi utilizado como material de referência para a produção do roteiro de perguntas que norteou a produção dos mapas corporais aqui apresentados.

A adaptação foi realizada levando em conta os objetivos da presente pesquisa assim como os referenciais teóricos que a sustentam. Foram mantidos os eixos temáticos e a estrutura original do roteiro, assim como a disposição de cada uma delas em cada sessão. Em relação ao conteúdo, foram feitas adaptações de sentido para contextualizar o roteiro a

temática étnica racial, abordando aspectos relacionados aos desafios de desempenhar a ocupação de estudante universitária sendo mulher e negra (RIBEIRO;2016). (Anexo 3)

Para a adaptação do roteiro, foram considerados, termos e temáticas que melhor se adaptariam as questões étnico raciais. Desta forma, foram feitos diversos ajustes para que o roteiro contemplasse a trajetória ocupacional das participantes, considerando seu caminho até chegar até a universidade, sua rede de apoio e suas principais motivações e/ou sonhos. Na questão racial, foram incluídas questões sobre situações de preconceitos e discriminações vividas pelas participantes, e sobre sua própria percepção de etnia.

Quadro 1 – Exemplo de roteiro semiestruturado de perguntas

Primeiro Encontro: O ingresso no Ensino Superior	
Introdução ao Mapa Corporal (5 minutos)	
Propósito	<p>Apresentar a relação do mapa corporal com os objetivos do projeto</p> <p>Quebrar qualquer intimidação relacionada aos processos de desenho e criação</p> <p>Apresentar os materiais artísticos e demonstrar como cada um pode ser usado</p>
Instruções	<ol style="list-style-type: none">1. Antes de iniciar as atividades, use alguns minutos para lembrar a participante o que é o mapa corporal e como ele será usado neste estudo.2. Percorra a sala com a participante, mostrando os materiais que estão disponíveis para uso e como usá-los (se for o caso).3. Pergunte à participante se ela tem alguma dúvida antes de iniciar o processo.
Roteiro	<p>Como parte deste projeto de pesquisa, vamos usar o corpo como ponto de partida para explorar como a vinda para a universidade influenciou a sua vida, incluindo sua saúde e bem-estar. Vamos tentar capturar essa experiência de forma visual. Juntas, vamos desenhar seu corpo e o mundo em que você vive. Para isso, usamos</p>

	<p>vários materiais, como recortes de revistas, fotos da internet, etc. Você não precisa ter medo de fazer esse trabalho. Estou aqui para ajudá-la. O mais importante é que você se concentre e aproveite o processo.</p> <p>Você tem alguma pergunta?</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Descrição do local e das participantes do estudo

O estudo foi realizado em São Carlos, cidade do interior do Estado de São Paulo, na universidade Federal de São Carlos – UFSCar. As atividades relacionadas à geração dos dados da pesquisa foram realizadas no Departamento de Terapia Ocupacional, no Laboratório de Práticas Artesanais. Para a geração dos dados, foram convidadas três estudantes da UFSCar, do sexo feminino, que se autodeclararam como negras, segundo os critérios do IBGE (PETRUCCELLI; SABÓIA 2013), com faixa etária entre 18 e 35 anos.

A respeito do perfil das estudantes, estabeleceram-se os seguintes critérios de relevância para a inclusão no estudo de acordo com o Quadro 1:

Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão

Critérios de inclusão	Critérios de exclusão
Ser estudante dos últimos anos da graduação;;	Não ter vínculo institucional com a UFSCar, como estudante
Ser estudante do mestrado;	Não se autodeclarar como negra e/ou do gênero feminino
Ser estudante dos últimos anos de doutorado;	Não aceitar participar da pesquisa
Ter vínculo institucional com a UFSCar, como estudante;	Não possuir vínculo institucional.
Autodeclarar-se como negra e do gênero feminino;	Não se autodeclarar.
Aceitar participar da pesquisa.	Recusa á participação na pesquisa.

Procedimentos éticos da pesquisa

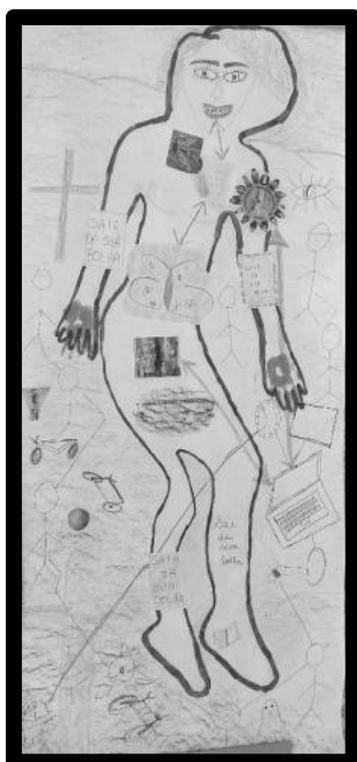
Tomando por base os critérios das Resoluções no 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, o presente projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos (**número do Parecer: 3.051.494**) e foi aprovado. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido para a participante, foram assinados em duas vias, conforme as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Os eventuais riscos que compreendem a execução desta pesquisa, relacionam-se a aspectos psicológicos que a produção do mapa estimula. No desenvolvimento da metodologia, a participante foi convidada a resgatar acontecimentos que marcaram sua vida, a falar de seus medos e anseios, e do seu relacionamento com a família e a comunidade da qual faz parte. Desta forma, esse aspecto poderia desencadear diferentes processos de reflexão que poderiam deixar a participante emocionada ou triste. Por outro lado, ponderei com as estudantes que a produção do mapa corporal poderia ajudar a participante a visualizar a sua trajetória até a universidade, permitindo que ela se expressasse de maneira artística e livre os seus sentimentos e percepções acerca de seu cotidiano na universidade, com segurança e mantendo o seu anonimato.

O cotidiano na universidade

Participaram do estudo: Ana, 32 anos de idade; Maria, de 30 anos e Virgília, de 22 anos (pseudônimos escolhidos pelas próprias participantes). Ana é baiana e atualmente está finalizando seu doutorado. Maria e Virgília são do estado de São Paulo. Maria está cursando o mestrado. Ana e Maria, além de estudantes de pós-graduação, são professoras na rede pública de ensino. Virgília, que é natural do interior de SP, cursa a graduação. Antes da UFSCar, ela iniciou outro curso em uma universidade estadual, mas acabou optando pela troca.

As histórias devem ser entendidas como uma visão geral da experiência ocupacional das participantes enquanto estudantes de cursos de nível superior. Nas análises, tornou-se óbvio que o desenvolvimento de cada narrativa guarda níveis variáveis de subjetividade, mas, ao mesmo tempo, mostra aspectos semelhantes relacionados ao seus status de estudantes negras. Esses aspectos serão aprofundados posteriormente, na discussão do trabalho.

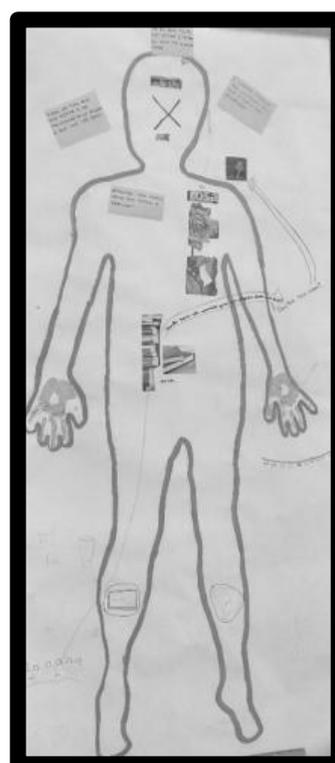
Virgília, Graduação



Maria, Mestrado



Ana, Doutorado

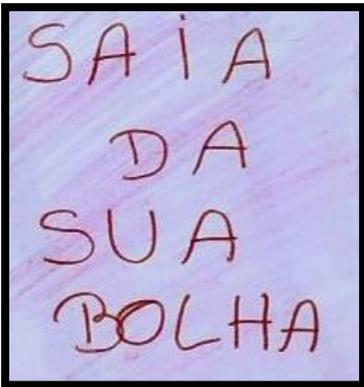


A história de Virgília: “Eu não sou só uma estudante!”



Virgília tem 22 anos e é natural de Lorena-SP. Atualmente ela é estudante na UFSCar, mas fez um outro curso na UNESP durante um ano e meio. Ela sente que a vinda para São Carlos a distanciou da família, pois hoje tem uma outra perspectiva de vida. Ao falar desse distanciamento, ela se emociona. Por outro lado, ela sente que a UFSCar é uma bolha e que não reflete a realidade da cidade. Aqui ela sente que tem paz, confiança e sente que pode chamar esse lugar de seu. Ela sente que sua cidade de origem é sem graça e que há muita desigualdade social. Ela escolheu como símbolo a borboleta, por conta de sua

busca por liberdade. E seu slogan é “viver um dia de cada vez.”. Ela sente que tem um relacionamento raso e casual com seus colegas de curso, pois não se sente à vontade, e também sente um pouco de insegurança. Em seu autorretrato, Ana diz ter muitas marcas de espinha no rosto, que influenciam a sua autoestima e que ela não quer olhar no espelho. Ela diz usar óculos desde os 13 anos, e por isso as pessoas costumam descrevê-la como inteligente e aplicada. Ela acredita não ter traços negroides nítidos, não tanto quanto o da mãe. Ela sente que o fato de ser considerada “morena” faz com que ela se sinta sexualidade é reduzida a isso. Na universidade, ela sente que os colegas de classe sempre esperam que ela fale sobre racismo. Isso causa muito desconforto e ela já saiu da sala para chorar. Ela diz sentir dificuldade de falar sobre suas experiências em “meios brancos”



“Possibilidades que existem além dos amigos e identificações da universidade

“Nós negros despedaçados e marginalizados, pessoas brancas nos olham com desprezo. Não chegam perto para não se machucar.”

“Sensação de estar cercada de pessoas e não ser vista, estava quebrada por dentro, tentando não mostrar as emoções.”

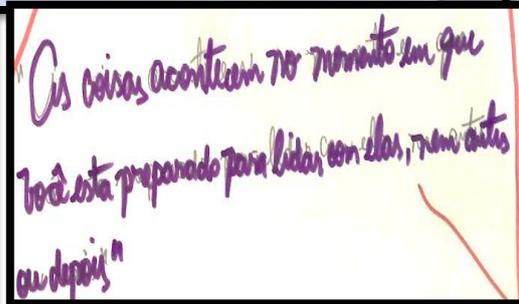
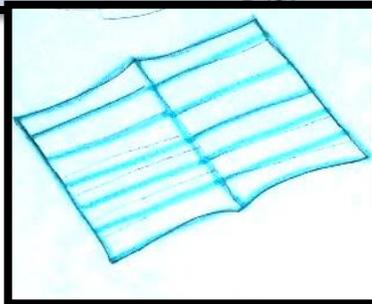
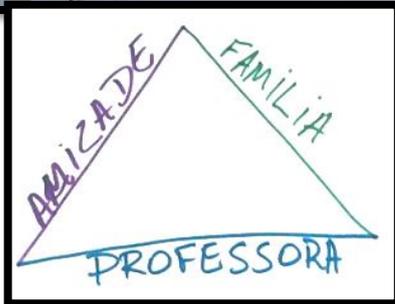
“Eu desenhei uma borboleta, várias borboletas nos espaços porque é uma coisa que dessa sensação de liberdade, de (inaudível), voar com as próprias asas, a borboleta passa por um processo até virar borboleta e isso talvez seja relacionado com processo de amadurecimento, e de quanto ele é contínuo por mais que tem uma borboleta maior, tem as menores que também vão crescer, ter suas próprias asas, seguir seus próprios rumos e tal. O slogan coloquei em três fases, a primeira, um dia por vez, que foi quando eu fazia engenharia e percebi que devido à sobrecarga a gente precisa viver um dia de cada vez, no sentido de tarefas, você tem uma tarefa para amanhã e tenho outras pra hoje, eu vou me preocupar com a de hoje, e a de amanhã eu vou tentar adiantar, mas vou fazer a de amanhã, amanhã. Delimitar bem essa questão de a gente tem vinte e quatro horas e que nessas vinte e quatro horas a gente não vai criar mais horas além disso. Inaudível, dar mais duas horas para você fazer uma coisa que você não fez hoje. E a gente tem que entender que vinte quatro horas e usar essas vinte quatro horas com a maneira que a gente puder, o mesmo que eu faça tudo independente, foi ontem, hoje é hoje e amanhã e ponto, um dia por vez. E uma pedra por vez no sentido de trazer um pouco aquele tema do monge, que no meio do caminho tinha uma pedra, e também nessa questão de enfatizar de que os monges tiraram as pedras, (inaudível) várias coisas no caminho e tentar ao máximo pegar essas pedras e construir um castelo, construir uma coisa que vale a pena e essas que a gente não saber lidar também acaba virando o tipo de castelo que a gente não goste, mas enfim, elas existem ao menos pensar em coisas pequenas e a pessoa vai também se descobrindo, a gente não vai levar a pessoa, a gente vai tentar acompanhar durante um tempo finito.”

A história de Maria: “Você não é negra. “



Maria tem 30 anos – SP. Atualmente, ela cursa o mestrado na UFSCar. Antes de entrar na faculdade, Maria considerava-se uma mulher negra da periferia e muito decidida. Hoje, na universidade, percebeu que não era tão pobre quanto imaginava. Ela se sente corajosa, e consciente de sua raça, apesar de ser pouco pigmentada. Ela sente pouco preconceito por conta disso, e reconhece as diferenças em ser mais clara. Maria escolheu o livro para ser seu símbolo pessoal, e o colocou no coração, pois sente que sempre quer saber mais. Relata que sente um grande desejo pelo conhecimento. Seu maior objetivo sempre foi o estudo, apesar

das dificuldades. Maria tem duas formações e é a primeira aluna contemplada pela política de cotas raciais para a pós-graduação em seu departamento. Sobre a pós, ela diz que sente sempre como se estivesse um passo atrás em relação aos outros alunos, como se elas já soubessem a “regra do jogo”. Por isso ela sempre busca aprofundar seu repertório teórico, para poder competir em de igualdade. Maria já está inserida no mercado de trabalho, como professora. Ela acredita que o mestrado possibilita uma renda maior, e deseja conciliar a carreira científica com seu trabalho na escola. Seu principal objetivo é ajudar a construir um ambiente escolar bem estruturado e valorizado.



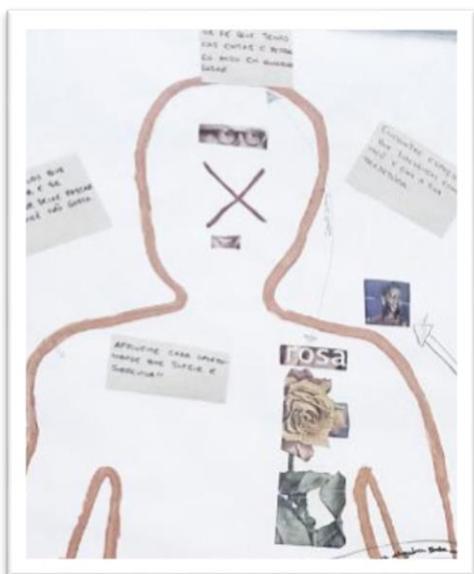
Minha rede de apoio. Eu vou fazer um triângulo para representar essas três coisas, porque eles foram fundamentais."

Sentimento de querer saber mais, de querer ser uma pessoa que tem um título, que ninguém na minha casa tem

"Eu falo eu não estava preparada para aquilo naquele momento, mas não quer dizer que eu tenha que desistir, eu posso continuar trabalhando nisso, esse só não era o momento."

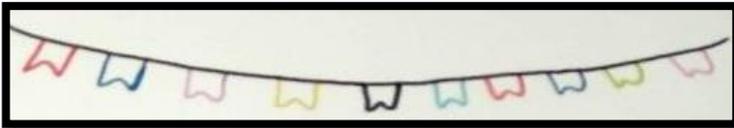
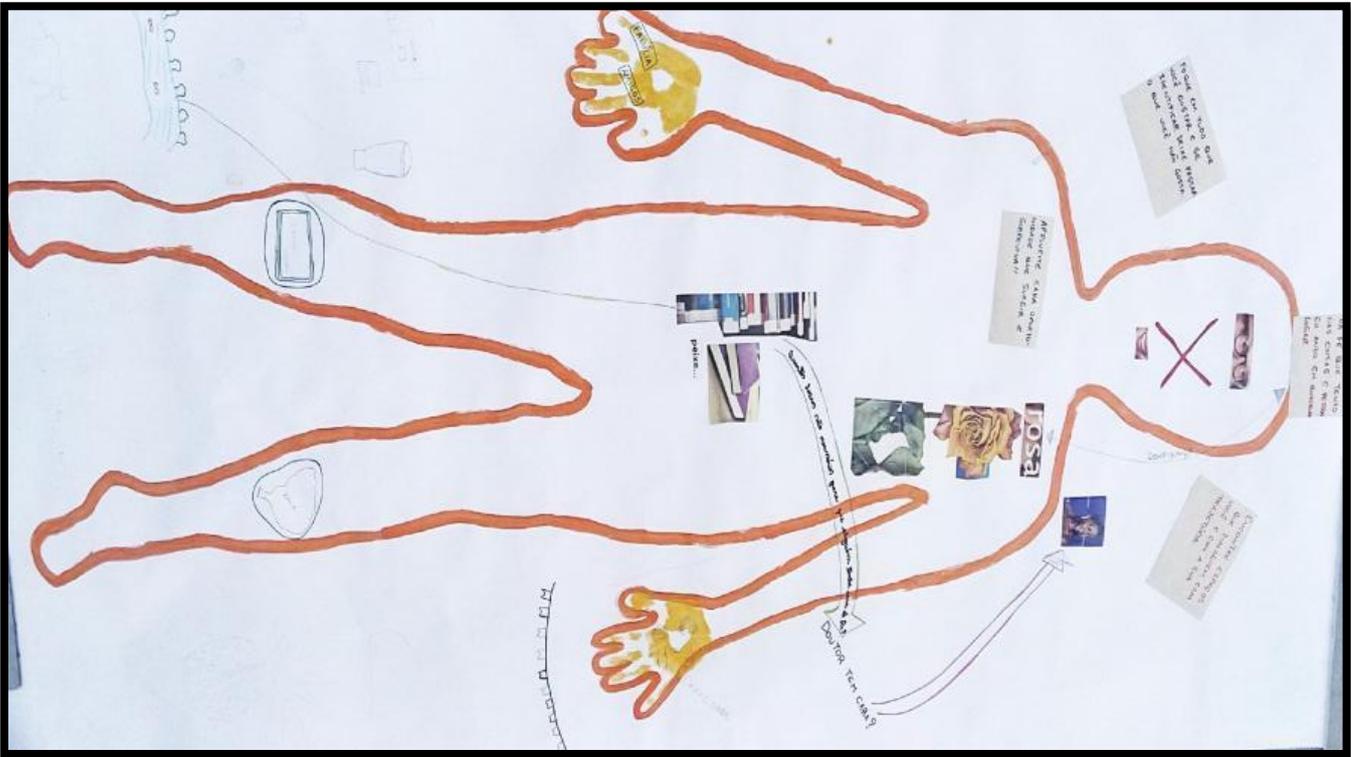
"Um livro (perto do coração, seria como conhecimento, o que eu venho aprendendo me faz ser uma pessoa melhor. Porque os livros fazem a gente aprender coisas, eu sinto que ao aprender coisas eu posso enxergar o mundo de várias formas e não só o jeito da minha experiência, a experiência me ajuda de uma forma e os livros me ajudam de outra, a pessoa que eu quero ser.

A história de Ana “ Quase sempre, sou a única negra nos espaços acadêmicos em que trânsito. ”



Ana tem 32 anos e atualmente está cursando o Doutorado. Ela conta ter se descoberto enquanto uma mulher negra quando entrou no mestrado. Hoje ela se sente bem com sua aparência física, mas antes não se sentia. Além dos estudos, ela faz parte de grupos de atividades corporais e acredita que isso ajuda a cuidar de sua saúde física e também a entrar em contato com sua espiritualidade. Ana escolheu os livros para a representarem, como um símbolo. Ela conta que durante toda sua vida, os estudos foram o seu principal foco. Apesar de não identificar nenhuma situação de racismo

vivenciado em sua vida, ela conta ter presenciado situações de racismo em seu departamento, em relação a estudantes nordestinos e negros. Ela costuma barrar agressões de cunho racista e regionalista, e por isso `as vezes entra em conflito com seus professores. Ela acredita que, muitas vezes, é a única pessoa preta nos espaços acadêmicos em que transita. E que é vista como estranha, pois sua pele destaca sua presença. Apesar disso, por ser considerada uma negra de “traços finos”, as pessoas costumam elogiar a sua beleza destacando isso, por exemplo “nossa como seu nariz é bonito, fininho ”. Ela sente que isso cancela uma parte de quem ela é, uma forma de negação dos outros.



Cheguei no laboratório ele estava todo enfeitado, e os comentários foram de que aquilo “era muito cafona, horrível, coisa sem sentido, isso é uma baiánada”.



“Tinha um rapaz, acho que do Senegal, veio fazer seu doutorado no departamento, ele era bem negro e um dos professores achou engraçado o fato dele ter sido confundido com alguém da limpeza no departamento e ele falava sem pensar e parecia com satisfação em falar isso.”



X da questão de negação, de cancelamento, uma parte do que eu sou. Porque eu sou bonita por ter traços finos? Então é como se negassem o que eu sou, eu sou negra, mas não tão negra.”

“Eu acho que me representa, eu penso muito na questão acadêmica, de vir pra São Carlos e mudar de estado. Então acho que livros me representa muito, não pensava em fazer novos amigos ou achar um novo amor, era puramente acadêmico minha motivação. / Acho que tem uma rosa, o nome da minha mãe era rosa, acho que talvez me afastar um pouco de lá, fazia pouco tempo que ela havia falecido, me afastando é como se ela continuasse viva, estar lá era muito real a ausência dela. Então enquanto não estava, tudo bem-estava viajando/ A rosa que é minha mãe, um dos motivos para eu ter pensando em sair e me afastar um pouco. Os livros que é meu objeto de estudo e trabalho no mestrado e doutorado.”

Resultados:

Após a leitura das transcrições, foram aplicados os seis passos para a análise temática, propostos por Braun e Clarke (2006). Para isso, foi realizada a leitura integral de todas as transcrições, em seguida, foi realizada a codificação dos dados contidos nas entrevistas, fazendo uma proposta inicial de chaves temáticas. Essas chaves foram recombinaadas até chegar aos temas organizados na figura abaixo. Além disso, foi proposta uma relação entre os temas. Desta forma, a análise propõe que:

A negritude, comum às três participantes, vai orientar a sua relação com o corpo e com o meio onde vivem. Por meio dela, elas vão desenvolver suas próprias ferramentas de enfrentamento e suas motivações para enfrentar esses obstáculos. Do reconhecimento de suas negritudes, também emerge suas redes de apoio, constituídas por outras negras/negros, mas também de não negros dispostos a respeitar e acolher suas vivências. A rede de apoio vai apoiar na busca por seus objetivos pessoais, fazendo com que suas trajetórias se tornem possíveis e mais leves. Do encontro entre suas motivações pessoais e objetivos, aparecerão suas principais atuações profissionais e seus interesses acadêmicos, que mesmo não contemplando de maneira direta as questões raciais, vão ficar evidentes no exercício de suas ocupações, no seu engajamento político e na sua atuação como acadêmica negra.

Os resultados deram conta de evidenciar quais foram os principais obstáculos que o racismo gerou a cada uma das participantes, e como cada uma delas, de diferentes modos, tem usado a educação para superar essas dificuldades e ascender, intelectual e economicamente. É notável também a importância que alguns docentes tiveram em suas trajetórias, validando suas propostas de pesquisa, gerando possibilidades de trabalho e também incentivando seus potenciais e criando oportunidades para as participantes. Apesar de não abordarem diretamente o exercício de suas ocupações nas respostas, as estudantes trazem em suas narrativas diferentes olhares a respeito de seu cotidiano.

Ao falar de suas angústias pessoais como assunto de debates em sala de aula, e o desconforto que isso a causa, Virgília mostra o quão complexa é a experiência de um estudante negro na universidade. Duramente atravessada pelo exercício de suas próprias

vivências e de suas dificuldades, ainda se espera que essa aluna denuncie e debata as violências cotidianas que enfrenta. Essa “responsabilidade” atribuída às estudantes contra suas próprias vontades, gera desconforto e sofrimento, e torna penoso o processo de formação. Para representar essa experiência, Virgília coloca em seu mapa a figura de um cachorro despedaçado, e um grupo de pessoas em volta, apenas observando aquela cena.

Ao escolher um livro como seu símbolo pessoal, Maria vai falar de sua motivação pessoal em ter uma titulação acadêmica, mas também da possibilidade de usar a educação como uma forma de transformar a sua realidade e de outras pessoas como ela. Por meio da educação, ela reconhece que pode ocupar outros espaços, ascendendo econômica e intelectualmente. A trajetória de Maria explicita esse desejo por ascensão, o qual ela descreve de maneira bastante clara, quando diz que seus objetivos não são só baseados em ideais, mas também práticos como o acesso à renda, fato que ela considera decisivo para ter chegado até a pós-graduação.

O “X” no centro do rosto de Ana, evidencia o apagamento que de suas origens, ao ser elogiada por seus traços finos e pouco negroides. Ela conta que antes de se entender como uma mulher negra, ela sentia que sempre havia algo que precisava ser mudado em relação a sua aparência. Ao se posicionar, sente que quebra uma expectativa que as pessoas têm em relação a ela, que ela não saiba conversar, argumentar sobre determinados assuntos.

Juntos, esses três relatos mostram as diferentes formas que o racismo perpassa o cotidiano de uma estudante negra. Em seu corpo, no encontro com o outro e em seu processo e formação, a mulher negra vai precisar dar conta de uma experiência de vida muito mais complicada do que apenas provas, seminários, artigos a serem feitos. Ela precisa lidar o tempo todo com uma série de questões que muitas vezes vão além da esfera acadêmica. Considerar essas questões, é, de certo modo avançar no sentido de construir uma universidade que seja mais adequada e respeitosa a diversidade que a compõe e também um agente capaz de produzir novas oportunidades, às populações que foram historicamente negligenciadas dos espaços do saber.

A principal chave de leitura para a análise dos dados produzidos, é de que as três narrativas se ancoram ao conceito de trajetórias de vida, já que, ao longo da produção do

mapa, as participantes foram trazendo diversos momentos de sua experiência geral/ocupacional até o momento em que entram na universidade, e também sobre como tem sido o seu cotidiano nesse espaço. Numa primeira análise temática dos mapas e das narrativas das participantes (BRAUN; CLARKE 2006), alguns temas foram recorrentes, sendo eles:

- a) A construção da identidade; O marcador de cor;
- b) O racismo: como ele cria obstáculos?
- c) A educação como um caminho para a ascensão social e econômica.
- d) O apoio (ou não) dos docentes.

Os quatro temas abaixo descritos emergiram das narrativas das participantes. A ordem de apresentação não reflete, necessariamente, graus de importância ou frequência nas narrativas.

1. A construção da identidade; O marcador de cor

“Eu tenho um certo problema com profissionais de beleza, com cabeleireiro, depilador, enfim tratamentos estéticos, eu prefiro fazer em casa do que ter que ir para lidar com comentários racistas [...] então eu prefiro aprender sozinha [...] do que ter que ficar num ambiente ouvindo coisas que eu não gosto. ”

As participantes fizeram percursos singulares na construção de suas identidades como mulheres negras. Esta é uma característica já bastante discutida na literatura em relações étnico-raciais, já que, por ser carregada de estereótipos negativos, muitas vezes a negritude é negada e duramente combatida, pelo próprio indivíduo, sua família e seu entorno . No Brasil, não se nasce negro, torna-se negro. O encontro entre a pessoa e sua origem vai fazer com que, ao longo do tempo, ela faça uma leitura mais crítica da realidade que a cerca. Diante disso, nós encontramos nas falas das estudantes, tanto uma motivação fortemente influenciada pela sua própria história, mas também da responsabilidade de, como mulher negra, ocupar e modificar os diferentes espaços que

transita. A construção da identidade, vai passar pela estética, a cultura e o relacionamento com si mesmo e com os outros

2. Como o racismo cria obstáculos?

Assim como a literatura tem mostrado, são inúmeros e absolutamente diversos os exemplos de experiências com o racismo no cotidiano das pessoas negras, no Brasil. No espaço universitário, os exemplos são frequentes:

“Eu falo mais alto e isso meio que quebra uma expectativa que as pessoas tem sobre mim, de que como se eu não fosse capaz de falar bem, como se eu não fosse capaz de saber argumentar, de saber conduzir uma conversa, de saber sobre determinados assuntos”.
(Maria)

3. A educação como um caminho para a ascensão social e econômica.

A motivação para estudar e superar as experiências com o racismo foi um elemento constante na narrativa de Virgília. Através da educação, Virgília e sua família esperam “protegê-la” dos estereótipos sociais:

“Os meus pais têm a questão do apoio financeiro que é essencial para eu estar aqui, além do apoio financeiro elas também dão outros tipos de apoio que outras pessoas também dão, por exemplo, apoio emocional no sentido de validar minhas emoções, validar meus sentimentos, no sentido de escutar o que eu tenho para dizer, e ao menos tentar entender, também no sentido de tentar entender quem eu sou hoje”. (Virgília)

4. O apoio (ou não) dos docentes.

Um aspecto que chamou a atenção, principalmente na história narrada por Virgília foi a importância do suporte recebido por professores. Este fator evidencia a importância da

preparação e do engajamento docente na implementação de políticas afirmativas, já que configura um dos pilares da permanência na universidade.

“Acho que, por conta da liberdade que ela [professora] dá para a gente, eu sempre detestei [...] professor que faz piadas sobre você não estar cumprindo as expectativas dele, professor controlador, professor que é muito rígido, inflexível e tal. [...] e ela confiou no que eu fiz, eu acho que isso foi o diferencial sabe? (Virgília)

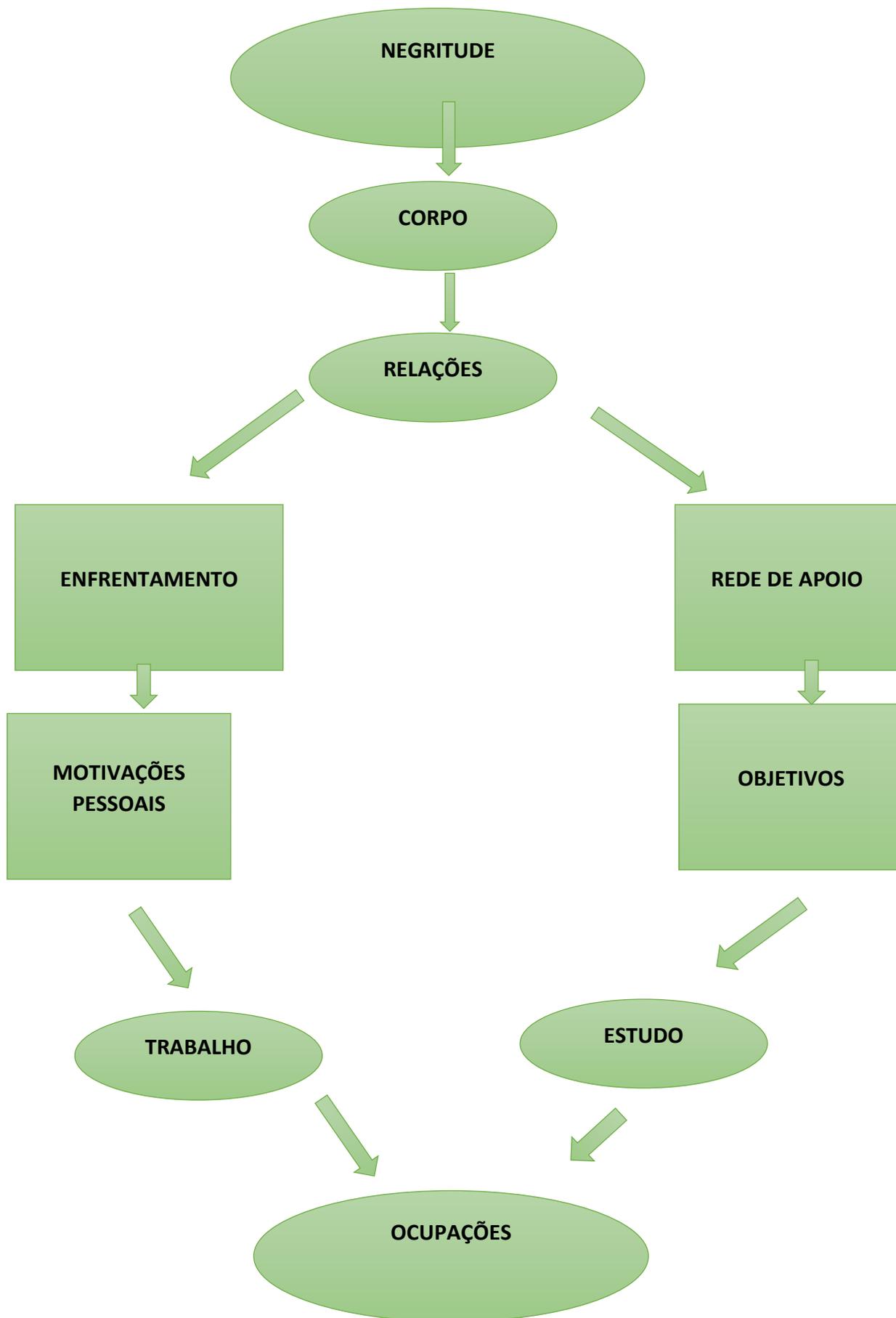


Figura 3: Matriz analítica das transcrições

Na literatura sobre a experiência do racismo no âmbito educacional, constata-se que, apesar de haver iniciativas no sentido de se explorar o impacto do racismo entre homens e mulheres, estudos sobre como isso se dá no ensino superior, no caso das mulheres negras, são raros no Brasil (MARCONDES, et al. 2013). Para a análise dos nossos dados, foi estabelecida uma matriz analítica discutindo os aspectos relacionados às dinâmicas de poder e resistência presentes na fala das participantes. Esta perspectiva contempla alguns aspectos que o mapa corporal narrado oferece: a produção da imagem (construção do mapa), a descrição da imagem e a mensagem para uma eventual audiência dos mapas - aqueles que vão ver os mapas (Rose, 2016). Além destes elementos, destacamos a incansável motivação das participantes, aspecto que nos pareceu fundamental nesta pesquisa. Ao final, as imagens produzidas e relatadas, bem como a mensagem ao público, foram associadas às reflexões das participantes durante a produção dos mapas, o que resultou em um painel vivo e sincero, do cotidiano de cada participante (CLANDININ,2007). O estudo expôs diferentes dimensões do cotidiano de estudantes universitárias, que é atravessado por suas subjetividades, tais como os preconceitos que elas enfrentam, bem como a angústia e a ansiedade que marcam a experiência ocupacional nos lugares que elas têm ocupado.

Para compreender a experiência educacional de uma etnia que foi historicamente banida dos espaços de educação formal, é preciso produzir pesquisas que promovam metodologias em que negras e negros possam contar a sua própria história, além de serem eles mesmos os proponentes destas perguntas. Esta pesquisa, evidenciou o desejo dessas mulheres em usarem a educação como seu principal mecanismo de defesa e combate às desigualdades (HARPER, 2012). E quando elas falam disso, elas se referem às dificuldades que elas mesmas encontram, mas também às que suas colegas e futuras alunas da universidade virão a sentir. Dados dessa natureza são importantes para avaliar quais são as principais expectativas das estudantes negras em relação à universidade, mas também considerar se a própria universidade dispõe dos recursos necessários para fazer com que essa experiência seja justa, prazerosa e adequada aos diferentes perfis que ingressam todos os anos.

O conteúdo dos mapas mostrou um rico acervo de relatos, em primeira pessoa, de como tem sido a vivência do ambiente universitário, assim como suas próprias avaliações, críticas e contribuições. Nossos achados estão em conformidade com estudos anteriores (BAIR; STEELE JR 2010) que também apontaram o enfrentamento constante de estereótipos negativos, tanto nos espaços públicos, como até em situações que deveriam ser protetoras, como o espaço doméstico e religioso.

A construção da identidade; O marcador de cor

Em suas narrativas, as participantes revelam como as experiências da construção da identidade negra se dão de formas diferentes no corpo e muitas vezes, se misturam com os tópicos de autoestima e autocuidado. É necessário salientar que estas experiências se constroem no encontro com o outro. Na família, na escola e trabalho e\ou na faculdade é que essas impressões a respeito de si mesma serão forjadas. Podemos supor então, que esse encontro é marcado por diferenças culturais, sociais e também de etnia. Em seu livro *Nem preto nem branco, muito pelo contrário*, Lilia Moritz Schwartz (2012) relata como os conceitos de negritude e branquitude foram trabalhados durante muito tempo, nas literaturas infanto-juvenis. Os contos remontam uma realidade cotidiana marcada por diversos preconceitos, quando relacionam o fato de se tornar “negra como a noite” como um castigo para a princesa, ou ainda que ao se beijarem o casal apaixonado se torna claro e brilhante.

A construção da identidade, e a qualidade da relação que o indivíduo estabelece com o seu corpo, não estão separadas do ambiente que ele vive e das influências que ele recebeu ao longo da vida. Virgília exemplifica isso de diversas formas, trazendo tanto questões de etnia quanto de gênero. Começando por seu cabelo, ela conta que seu cabelo “*não é o que queriam que ele fosse*” e também a sua falta de definição “*é difícil de definir, ele é liso ou cacheado, ondulado, ele é o que.*”

Em sua narrativa, Virgília também fala das transformações de seu corpo. Nesse momento, ela nos conta sobre o desconforto com as mudanças de seu corpo e a hipersexualização do qual ela se sente vítima. Pode-se perceber então, que representações negativas de mulheres negras no Brasil decorrem da combinação entre racismo e sexismo e se manifestaram de diversas formas (CARDOSO, 2014).



“Os seios, desde início da adolescência, cresceram além das outras meninas e isso trazia olhares para eles que eu não queria, então não só relação aos seios, mas a cintura, em relação a outras partes do meu corpo em que eu não queria que as pessoas olhassem, que as pessoas tocassem, não me vissem só enquanto um corpo sabe, uma garota de doze anos que tem os seios desenvolvidos.”

“Mas meus traços não são tão nítidos quanto da minha mãe, aí isso acabava (inaudível) nem branca, nem quanto negra e nem morena, isso é uma coisa que eu sempre quis desvincular, eu não queria que as pessoas me vissem enquanto aquela imagem de sexualidade”

No relato acima, Virgília descreve como o desenvolvimento natural de seu corpo foi marcado pela hipersexualização. Além de uma questão de gênero, a hipersexualização da mulher negra foi um tópico bastante discutido por teóricos das relações raciais.

As mulheres negras, além de serem colocadas em posições subalternas também são caracterizadas de forma exótica e erotizada, e são menos validadas que as outras (BUTLER, 2004). E, apesar de ser um tema presente no cotidiano de jovens dos mais diversos perfis étnicos, quando combinada com o racismo, a hipersexualização se torna ainda mais violenta e naturalizada. Uma das maneiras que Virgília encontra, para tentar romper com tais estereótipos, é a tentativa de se desvincular do título de “morena”, por entender que tal nomenclatura está muito carregada de conotações sexuais. (DE MELO; LOPES, 2015)

Ana, por outro lado, nos conta sobre o processo de se descobrir como uma mulher negra, e sobre os impactos essa descoberta teve em sua autoestima. A psicanalista Neusa Santos Souza escreveu: “ser negro não é uma condição dada a priori. No Brasil, ser negro é tornar-se negro.” No caso de Ana, esse processo se inicia quando ela vem pra São Paulo e começa a ter mais contato com o movimento negro da Universidade.



“Antes da universidade eu não tinha parado para pensar que eu sou uma mulher negra, acho que foi no meio do mestrado, nem foi durante a graduação, quando vim pra São Paulo, que tive mais contato com leituras e movimentos negros em si, e deu um estalo, sou uma mulher negra e mudou várias percepções que eu tinha do mundo, mudou como eu interpretava algumas relações e como eu me enxergo, como eu lido com o meu corpo, com quem eu sou.”

Assim como afirma Nilma Lino Gomes, em seu artigo “Educação e identidade negra”, a identidade não se constrói no isolamento. E é no encontro com seus pares, que Ana vai construir e assimilar a sua identidade enquanto negra. Esse movimento identitário vai permear os mais diferentes aspectos de sua vida, e dar novos contornos as suas relações, escolhas pessoais e profissionais. Essa construção será, porém, marcada por diversas dificuldades, já que o ambiente escolar tem seus próprios preconceitos e estereótipos, tornando esse processo de construção ainda mais desafiador (GOMES,2002).

“Gosto do que eu vejo no espelho, antigamente, talvez eu não gostasse tanto do que eu via, sempre achava que precisava melhorar, sempre precisava mudar, tinha alguma coisa que não estava encaixando. Hoje eu me olho no espelho e para mim está tudo muito bem, me sinto muito bem. Com meu corpo, com meu cabelo, com quem eu sou de fato. E antes sempre estava faltando alguma coisa.”

A afirmação de Ana a respeito de sua aparência, evidencia o conflito entre o que é considerado “belo” e “feio” em nossa cultura, e também como o rompimento com esses estereótipos pode representar a ruptura com o lugar de inferioridade e introjeção que foi colocado a respeito de sua aparência, e a fazia ter essa sensação de que algo não estava se encaixando. O empoderamento a respeito de sua aparência traz, entre outras coisas, o

sentimento de autonomia, ao poder adotar diversas formas de usar seu cabelo. Podemos considerar também, que a forma como seu corpo e cabelo são vistas por ela mesmo, e também pelo outro é de certa maneira, uma forma de aprendizado a respeito das relações étnico raciais (GOMES, 2017).



“um x de negação e ligação, de porque eu sou bonita por ter traços finos, então é como se negasse o que eu sou, eu sou negra, mas não tão negra. Então eu queria meio que fazer um X da questão de negação, de cancelamento, ”

No Brasil, a intensidade do preconceito está fortemente relacionada aos traços negroides. Quando a Ana nos fala a respeito desse “cancelamento”, ela sugere que quando uma pessoa elogia os seus traços finos, elas estão de certa forma cancelando a sua negritude. Por outro lado, também é sabido que quando uma pessoa negra tem fortes traços negroides, isso pode ser lido como um “defeito” físico, e explicitado em comentários de colegas e familiares próximos. (NOGUEIRA, 2007). Além de diversos comentários negativos a respeito de sua imagem, muitas vezes pessoas negras também são expostas direta ou indiretamente a comentários a respeito de seu caráter, disfarçados de brincadeiras, como as expressões “preto não é gente”.



“E tem essa foto, esqueci o nome dela, é considerada a sex simbol., mas ela não tem cabelo, teoricamente longos, então a parte da Feminilidade que as pessoas esperam das mulheres não tão tocante, mas ela tem os traços bem forte, então acho que ela me representa, ela faz as quebras dessas histórias de que é bonito até aqui, é bonito até quando os traços são finos, até quando se tem os cabelos encaracolados e não crespo. ”

Assim como Ana, Jemima Oso, uma mulher nigeriana-americana de Phoenix, Arizona, cita a importância da atriz Lupita Nyong'o na construção de imagem corporal mais positiva:

“Para mim, Lupita Nyong'o é uma deusa, porque ela tem esse cabelo curto e natural e é, você sabe, na mídia, tem sido chamada de 'A Mulher Mais Bonita do Mundo', e pode fazer esses penteados diferentes. Eu sempre penso comigo mesmo "uau, minha vida seria tão diferente se eu a visse quando era mais nova, você sabe." Só porque é a primeira vez e ainda é realmente uma das únicas representações do cabelo de uma mulher negra natural que se parece com a minha (Oso)

(OSO, 2016)

Quando mulheres negras se veem representadas na mídia, surgem ideais de beleza novos e mais condizentes com as suas próprias características étnicas. Isso beneficia a aceitabilidade social do cabelo crespo natural e também faz com que mulheres como Ana, tenham novos referenciais (WILKERSON, 2017). E no caso de Lupita Nyong'o, esse referencial vai trazer não só uma nova celebridade a quem mulheres podem se inspirar visualmente, mas também numa narrativa também compostas pelas aflições causadas pelo preconceito. Lupita declarou que quis clarear e pele na adolescência e fez insistentes pedidos para Deus em suas orações, confessando de forma intensa e ao mesmo tempo sensível, como foi difícil superar o racismo que sofria e como sofria por não poder deixar de ser negra.

Considerações finais

Relevância para o campo da terapia ocupacional

Esse estudo apresenta diferentes dimensões do cotidiano de estudantes universitárias, que é atravessado por suas subjetividades, tais como os preconceitos que elas enfrentam, bem como a angústia e a ansiedade que marcam a experiência ocupacional dos lugares que elas têm ocupado. Nesse sentido, o campo da terapia ocupacional se

apresenta como um lugar favorável para a discussão e a produção de práticas emancipatórias e reflexivas, nos diferentes processos aos quais uma estudante universitária negra é exposta, principalmente quando essa experiência se torna aflitiva e dolorosa.

Ouvir essas estudantes é caminhar rumo a uma universidade cada vez mais plural, democrática e pautada na equidade, considerando a realidade objetiva e as necessidades de quem acessa o ensino superior. Buscamos revelar a resiliência dessas participantes, bem como suas formas de enfrentamento das dificuldades, enfatizando que, ainda assim, todas três apresentam bons resultados acadêmicos e são referências para seus pares.

Além de contribuir com a produção científica acerca do cenário de inserção dessa parcela da população historicamente excluída dos espaços elitizados, como a academia, esta pesquisa pretendeu indicar um panorama positivo em relação ao curso de vida dessas mulheres. Esperamos que o estudo contribua para as novas gerações de meninas negras, que apesar de parecerem ter um futuro previamente traçado, podem estabelecer novas trajetórias por meio da escolaridade e da emancipação intelectual.

Sobre o uso da metodologia

Os mapas corporais narrados, utilizados como ferramenta de pesquisa, foram fundamentais para conectar as participantes de uma maneira mais artística e pessoal às suas narrativas. Ao contarem suas histórias e as reproduzirem no mapa, elas puderam produzir uma peça que contava, de maneira visual, a história da vida delas e também os objetivos e sonhos que elas tinham para o futuro. A produção do mapa também possibilitou um processo de maior intimidade entre a pesquisadora e as participantes, quando as convidou a produzir os seus próprios dados e não só a responder a um conjunto de questões. Pode-se perceber também, que ao criar símbolos para as experiências e explicar os seus motivos, a participante acaba participando ativamente do processo de análise dos dados, pois ela imprime suas próprias impressões a respeito dos desenhos que produziu.

Sobre os próximos passos

Com a produção dessa pesquisa, foi possível evidenciar as diferentes estratégias de enfrentamento que estudantes negras na universidade têm usado para fomentar seus processos de permanência, assim como mostrar quais são seus principais sonhos e expectativas para seu futuro pessoal e também das próximas mulheres que virão após elas. Ao se estudar a dimensão ocupacional de um fenômeno como o racismo na universidade, diferentes atores vão compor esse cenário. Os docentes, amplamente citados durante as entrevistas como fontes de apoio para as participantes em seus percursos de formação, seriam uma fonte de dados bastante útil para a discussão de estratégias na perspectiva daquele que oferece o apoio. Futuros projetos deveriam considerar suas perspectivas, identificar suas motivações, revelar como foram as próprias trajetórias de docentes envolvidos com alunos diversos, evidenciando a leitura que fazem do espaço acadêmico como um espaço de construção de democracia e legitimação de direitos. Também poder-se-ia considerar a produção de pesquisas dessa natureza no ensino básico e médio, buscando identificar como se constroem as trajetórias e identidades de jovens negros, e como as diferentes dificuldades encontradas ao longo do caminho, se traduzirão em diferentes modos de vida.

Trabalhos futuros

A produção dessa pesquisa, evidenciou o desejo dessas mulheres em usarem a educação como seu principal mecanismo de defesa e combate às desigualdades. Quando elas falam disso, elas se referem às dificuldades que elas mesmas encontram, e também as que suas colegas e futuras alunas da universidade virão a sentir. Dessa forma, acredito que a produção de mapas corporais com estudantes no processo de preparação para universidade, como secundaristas e estudantes de cursinhos, seria importante para avaliar quais são as principais motivações dessas estudantes, assim como seus medos e esperanças em relação a essa etapa da formação profissional e pessoal. Dados dessa natureza são importantes para identificar quais são as principais expectativas das estudantes negras em relação a universidade, mas também considerar se a própria universidade dispõe dos recursos necessários para fazer com que essa experiência seja

justa, gratificante e adequada aos diferentes perfis de estudantes que ingressam todos os anos.

Em relação aos dados apresentados na presente pesquisa, acredito que os estudo individual de cada uma das trajetórias destas estudantes, considerando seus discursos e também a construção de seus símbolos, seria interessante para traçar paralelos entre sua história de vida e suas escolhas, assim como as influencias dos diferentes acontecimentos influenciaram ou não a sua vida, e como cada uma delas se organizou interna e externamente para lidar com isso. O conteúdo produzido durante a confecção dos mapas das participantes, mostrou um rico acervo de relatos, em primeira pessoa, de como tem sido para cada uma delas a vivência do ambiente universitário, assim como suas próprias avaliações, críticas e contribuições. Ouvir essas estudantes é caminhar rumo a uma universidade cada vez mais plural, democrática e pautada na equidade, considerando cada vez mais a realidade e a necessidade de quem a acessa.

Na revisão de literatura, constatou-se que, apesar de haver iniciativas no sentido de se explorar o impacto do racismo entre homens e mulheres, ainda há uma ausência de estudos sobre como isso se dá no ensino superior, notadamente no caso das mulheres negras. Por outro lado, a realização desta pesquisa tentou explicitar, com base na análise dos mapas corporais e das narrativas dessas mulheres, os efeitos das discriminações de raça e gênero entre estudantes negras autodeclaradas da Universidade Federal de São Carlos. Busquei mostrar a resiliência dessas participantes, bem como suas formas de enfrentamento das dificuldades, o que permite que, ainda assim, tenham bons resultados acadêmicos e sirvam de referência para seus pares.

Além de contribuir com a produção científica acerca do cenário de inserção dessa parcela da população historicamente excluída dos espaços elitizados, como a academia, essa pesquisa indicou um panorama positivo em relação ao curso de vida dessas mulheres e pode servir de aporte para as novas gerações de meninas negras, que apesar de parecerem ter um futuro racialmente traçado, podem estabelecer novas trajetórias para si mesmas, por meio da educação e da emancipação intelectual.

Referências

ALMEIDA, L. C. Protagonismo e autonomia de mulheres negras, a experiência das organizações: Geledés e CRIOLA. *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.

ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAINAC, Mônica Duarte. Ingresso e permanência no ensino superior: a assistência estudantil em debate. *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016.

APRILE, M. R.; BARONE, R. E. M. Políticas públicas para acesso ao ensino superior e inclusão no mundo do trabalho—o programa universidade para todos (PROUNI) em questão. In: VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA. *MUNDOS SOCIAIS: SABERES E PRÁTICAS*. Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. (S.l.: s.n.), 2008.

ARAÚJO, Jhonatas Ramos Macario. O espaço escolar não é o lugar de/para estudantes negros: uma análise da trajetória escolar de estudantes quilombolas. In: *Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*. 2018.

BAIR, A. N.; STEELE, J. R. Examining the consequences of exposure to racism for the executive functioning of black students. *Journal of Experimental Social Psychology*, Elsevier, v. 46, n. 1, p. 127–132, 2010.

BORGES, G. F. S. A educação superior no Brasil e a busca pela democratização: trajetória histórica até os tempos de SISU. *Revista Evidência*, v. 14, n. 14, 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.

BUTLER, J. (2004). *Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory*. In: BIAL, H. (Org). *New York: The performance studies reader*

CAMPOS, L. A.; JÚNIOR, J. F. “Globo, a gente se vê por aqui?” Diversidade racial nas telenovelas das últimas três décadas (1985–2014). *Plural (São Paulo. Online)*, v. 23, n. 1, p. 36–52, 2016.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014.

CARTER-BLACK, J. A black woman's journey into a predominately white academic world. *Affilia*, Sage Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 23, n. 2, p. 112–122, 2008.

CHILDERS-MCKEE, C. D.; HYTTEN, K. Critical race feminism and the complex challenges of educational reform. *The Urban Review*, Springer, v. 47, n. 3, p. 393–412, 2015.

CLANDININ, D. J.; ROSIEK, J. Mapping a landscape of narrative inquiry: Borderland spaces and tensions (pp. 25-76). *Handbook of Narrative Inquiry Mapping a Methodology*, p. 251-279, 2007.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Soc. estado.**, Brasília , v. 31, n. 1, p. 99-127, Apr. 2016 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso>. access on 05 June 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>.

CRUZ, M. H. S.; PINTO, M. D. F. Apresentação: Gênero e educação no ensino superior. *Revista Feminismos*, v. 5, n. 1, 2018.

DAVIS, Kathy. Intersectionality as buzzword, a sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful. *Feminist Theory*, vol.9(1), 2008, p. 67-85.

DAVY, C. et al . Aspects of the resilience and settlement of refugee youth: a narrative study using body maps/aspectos da resiliência e da integração social de jovens refugiados: um estudo narrativo usando mapas corporais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 22, n. 2, 2014.

DE MELO, Glenda Cristina Valim; LOPES, Luiz Paulo Moita. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de elogio que fere. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 54, n. 1, p. 53-78, 2015.

DEW, Angela et al. "Living the life I want": A framework for planning engagement with people with intellectual disability and complex support needs. *Journal of Applied Research in Intellectual Disabilities*, v. 32, n. 2, p. 401-412, 2019.

EVANS-WINTERS, V. E.; ESPOSITO, J. Other people's daughters: Critical race feminism and black girls' education. *Educational Foundations*, ERIC, v. 24, p. 11-24, 2010.

FORDHAM, S. "Those loud black girls":(black) women, silence, and gender "passing" in the academy. *Anthropology & Education Quarterly*, Wiley Online Library, v. 24, n. 1, p. 3-32, 1993.

FORTUNA, Cláudia Prado. Os institutos históricos e geográficos e alguns discursos sobre os negros na história da nação. *Patrimônio e Memória*, v. 7, n. 1, p. 101-117, 2011.

GALHEIGO, S. M. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, v. 14, n. 3, p. 104-109, 2003.

GARRIOTT, P. O.; LOVE, K. M.; TYLER, K. M. Anti-black racism, self-esteem, and the adjustment of white students in higher education. *Journal of Diversity in Higher Education*, Educational Publishing Foundation, v. 1, n. 1, p. 45, 2008.

GASTALDO, D. et al. Body-map story telling as research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping. Toronto: Creative Commons, 2012.

GASTALDO, D; RIVAS-QUARNETI, N.; MAGALHÃES, L. Body-map storytelling as a health research methodology: blurred lines creating clear pictures. In: DEU. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 2018. v. 19, n. 2, p. 26.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz-Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica, 2017.

HARPER SR. Race without racism: how higher education researchers minimize racist institutional norms. *Rev High Ed*. 2012; 36(suppl1):9-29.

HOOKS, B. Intelectuais negras. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

JEAN-MARIE, G.; WILLIAMS, V. A.; SHERMAN, S. L. Black women's leadership experiences: Examining the intersectionality of race and gender. *Advances in Developing Human Resources*, SAGE Publications Sage CA: Los Angeles, CA, v. 11, n. 5, p. 562–581, 2009.

KAPLAN, B.; MAXWELL, J. Evaluating health care information systems: Methods and applications. *Qualitative Research Methods for Evaluating Computer Information Systems*. JG Anderson, CE Ayden and SJ Jay. Thousand Oaks, Sage, 1994.

KÜSTERS, Y. *Narrative Interviews. Grundlagen und Anwendungen (2. Auflage)*. Wiesbaden: Hagener Studentexte zur Soziologie. 2009.

LIMA, M. Trajetória educacional e realização socioeconômica das mulheres negras. 1995. 489 p.

MARCONDES, M. M. et al. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2013.

MURASAKI, A. K.; GALHEIGO, S. M. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 24, n. 1, 2016.

NASH, J. C. Practicing love: Black feminism, love-politics, and post-intersectionality. *Meridians: feminism, race, transnationalism*, JSTOR, v. 11, n. 2, p. 1–24, 2011.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo social*, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2007.

OSO, JEMIMA. “Natural Hair Journey.” Personal interview. 11 Mar. 2016.

WILKERSON, Kamina. The natural hair movement. *Continuum: The Spelman Undergraduate Research Journal*, v. 1, n. 1, p. 8, 2017.

PARADIES, Y. et al. Racism as a determinant of health: a systematic review and meta-analysis. *PloS one*, Public Library of Science, v. 10, n. 9, p. e0138511, 2015.

PATEL, Kamlesh; HEGINBOTHAM, Chris. Institutional racism in mental health services does not imply racism in individual psychiatrists: Commentary on... Institutional racism in psychiatry. *Psychiatric Bulletin*, v. 31, n. 10, p. 367-368, 2007.

PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia (Ed.). Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística--IBGE, 2013.

PINHEIRO, Luana et al. Retrato das desigualdades de gênero e raça. 2008.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas; SANTOS, Jocélio Telas dos. Sistema de cotas: um debate. Dos dados à manutenção de privilégios e de poder. 2006.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *sur*, v. 13, n. 24, p. 99-104, 2016.

RIBEIRO, M. Mulheres negras: uma trajetória de criatividade, determinação e organização. *Estudos Feministas*, JSTOR, p. 987–1004, 2008.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: An introduction to researching with visual materials*. sage, 2016.

ROSEMBERG, F. Educação formal, mulher e gênero no brasil contemporâneo. *Estudos feministas*, SciELO Brasil, v. 9, n. 2, p. 515, 2001.

SANTOS, Gyne Gessyka Pereira; SALES, Sandra Regina. A Mulher Negra Brasileira, Miscigenação e o Estupro Colonial: O mito da democracia racial e o reforço de estereótipos racistas e sexistas. *Caderno Espaço Feminino*, v. 31, n. 1.

SANTOS, S. A. d. Movimentos negros, educação e ações afirmativas. Tese (Doutorado) — Universidade de Brasília (UnB), 2007.

SMITH, S. Black feminism and intersectionality. *International Socialist Review*, v. 91, p. 6–24, 2013.

SOLOMON, J. Living with x: A body mapping journey in the time of hiv and aids, facilitator's guide. *Psychosocial Well-being Series: Regional Psychosocial Support Initiative (REPSSI)*, 2007.

SOLORZANO, D.; CEJA, M.; YOSSO, T. Critical race theory, racial microaggressions, and campus racial climate: The experiences of african american college students. *Journal of Negro Education*, JSTOR, p. 60–73, 2000.

SOUHAMI, A. *Transforming youth justice*. (S.l.): Willian, 2012.

SPEARS, A. K. Institutionalized racism and the education of blacks. *Anthropology & Education Quarterly*, Wiley Online Library, v. 9, n. 2, p. 127–136, 1978.

TRUONG, K. A.; MUSEUS, S. D.; MCGUIRE, K. M. Vicarious racism: a qualitative analysis of experiences with secondhand racism in graduate education. *International Journal of Qualitative Studies in Education*, Taylor & Francis, v. 29, n. 2, p. 224–247, 2016.

WALKER, M. When racism gets personal: Toward relational healing. *The Power of Connection: Recent Developments in Relational-Cultural Theory*, Routledge, p. 69, 2013.

WINKLE-WAGNER, R. Not feminist but strong: Black women's reflections of race and gender in college. *Negro Educational Review*, Negro Educational Review, Inc., v. 59, n. 3/4, p. 181, 2008.

Encontro 1: O ingresso no Ensino Superior

Fonte: Traduzido e adaptado de Gastaldo, D., Carrasco, C., & Magalhães, L. (2012).

Entangled in a Web of Exploitation and Solidarity, disponível em

http://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Entangled_in_a_web_of_exploitation_and_solidarity_LQ.pdf

Primeiro Encontro: O ingresso no Ensino Superior	
Introdução ao Mapa Corporal (5 minutos)	
Propósito	<p>Apresentar a relação do mapa corporal com os objetivos do projeto</p> <p>Quebrar qualquer intimidação relacionada aos processos de desenho e criação</p> <p>Apresentar os materiais artísticos e demonstrar como cada um pode ser usado</p>
Instruções	<ol style="list-style-type: none">1. Antes de iniciar as atividades, use alguns minutos para lembrar a participante o que é o mapa corporal e como ele será usado neste estudo.2. Percorra a sala com a participante, mostrando os materiais que estão disponíveis para uso e como usá-los (se for o caso).3. Pergunte `a participante se ela tem alguma dúvida antes de iniciar o processo.
Roteiro	<p>Como parte deste projeto de pesquisa, vamos usar o corpo como ponto de partida para explorar como a vinda para a universidade influenciou a sua vida, incluindo sua saúde e bem-estar. Vamos tentar capturar essa experiência de forma visual. Juntas, vamos desenhar seu corpo e o mundo em que você vive. Para isso, usamos vários materiais, como recortes de revistas, fotos da internet, etc. Você não precisa ter medo de fazer esse trabalho.</p>

	<p>Estou aqui para ajudá-la. O mais importante é que você se concentre e aproveite o processo.</p> <p>Você tem alguma pergunta?</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Exercício 1: Traçando o corpo no papel (20 minutos)	
Propósito	Para traçar um esboço do corpo da participante em uma postura que seja mais característica de quem ele é, ou como se sente em relação ao seu status de estudante universitária.
Instruções	<p>Peça `a participante para tirar seus sapatos e qualquer roupa extra, que você acha que irá interferir no desenho do esboço (por exemplo, casaco/ jaqueta volumosos, sapatos molhados, etc).</p> <p>Peça `a participante que pense em uma postura que represente quem ela é (por exemplo, postura de trabalho, postura de sono, postura de dança, etc.).</p> <p>Peça `a participante que se deite na folha de papel nessa postura, enquanto você traça o esboço do corpo</p> <p>Durante o processo, faça perguntas á participante para manter o fluxo da entrevista (veja exemplos de perguntas a serem feitas abaixo)</p> <p>Depois de ajudar `a participante a se levantar, peça-lhe que escolha uma cor que melhor representa quem ele/ela é, para o esboço do corpo.</p> <p>Finalmente, peça `a participante que escolha uma cor de tinta para representar suas mãos. A participante pode optar por imprimir as mãos diretamente no mapa corporal usando luvas e tinta fresca, ou pode querer apenas contornar suas mãos.</p>

Roteiro	<p>O primeiro passo na criação do mapa corporal é traçar a forma do seu corpo nesta folha de papel. Remova os seus sapatos ou qualquer roupa / acessórios excessivos que você esteja usando (por exemplo, casaco volumoso, chapéu, bolsa, etc).</p> <p>Gostaria que você pensasse em uma posição ou postura que melhor representa quem você é, o trabalho que você faz ou o que você sente sobre seu status atual.</p> <p>Qual a posição do corpo melhor representa você? (Postura de estudo, dormindo, dança, etc).</p> <p>Ao traçar o corpo, pergunte o seguinte: Como você se descreveria como pessoa antes de entrar na universidade? Você é diferente agora? Como? O que você acha que foi a maior mudança? Como você se descreve agora?</p>
---------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Exercício 2: Vinda para UFSCar (30 minutos)	
Propósito	Explorar representações das raízes da participante, identidade, país de origem e onde estão agora. Mapear a jornada física que elas fizeram e seus motivos para a vir para universidade.
Instruções	<p>Peça `a participante que pense e desenhe no mapa corporal, símbolos que representam sua cidade de origem ou quem elas costumavam ser.</p> <p>Peça `a participante que pense e desenhe no mapa corporal, símbolos que representam o lugar em que estão agora, como elas vivem em São Carlos.</p>

Roteiro	<p>Agora, vamos resumir as principais experiências na universidade. Através deste exercício, queremos captar de onde você vem, como você chegou aqui e como você vive atualmente.</p> <p>Que símbolos vêm à mente quando você pensa na sua comunidade de origem? Esses símbolos ou imagens representam pessoas que ainda vivem lá? Sua Cultura (por exemplo, alimentos ou bebidas tradicionais, um esporte ou atividade)?</p> <p>Agora, eu quero que você pense sobre sua vinda para a UFSCar. Quais símbolos ou imagens representam esta jornada? (Por exemplo, outros lugares que visitou antes de chegar, um avião, um barco, atravessar a fronteira).</p> <p>Agora, o que vem à mente quando você pensa sobre o lugar de onde você veio e onde você mora agora? Como você se sentiu quando chegou pela primeira vez aqui em São Carlos? E na UFSCar? Por favor, descreva como você mora atualmente São Carlos. Como é a sua vida aqui?</p>
---------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Lição de Casa (5 minutos)	
Orientação	<p>Desenhe um símbolo que representa sua jornada de migração para São Carlos (Pense onde este símbolo deve ser colocado no corpo (por exemplo, no topo da cabeça, no peito, na perna) você será perguntada sobre o significado do símbolo e sua localização no corpo.</p> <p>Crie um slogan pessoal (por exemplo, uma declaração, um ditado, um poema, uma música, uma oração, algo que você diz para si mesmo) que descreve sua filosofia de vida ou seu pensamento atual sobre sua vida. Pense em um lugar para colocar o slogan na folha</p>

Encontro 2: A Vida De uma Estudante Negra

Primeiro Encontro: Símbolo pessoal e slogan (10 minutos)	
Propósito	Representar sua experiência enquanto estudante usando um símbolo que seja significativo. Entender o que motiva ou a perspectiva que as participantes têm sobre a vida através do uso de um slogan.
Instruções	Qual símbolo e slogan pessoal você escolheu para descrever sua experiência acadêmica? Quem é você como pessoa? Qual é a sua filosofia de vida? O que a mantém motivada? Você pode explicar o significado do seu símbolo e slogan? Onde, no mapa corporal, você gostaria de colocar esses símbolos e por quê?
Roteiro	<i>Peça à participante que mostre seu símbolo e slogan e explique seu significado. Se a participante desejar cortar e colar seu símbolo e slogan diretamente no mapa corporal, ajude-a e certifique-se de perguntar sobre o significado do lugar em que o colocam. Se elas forem esboços, peça à participante que reproduz uma versão maior dele no mapa corporal ou sugira que seja digitado e impresso em fonte maior, através de um computador.</i>

Exercício 2 - marcas sob/sobre a pele (35 minutos)	
Propósito	Representar visualmente o ambiente e / ou as relações de trabalho da participante. Representar o impacto do racismo em seu corpo (Nota: Os impactos podem ser físicos, mentais, emocionais, etc.)

Instruções	<p>Peça `a participante que pense sobre os problemas que ela gostaria de ver representados ao redor do corpo (por exemplo, condições físicas de estudo, segurança, relações hierárquicas, exploração, relações abusivas com colegas, etc.)</p> <p>Depois disso, escolha alguns (ou todos) os problemas que foram criados e peça `a participante que desenhe ou use símbolos para expor tais experiências. Em seguida, peça `a participante que visualize o mapa corporal da cabeça aos pés e identifique marcas específicas em seu corpo. Estas podem ser cicatrizes, feridas ou lesões passadas ou áreas de estresse e emoção. Peça `a participante que pense em suas cicatrizes de uma maneira ampla (ou seja, podem ser marcas sob ou sobre a pele, por exemplo, lugares que foram submetidos à cirurgia, áreas no corpo onde experimentou dor, doença ou estresse, dieta / nutrição, tabagismo).</p> <p>Peça `a participante que desenvolva essas marcas fazendo perguntas como: Onde você conseguiu essa cicatriz? Como isso aconteceu?</p> <p>Então, enquanto você estiver desenhando alguns desses símbolos, lembre-se de perguntar `a participante o que ela faz para a promoção da própria saúde. Você pode querer considerar coisas já mencionadas na entrevista.</p>
Roteiro	<p><i>Neste exercício, eu gostaria que você pensasse em como representar suas condições de estudo, seu relacionamento com colegas de trabalho e como essas coisas afetam seu corpo e seu bem-estar.</i></p> <p><i>Que tipo de figuras, símbolos ou imagens representam sua vida como estudante na UFSCar? Como você quer representar os lugares em que você estudou? O que você faz/fazia? Como é o seu espaço físico de estudo e pesquisa? Alguma coisa incomoda você? Que tipo de medidas protetoras / preventivas são utilizadas para lidar com esses desconfortos? Como você quer representar o tipo</i></p>

	<p><i>de relacionamento que você tem com seus colegas de trabalho e estudo?</i></p> <p><i>Agora, se você olhar o seu mapa corporal da cabeça aos pés, você pode identificar marcas específicas em seu corpo relacionadas à sua saúde anterior ou atual? (Por exemplo, cirurgia, doença, estresse, problemas de saúde mental, tabagismo, etc.).</i></p> <p><i>Como você conseguiu essas marcas em seu corpo? O que aconteceu? O que você costuma fazer para evitar ficar doente? Você faz algum tipo de tratamento ou algo que você julgue ajudar na promoção da sua saúde?</i></p> <p><i>As participantes podem querer mostrar todas ou nenhuma das suas marcas - respeite isso e tente apoiar o processo incentivando as marcas que estão dispostas a descrever. As marcas de desenho podem trazer experiências traumáticas, por isso é importante analisar as participantes, oferecer-lhes uma interrupção, ou se necessário, aconselhamento.</i></p>
--	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Exercício 3 – auto retrato (10 minutos)	
Propósito	Fazer com que as participantes olhem e pensem com cuidado em relação a como elas aparecem no mundo. Aquelas que optaram por mostrar suas costas (debruçadas no papel) não realizaram esse exercício.
Instruções	<p>Peça `a participante que pense sobre quem é e o que seu rosto lhe diz.</p> <p>Em seguida, peça `a participante que pense sobre como ele aparece para o mundo. Então, peça `a participante que use essas ideias para desenhar no rosto ou usar símbolos e <i>clip arte</i> para representar determinadas características.</p>

Roteiro	<i>Todas nós temos as mesmas características localizadas mais ou menos da mesma maneira em nossos rostos (por exemplo, olhos, nariz e boca), mas todos nós somos diferentes e nossos rostos significam coisas diferentes para pessoas diferentes. Como você gostaria de representar seu rosto? Como ele é.</i>
----------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Lição de Casa (10 minutos)	
Instrução	Para a nossa próxima entrevista, faça as seguintes preparações: Uma mensagem para o público em geral sobre sua condição atual (por exemplo, sua vida como estudante, seu status, sua vida em São Carlos, sua experiência na universidade).

Anexo XX

Entrevistas semiestruturadas precisa ter tanto espaçamento?

1. Entrevista com Virgília - Estudante de Graduação

Primeiro Encontro

Aline:

Antes de fazermos os exercícios dois e três, você precisa escolher uma cor para carimbar suas mãos no mapa.

Virgília:

Laranja. Ela passa uma sensação feliz, alegre.

Aline:

Ontem você desenhou o mapa, os símbolos que representam sua cidade. Você desenhou os símbolos que representam São Carlos? Não.

Aline:

Então continuamos daqui.

Aline:

Quero que você desenhe agora os símbolos de onde você está agora, que é São Carlos. Mas primeiro gostaria que você falasse um pouco sobre esse lugar, agora que está aqui na UFSCar, quais os símbolos que representam essa jornada para cá e depois fale sobre aqui.

Virgília:

Eu sinto que aqui eu vivo numa bolha, são símbolos universitários. Relacionados a coisas do curso. Eu não consigo pensar num símbolo físico, pensar em pessoas, relacionamentos, amizades.

Aline:

Então vamos por partes, primeiro vamos pensar os símbolos que representam a sua jornada para cá, pode ser um símbolo, uma palavra, pode ser uma experiência, um lugar que você visitou, como veio para cá, se foi de ônibus, de carro, símbolos que demonstram essa transição. Quando você pensa nessa mudança para cá, o que isso te remete, primeiro na depois falamos do contexto já em São Carlos.

Virgília:

Ontem eu não consegui pensar em nada, hoje eu não sei se consigo achar essas imagens. A transição acho que, eu já sabia que eu ia sair de casa. Quando eu voltei em 2015 eu morei fora de casa, em 2016 eu voltei para casa dos meus pais mas tinha certeza que eu ia sair dali independente de como eu sabia que ia sair e do tempo que levasse, um mês, dois meses ou meses. Eu sabia o que eu não queria, não queria estar em um lugar onde eu não tivesse rede de apoio, onde as pessoas julgassem e não me dessem apoio. Queria estar em um ambiente em que os professores se valorizam por serem abusivos. Hoje eu percebo que aqui tem várias questões, competitividade, meritocracia, desempenho, mas sabia que ia ser assim, já considero as estratégias para conseguir lidar melhor com as coisas aqui. Por exemplo, é muito importante você ter amigos, então eu estava aberta (inaudível) tudo que tinha, que eu achava interessante eu fazia, palestras, eventos científicos, eu tenho vários certificados, várias coisas e participava de atividades extracurriculares. Acho que símbolos seria esse engajamento, essa vontade querer, de não só me formar para graduação, porque eu já sabia que os professores iam passar a matéria, eu achar um saco, vou estudar ela vai passar a matéria e ponto. Eu sei que na sala de aula não existe mais

esse negócio enriquecedor, então eu sempre busquei essas coisas mais fora, (inaudível), então eu percebi que estar aberta, de que querer conhecer certas pessoas, contar um pouco sobre mim, ainda tenho muito dificuldade de falar sobre mim, então às vezes sei lá, eu percebi o quanto que eu não valorizava minha história, (inaudível), de não entender que algumas coisas aconteceram e colocar isso para fora, daí talvez colocar uma janela ou uma porta aberta.

Aline:

Então vamos fazer assim, você já desenhou os símbolos que representam sua cidade. Agora a gente vai conversar um pouco sobre os símbolos que representam a UFSCar depois você vai criar elementos de ligação entre elas com esses elementos que você apontou, pode ser a porta, você vai isso no seu mapa tentar ligar esses pontos. Então agora que você mora aqui na UFSCar eu queria que você falasse o que você pensa daqui, como você se sentia na primeira vez que você veio para cá, o que você descreveria atualmente, essas coisas.

Virgília:

(Minha irmã e dois sobrinhos, a gente viajou cinco horas, uma viagem longa cansativa, daí já estava em contato com uma veterana, ela me mostrou onde era (inaudível), conversar pra relaxar, me mostrou a moradia também, (inaudível), e a primeira vez que eu vim aqui eu senti uma certa paz, como se, uma certa desconfiança certas que talvez eu tivesse encontrado um lugar que pudesse chamar de meu, nem era só um sentimento era tipo, mesmo que eu não seja feliz aqui eu vou tentar ao máximo ser feliz aqui, mesmo que aconteça muita merda eu vou tentar ao máximo lidar com a situação e criar uma ambiente (inaudível), de um ambiente que tem várias árvores, não gosto de cidade, de concreto. (Inaudível).

Aline:

Quando você pensa em sua cidade natal e pensa em São Carlos, o que vem na sua mente?

Virgília:

Penso em uma cidade é, uma cidade chata e sem graça que as pessoas criticam demais as outras, parece tudo muito estagnado, quando eu volto pra lá eu tento pensar não nas coisas que estão estagnadas (inaudível), as coisas que mudaram e estão em construção nas coisas físicas, que cada vez que eu volto pra lá tem um novo comércio, uma nova loja, tem alguma nova (inaudível), fast food, acho que é uma coisa que não tem descrição, no sentido de agente de mudança sabe, acho que na verdade acaba deixando mais nítido as desigualdades sociais sabe, quem vai ter acesso a comer em determinado fast food, quem vai ter acesso a ir no shopping, então acaba sendo mais marcadores de diferença e desigualdade. E aí aqui na bolha que eu estou tem essa questão de saber, (inaudível), as coisas parecem que são muito rápidas, as coisas mudam aqui de um dia pro outro,(inaudível), se você não for em uma aula você está perdendo alguma coisa, na mesma semana você tem vários eventos e você tem que ficar escolhendo, olhando assim, esse ano estou fazendo estágio em uma escola pública e lá eu percebo o quanto eu estou na bolha, essa sensação por que São Carlos também (inaudível), também é uma cidade do interior e por mais que tenha várias universidades públicas as pessoas da cidade ainda não tem acesso, tipo na minha sala tem quatro ou cinco pessoas de São Carlos, ainda sim quem são essas

pessoas, são pessoas que sempre estudaram em escola particular, sempre tiveram a melhor educação, no quesito de acesso,(inaudível) é legal essa pergunta porque em minha cidade natal também têm USP e a UNESP que é próximo, tem algumas universidades particulares mas não é considerada uma cidade universitária, então eu sei o que é você viver numa cidade universitária sem muito morador que é a minha cidade natal e morar numa cidade universitária sem ser universitário que é aqui em São Carlos, tem muito essa visão de que a gente acha que, nossa universitário(inaudível), a gente morre de orgulho de falar disso, só que não, algumas pessoas, alguns empresários específicos que tem controle desses espaços que são feitos especialmente para universitários, tanto aqui quanto lá, aqui eu tenho acesso a esses espaços específicos por conta dessa questão e quando eu volto para minha cidade natal eu não frequento esses espaços que são específicos para universitários porque não faz sentido nenhum (inaudível).

Aline:

E de que espaço você está falando?

Virgília:

De lojas, (inaudível), cafeteria, então tem várias lojas de cafeteria (inaudível), melhores cafeteria do Brasil, melhor café e isso. Então o que acontece, quem tem acesso da cidade é de uma classe média alta, eu fui duas vezes nesse espaço, nem é tão caro, só que você entra num lugar e olhada de cima a baixo, você nem se sente confortável naquele ambiente. (Inaudível). Às vezes é uma coisa velada ou o tratamento, essa questão que é péssimo também, às vezes a prefiro comprar loja virtual do que em loja física, porque a pessoa vai olhar sua cara e nem te dá bola e isso é péssimo.

Aline:

E você acha que isso está relacionado ao que?

Virgília:

Acho que pela questão do racismo mesmo, porque (inaudível), você vai ver quem chefe de alguma empresa, lá tem várias empresas, tem a Yakult por exemplo, ela fica na minha cidade natal, e para trabalhar na Yakult a rotina é muito pesada para ganhar pouco, então você trabalha e trabalha e nem ganha. Meu pai também trabalha em fábrica e também ele trabalha muito ele tem vários problemas de saúde e não tem tanto respaldo, tem essa questão. A minha irmã ela é professora, quando ela passou no

Concurso para trabalhar na prefeitura perguntaram para ela se ela, meio que duvidaram de ela ter passado, no sentido de que como assim você que é filha de empregada passou minha sobrinha que sempre estudou em escola particular e não conseguiu passar. Eu passei por uma situação quando eu voltei no último feriado, fui ao supermercado com minha mãe, ela encontrou um casal que aparentemente morava na mesma rua que minha mãe está morando eu nem conhecia elas. Minha mãe adora falar com os outros, que eu faço psicologia estou numa universidade pública, a primeira coisa que elas vieram perguntar se eu fazia psicologia, daí falei que sim e elas disseram “ah que legal nossa”, e minha mãe falou que eu tinha vindo pra ficar uns dias (inaudível) eu tinha vindo só pra votar, e a moça perguntou “onde você está?”, falei que estava aqui em São Carlos, aí a moça ficou nossa, aquela admiração, pensei que você estivesse fazendo uma particular daqui mesmo, não sei eu tenho muita raiva quando isso acontece, a moça já fez isso meio

que uma cara de cú, eu tento de interpretar esses tipo de situação por causa do viés social, de que em outras situações às vezes as pessoas pressupõem que eu trabalho em qualquer outra coisa, que eu trabalho, que eu faça alguma coisa de atendente, enfim de qualquer trabalho, não consegue me associar como estudante universitária, as vezes eu lembro de uma situação que eu estava com um aluno da engenharia, que eu fazia, estava no ônibus e me senti muito desconfortável e o ônibus estava lotado, porque já tem um pouco de eu não gostar de estar muito em locais lotados de aglomeração e nesse dia percebi que as pessoas ficavam olhando, pra minha blusa meio que fazendo uma cara meio estranha, nossa mais como assim, meio que parece que não faz sentido pra elas, daí eu tive essa sensação, enfim eu percebi que às vezes quando eu usava moletom da engenharia as pessoas olhavam pra mim, meio de surpresa.

Aline:

Aqui ou em sua cidade natal?

Virgília:

Minha cidade natal. Aqui eu acho que tu sais poucas vezes quando estava na psicologia, na verdade até prefiro não sair para não ter essa impressão estranha da cidade, porque acho que às vezes eu quero ao máximo tentar me incluir como uma cidadã, como uma moradora de São Carlos. Então acho que eu usar uma roupa da UFSCar, vai acabar meio que marcando muito uma hierarquia, por exemplo, no estágio se eu fui uma vez ou nenhuma vez com minha roupa, com a blusa de psicologia, para que enfim não trazer esse (inaudível) em relação com a universidade (inaudível).

Aline:

Queria que você falasse como você mora aqui em São Carlos e como é sua vida aqui.

Virgília:

Desde que eu vim para cá, eu moro na moradia, (inaudível) em um apartamento em que eu fui pra lá por conta desse contato com minha veterana de psicologia e era um apartamento que só morava garotas negras LGBTQs, então desde que eu falei pra ela que eu tinha interesse ela já citou isso, já me passou essa questão, foi uma identificação muito (inaudível), eu achava que era importante eu ir conhecendo enquanto uma garota negra e enquanto uma garota LGBTQ, então foi um espaço que a gente compartilhava vários assuntos relacionados a negritude, desde (inaudível), nossas experiências de diárias, de falar sobre nossa família, da gente falar sobre amizades, (inaudível) a gente tentava ao máximo fazer um ambiente com menos julgamento, de validar as emoções, os sentimentos uma da outra, e isso foi em 2017 e nesse ano, tipo no primeiro ano foi muito corrido, então no primeiro semestre quase não tive muito esse contato frequente com as meninas da casa, porque tinha aula das oito da manhã às seis da tarde, daí eu fazia atividades extras, e com isso eu acabava que voltando para casa para dormir. Eu percebia que isso acabava enfraquecendo nosso vínculo, (inaudível) então no segundo semestre eu decidi que era melhor eu viver, que eu tentar ao máximo, a cada semestre parar e pensar, o que foi bom e o que não foi tão bom e nos primeiros semestres eu percebi que eu estava focando demais em querer ser amiga do pessoal do meu curso, (inaudível) e não tanto em casa. Então segundo semestre eu acabei preferindo sair pra rolê com o pessoal da minha casa, deixar de estudar um pouquinho para conversar, depois eu preferi fazer tudo isso porque que era importante para mim ter esse convívio. No outro lugar em que eu vivia eu tinha alguns problemas de relacionamento com minhas colegas de quarto, para mim foi um fator que decidi sair, então eu decidi que era legal eu começar a me envolver mais nos assuntos da casa e foi assim o segundo semestre. Depois várias confusões que teve em casa a gente, cada uma foi seguindo para um canto, daí eu mudei de apartamento neste ano de 2018, e nesse ano eu também, estávamos com receio de onde a gente mudava, por conta de a gente querer manter essa característica, que era do nosso apartamento de ter mulheres negras e LGBTQ, por sorte nós conseguimos achar um apartamento que as meninas eram negras e aí foi já de cara a gente já conseguiu criar um vínculo, criar

assuntos muito similares, e desde que entrei lá várias histórias, várias situações e ao mesmo tempo eu me senti muito confortável lá dentro pra falar sobre coisas, porque às

vezes você chega em casa e só quer falar uma coisa inútil né, eu sinto que lá era mais fácil para isso. E minha vida aqui acaba que sendo, se resumindo muito a obrigação, por mais que eu esse ano estou tentando sair de algumas atividades extra curriculares e diminuir algumas coisas que eu percebi que estavam me fazendo mal, de sobrecarga(inaudível), a cumprir horas de estágio, esse semestre comecei a fazer atividade física, too fazendo tai chi, ta sendo muito pra relaxar, porque eu já fiz yoga antes e exercício físico pra mim eu acho que tem uma coisa ligada com energia e espiritualidade, então não faz muito sentido eu ir na academia, ficar puxando ferro, é uma coisa que você sente no corpo e no tai chi eu sinto essa energia.

Aline:

Com essas ideias que a gente conversou, eu queria que você pensasse e escolhesse algum símbolo ou todos os símbolos que representam como você, o lugar que está agora, como você vive em São Carlos.

Aline:

Terminou? Queria que você olhasse para o seu mapa e falasse um pouco sobre o que você colocou, porque você colocou.

Virgília:

Essa questão do tempo, (inaudível), eu percebi que o céu daqui é mais estrelado do que o de lá. (Inaudível), coloquei próximo a cabeça porque está me lembrando, (inaudível), o lugar que eu aprendi a ser (inaudível), nossos valores são importados (inaudível). Meu pai é evangélico e minha mãe católica, então esse embate em casa sempre teve, no sentido de que você vai para qual lado, aí eu fui muito influenciado pela minha irmã a seguir o catolicismo, fiz primeira comunhão, fiz catequese, crisma, só que não faz nenhum sentido para mim, eu não acredito (inaudível), não traz nenhum sentimento nem bom nem ruim, e eu percebo o quanto as pessoas ao meu redor

(Inaudível), e por conta disso eu acho que não dá para fingir que não tem, toda vez que eu ligo para minha mãe e ela se despede ela diz “fica com Deus”, durante um tempo eu dizia para ela não falar isso, para ela não usar (inaudível) religiosa, só que eu percebi que não faz sentido, ela não usar esse sentido de expressão, sendo que é uma coisa de importância

Para ela. Essas coisas então representam o que tenho que entender o lugar é assim, (inaudível), tinha espaço nesse ambiente. (Inaudível). Eu percebo que

Ainda é uma coisa (inaudível), acabo me questionando. Eu coloquei algumas bicicletas porque é um meio de transporte que eu utilizo muito, coloquei algumas pessoas, bem geral mesmo, sem nenhum traço sem gênero, cabelo longo, porque são pessoas pra mim, (inaudível), tanto aqui quanto lá, de olhar essas pessoas, se elas têm uma relação,(inaudível), essa vigilância tanto do meu corpo do que eu faço ou deixo de fazer, aqui também tem, (inaudível), se você está muito em festa você é assim se você não está

é “assado”, coloquei alguns itens que são essenciais na minha vida aqui que é o notebook, o celular, são itens uso praticamente todo dia, uso para graduação, para falar com amigos com minha irmã. Inaudível, eu tenho a sensação de que sempre está atrasado e sempre tem coisas pra fazer, essa correria, essa questão de o tempo aqui é um tempo que parece que te atropela, parece que é um tempo se você não souber lidar com ele, ele vai te esmagar, te destruir, daí eu coloquei dois relógios um menor e outro um pouco maior, perto da cruz, (inaudível), em minha cidade natal parece que eu tinha muito tempo e eu ficava muito chateada, muito em casa então parecia que o tempo não passava, (inaudível) eu pra escola, voltava pra escola, parecia que eu não fazia nada, só ficava em casa, não saía, tinha poucos amigos, então parecia que o tempo era maior, (inaudível) parecia que tinha menos coisas pra fazer e é bem diferente daqui.

Virgília:

Coloquei uma (inaudível) em baixo, (inaudível) quando eu tinha sete anos, (inaudível) tu conversa com ele. Até hoje eu tenho na minha cama. Inaudível, quando eu volto para minha cidade natal eu levo, é como se fosse uma proteção, às vezes eu deixo ele aqui em São Carlos justamente para pensar, se eu deixar ele aqui eu vou ter que voltar, (inaudível). A cor mais escura tem (inaudível) está ficando mais cheio de concreto, em contraste com as aves, com um ambiente mais fresco, mais verde e também um pouco dessa repressão silenciosa, (inaudível). Para mim eu estar aqui para algumas pessoas não faz sentido, (inaudível), no enterro da minha avó que foi em julho, minha tia perguntou quando eu ia casar,

Quando eu ia ter filho, aí eu disse que não sabia, nem sei se vou casar, nem sei se quero ter filho, minha prima com minha idade tem dois, três filhos, para mim não faz sentido essa vida, ter filho para mim agora não é minha intenção. Aí eu contornei de roxo, porque acho que é uma cor que representa transformação (Inaudível) coisas constantes, e acho que isso é uma das coisas que quero levar para minha vida, não estagnar, de não achar que comprou uma certeza.

Aline:

Tem alguns símbolos que você já falou, então a proposta para agora é você apresentar esses novos elementos no mapa e criar elementos de transição entre sua cidade natal e São Carlos, então você pode desenhar coisas que remetam seu deslocamento de um lugar para o outro.

Aline:

Símbolos que representam sua vinda pra UFSCar, um lugar que você visitou antes de chegar, se você veio avião, barco, de carro, ônibus. Você sinalizar no seu mapa elementos que ligam um lugar a outro.

Segundo encontro

Aline:

Queria que você apresentasse para mim o seu símbolo e o slogan e explicasse o seu significado.

Virgília:

Eu desenhei (inaudível).

Virgília:

Eu desenhei uma borboleta, várias borboletas nos espaços porque é uma coisa que dessa sensação de liberdade, de (inaudível), voar com as próprias asas, a borboleta passa por um processo até virar borboleta e isso talvez seja relacionado com processo de amadurecimento, e de quanto ele é contínuo por mais que tem uma borboleta maior, tem as menores que também vão crescer, ter suas próprias asas, seguir seus próprios rumos e tal. O slogan coloquei em três fases, a primeira, um dia por vez, que foi quando eu fazia engenharia e percebi que devido à sobrecarga a gente precisa viver um dia de cada vez, no sentido de tarefas, você tem uma tarefa para amanhã e tenho outras pra hoje, eu vou me preocupar com a de hoje, e a de amanhã eu vou tentar adiantar, mas vou fazer a de amanhã, amanhã. Delimitar bem essa questão de a gente tem vinte e quatro horas e que nessas vinte e quatro horas a gente não vai criar mais horas além disso. Inaudível, dar mais duas horas para você fazer uma coisa que você não fez hoje. E a gente tem que entender que vinte quatro horas e usar essas vinte quatro horas com a maneira que a gente puder, o mesmo que eu faça tudo independente, foi ontem, hoje é hoje e amanhã e ponto, um dia por vez. E uma pedra por vez no sentido de trazer um pouco aquele tema do monge, que no meio do caminho tinha uma pedra, e também nessa questão de enfatizar de que os monges tiraram as pedras, (inaudível) várias coisas no caminho e tentar ao máximo pegar essas pedras e construir um castelo, construir uma coisa que vale a pena e essas que a gente não saber lidar também acaba virando o tipo de castelo que a gente não goste, mas enfim, elas existem. E as sementes é no sentido de espalhar, a gente é o agente de mudança, se a gente está aqui (Inaudível), estamos na universidade pra mudar alguma coisa, em vez de ficar repetindo os mesmos métodos as mesmas experiências,

também no sentido de que a gente se entender, de que a gente não vai salvar o mundo, eu faço um curso de saúde, (inaudível), as vezes tem discursos de que a gente sempre precisa estar bem, precisa saber lidar com o público, saber lidar com coisas que às vezes a gente não sabe lidar, a gente também tem que entender que é falho em alguns momentos e tudo bem, então essa questão de tipo a semente por mais que pareça pequena, por mais que pareça indefesa, por mais que dependa (inaudível), as vezes ela floresce as vezes não. Mas enfim a gente tem que transformar isso em um, perceber que mesmo assim ações pequenas, mesmo pontuais a gente já está ao menos trazendo alguma coisa para as pessoas, trazendo um ponto de vista que talvez vai fazer ela refletir. Não temos controle, sobre tipo, a gente não vai encontrar uma forma mágica, para a pessoa ser feliz para o resto da vida, então a gente ao menos pensar em coisas pequenas e a pessoa vai também se descobrindo, a gente não vai levar a pessoa, a gente vai tentar acompanhar durante um tempo finito.

Aline:

Então se você desejar e quiser colocar o seu símbolo e seu slogan no seu mapa, você precisa escolher o lugar e colocar, mas aí é preciso que você pense em qual lugar você vai colocar o símbolo e qual lugar você vai colocar o slogan, e fale porque você escolheu esse lugar.

Virgília:

Eu queria colocar o símbolo na região do estômago, por conta de remeter a borboletas no estômago e que sai do chão, que eu acho que eu tenho uma certa paixão pela mudança, então essa questão de não achar que está pronto. O slogan, no braço talvez. Uma coisa mais visível.

Aline:

Como que você gostaria de representar os lugares que você estudou? O que você fez, faz e cada uma delas.

Virgília:

Por mais clichê que seja os ambientes estudantis que eu fui (inaudível) é muito local fechado, tinha que usar uniforme, até a oitava série eu estudei no SESI, lá tinha essa questão muito forte do uniforme, de você precisar usar, e eu lembro que uma vez eu fui de calça de moletom, e eu tomei advertência por estar com essa calça de moletom, só que eu estava com a calça de moletom por que minha mãe não tinha comprado de uniforme, tinha que cantar o hino nacional, tinha algumas normas e regras que não fazia sentido pra mim, mas eu tinha que cumprir, e eu lembro que quando eu mudei pra escola técnica e lá quebrou muito essas regras, do uniforme por exemplo que não era obrigado a usar, mas assim eu preferia usar, por conta de não ter que usar minhas roupas, (inaudível), e também eu não gostava muito das roupas que eu vestia, e eu não queria usar naquele ambiente escolar. Na escola técnica essas questões era mais fluida em relação à anterior e já na universidade, a UNESP ,antes de vir pra cá, é uma instituição em que eu vivia deslocada de vestimenta porque por exemplo, a maioria dos alunos eram classe A e B, lá tinha um uniforme, lá tinha um tipo de roupa que elas usavam, esse tipo de roupa era camiseta de marca, tipo Hollister, Oakley, (inaudível), você via várias pessoas (inadiável), com roupas parecidas, sempre deixando muito nítido aquelas marcas, estava muito quanto que elas se reconheciam também por conta desta vestimenta e aí eu percebi o quanto que nesse espaço de universidade pública não tem (inaudível). Eu tinha de me adaptar (inaudível) nesse contexto, então até hoje eu fico pensando em que roupa que eu vou vestir, que roupa eu vou colocar pra ir na aula, que roupa eu vou colocar pra ir no rolê hoje. Hoje eu acabo misturando um monte de coisa, um vou com roupa de rolê na aula, mais chique no rolê, e foda-se sabe, hoje eu tenho essa coisa mais fluída, e esses ambientes acabam representando para mim uma questão de sistemas, de normas de regras e padrões, e o quanto que eu não me vejo, na verdade eu me encontro em pares nesses ambientes com pessoas que na verdade também criticavam aquele ambiente, então meus amigos também eram aquelas pessoas tidas como invisíveis, então aquele jeito de ser aquelas pessoas que não tinham determinado corte de cabelo, determinada roupa então você acaba se identificando com essas pessoas.

Aline:

E como é o espaço físico, de estudo, de pesquisa, de moradia que você tem aqui em São Carlos?

Virgília:

Essa questão de espaço físico para estudo eu meio que quebrei essa ideia de ter um espaço, acho que todo espaço é um espaço para estudo, acho que em qualquer lugar a gente aprende, a gente aprende com

as pessoas, a gente aprende com os objetos, acho que não é uma coisa quadrada, terceiro piso da BCO é a melhor porque assim tem menos conversa, enfim, mas pra estudar digamos assim no sentido de ler texto, sentido de pesquisar para artigos tem alguns lugares, mas mesmo assim os lugares não são fixos, no sentido tipo seu eu não estudar em determinado local eu não vou conseguir ir bem na prova, então nos anos de graduação eu percebi que esse espaço onde eu estou, pode estar

caindo o mundo, mas se eu estou tentando estudar aqui vai ser um lugar mais adequado possível.

Aline:

Alguma coisa incomoda você nesses espaços ou nesse espaço?

Virgília:

Coisas externas talvez, às vezes é ruim de barulho, não consigo me concentrar bem. Se eu não me sinto bem nesse espaço eu acabo indo pra outro, então se eu estou tentando estudar aqui e não deu muito certo procuro outro lugar, tento (inaudível).

Aline:

E que medidas protetoras e preventivas você costuma lidar quando você tem esses desconfortos? Acho que medidas, não sei as vezes sair daquele ambiente, senão conversar com alguém sobre isso, ou escrever. Escrever pra mim é uma válvula de escape muito positiva, então eu tenho, não é um diário, tenho Encontro em que eu despejo quando eu estou muito mal e não quero falar pra ninguém, tem coisas que eu não me sinto à vontade para falar com as pessoas, por mais que eu conheça a mil anos, que seja minha mãe, não me sinto confortável. Eu sento e escrevo, senão eu tento me distrair, por exemplo, quando estou estudando a duas horas e parece que não está dando certo então eu vou fazer uma coisa, sei lá, vou fechar meu computador e vou conversar com alguém da minha casa, eu tento sair dessa Virgília universitária e ir pra uma Virgília amiga, de ver outros aspectos

da minha vida, de perceber que eu não sou só uma estudante universitária é uma parcela da minha vida, existem outras coisa eu não posso me definir só quanto estudante universitária, é até injusto (inaudível).

Aline:

E como que você representaria ou você quer representar o tipo de relacionamento que você tem com seus colegas de trabalho e de estudo?

Virgília:

É um relacionamento raso, um relacionamento pontual, relacionamento intencional, de algumas amigas superficial. Intencional no sentido de sempre buscar mais essa Virgília universitária, de tipo assim, quando eu estou com meus colegas de curso eu não quero que (Inaudível), eu quero ao menos passar uma imagem de que essa é a Virgília universitária e pronto, eu não quero falar da minha vida pessoal pra elas eu não me sinto à vontade para contar a história da minha vida numa aula, eu não me sinto vontade para falar sobre alguns aspectos da minha vida que aconteceram comigo naquele ambiente por que as vezes eu acho que, enfim, eu estou trabalhando nisso porque às vezes eu percebo que eu não faço isso por conta que de achar que elas não vão validar, por conta de ser uma insegurança, mas eu tento ao menos, por exemplo, essa questão de redes sociais eu saio pra vários eventos só que eu prefiro não ter um Instagram, prefiro não fazer stories com frequência para evitar mesmo essa questão de ter que ficar lidando com a opinião dos outros do que eu faço, do que eu deixo de fazer então eu prefiro fazer as coisas pra mim mesmo, prefiro tipo pensar que isso é pra que, pra eu me divertir ou pra mostrar pros outros que eu estou me divertindo, e aí com os outros colegas de casa tento manter um certo limite, que eu acho confortável saber sobre mim e do que eu não acho confortável e a partir disso a gente tentar ao máximo ter um relacionamento saudável para que a gente consiga fazer trabalho em equipe juntos, (inaudível), então acho que é importante por mais que eu discorde da opinião de algumas pessoas, por mais que enfim, algumas disparidades acho que ali naquele contexto é importante ao menos tentar ter uma relação boa.

Aline:

Então você já falou sobre os principais problemas e como essas relações funcionam, queira que você escolhesse alguns problemas desses que você citou ou todos e fosse desenhar no seu mapa corporal ou usar símbolos para expor as experiências, você vai colocar ao redor.

Aline:

Quais são as cicatrizes, como isso aconteceu?

Virgília:

Começando pelo cabelo, acho que questão da estética o quanto que meu cabelo foi e é ou não aceito, no sentido de não ser o que as pessoas queiram que seja, isso é difícil de definir, ele é liso ou cacheado,

ondulado ele é o que, até no ensino médio eu ia para a escola com meu cabelo preso, eu não sentia que ele era bonito, eu não queria soltar ele, eu não queria olhar para mim, (inaudível), cacheado, liso, ondulado e ter um feedback das pessoas sobre isso. Outra marca são os seios, porque desde início da adolescência elas cresceram além das outras meninas e isso trazia olhares para elas que eu não queria, então não só relação aos seios, mas a cintura, em relação a outras partes do meu corpo em que eu não queria que as pessoas olhassem, que as pessoas não tocassem, não me vissem só enquanto um corpo sabe, uma garota de doze anos que tem os seios desenvolvidos. De comentários amigos, demorei para querer usar sutiã porque eu não queria lidar com essa parte do meu corpo, de falar nossa tenho seios sabe e eu não queria. Outra marca é a axilas, mais (inaudível), no sentido de olhar em relação aos pelos, porque tinha muita preguiça de cortar pelos, das axilas eram as principais, então minha mãe ela sempre fazia piadas de que estavam grandes, que precisava cortar, mas eu sempre falava que eu ia cortar quando eu quisesse. Eu lembro que uma vez eu fui em um depilador e ela ficou assustada quando viu, porque ela falou que eu tinha muito pelo, aí eu nunca mais voltei. Eu tenho um certo problema com profissionais de beleza, com cabeleireiro, depilador, enfim tratamentos estéticos, eu prefiro fazer em casa do que ter que ir para lidar com comentários racistas, com comentários machistas, então eu prefiro aprender sozinha e tudo, e fazer as coisas que eu quero e aceitar do que ter que ficar num ambiente ouvindo coisas que eu não gosto. Uma marca mais geral, que eu coloquei de amarelo é em relação a natureza, é uma marca que tem um sentido de a minha alimentação, minha mãe ela tem de querer controlar a quantidade de comida que eu como, de controlar o que eu como.

Aline:

Você gostaria de comer mais do que sua mãe gostaria, (inaudível).

Virgília:

Não, é que assim (inaudível), a comida da minha mãe eu acho muito monótona, então eu como aquilo e fico tipo, tá faltando alguma coisa aqui, não sente o sabor, não sente uma coisa a mais, aí alguns alimentos minha mãe me recomenda, coisas fitness, coisas com fibra essas coisas, ela sempre comprava barra de cereal, pra ela aquilo era incrível e em um certo momento eu também gostava sabe, tipo eu quero outras coisas e não só comer essas coisas, mais ao mesmo tempo (inaudível), hoje eu consigo lidar melhor com a minha alimentação, (inaudível) me faz sentir muito fraca, me faz sentir como se a qualquer momento eu fosse desmaiar, como se a qualquer momento se alguém fosse me empurrar eu caísse, não só uma caída física, mas uma caída psicológica também, por mais que eu seja alta, em alguns e consigo me impor ainda acho que passa muito batido sabe, (inaudível). E a última marca que eu pensei (inaudível) mas eu acabei colocando porque é uma questão que eu vou levar pra vida, que foram os abusos sexuais que eu sofri na adolescência e durante a graduação, na adolescência foi uma pessoa muito próxima, que era meu primo, na época eu não tinha nem noção do que era, do que estava acontecendo, eu ainda tenho que conviver com ele num ambiente familiar e não contar pra ninguém, e minha família conseguiu falar sobre isso ano passado, na psicoterapia, e foi quando eu também olhei pra esse passado de modo a ver de quais as consequências que tiveram em relação a como foi a minha adolescência de como eu to agora. E acho que é isso, é uma marca bem profunda que eu to conseguindo realmente não fugir dela, porque eu percebi que em ano anteriores, situações e relacionamentos anteriores eu tentava ao máximo fugir, me esquivar, enrolar a pessoa, enfim várias estratégias de (inaudível).

Aline:

Essas marcas que você trouxe, são marcas que elas estão muito ligadas à subjetividade, são marcas que se expressam no seu corpo, mas coisas que dizem muito a seu respeito a sua experiência pessoal

Enquanto pessoa, você tem alguma cicatriz física? Alguma cicatriz que você se machucou, cirurgia (inaudível). O que você costuma fazer para evitar ficar doente, cuidar da sua saúde?

Virgília:

Várias coisas, eu acho que (inaudível), pra gente conseguir viver bem, então desde entender sobre os alimentos, entender o que é carboidrato, o que é (inaudível), e colocar isso na nossa rotina, a gente ter uma rotina (inaudível), então é importante (inaudível), eu percebi que na minha escola deram de presente para as pessoas garrafas de água, eu achei genial porque é uma coisa tão simples, mas que faz diferença, tem várias doenças relacionadas a falta de hidratação, essa questão também é que eu evito comer alimentos processados no sentido de desde fast food até essas coisas congeladas, então eu prefiro por mais que seja demorado eu prefiro fazer o arroz, fazer a carne de soja.

Aline:

Você é vegetariana? Eu sou.

Virgília:

E eu prefiro, enfim, ter uma relação com alimentação bem forte, bem significativa porque eu acho que a gente é muito o que a gente come, (inaudível) e eu acho que muitos alimentos estão relacionados a esse estilo de vida, (inaudível), eu tento por mais que algumas vezes, (inaudível), mas você é vegetariana, aí mais carne é tão bom, tipo eu não to falando para você parar de comer carne, eu não quero, eu não me sinto bem comendo alimento de animal morto.

Aline:

Isso teve algum momento específico da sua vida, que você optou ou você sempre foi vegetariana?

Virgília:

Não, foi um momento específico. Foi quando (inaudível) fui no médico cardiologista que eu estava com suspeita de que tinha problema no coração e ele fez vários testes, ele falou que estava tudo bem só que meu coração estava ruim e falou que precisava fazer atividade física, e eu nunca fui uma pessoa de fazer atividade física, então o que eu pensei além das atividades físicas, fui lá comecei a fazer yoga daí o professor era vegetariano, algumas pessoas de lá também, então tinha um pouco dessa vibe, senti um pouco de interesse fui procurar mais a fundo daí eu decidi mudar gradualmente, durante alguns meses eu não comia carne uma vez por semana, todo domingo eu não comia carne, depois eu fui aumentando até que depois tirando, carne bovina, carne de frango, ficou peixe durante seis meses, depois tirei os peixes, daí acho que isso foi em 2016, então de 2016 para cá teve alguns momentos pontuais que eu comi carne, (inaudível), comi croissant, comi algumas coisas, tanto por não ter a opção, que era a única coisa que tinha pra comer, e também porque deu muita vontade de comer, tinha um frango que a minha mãe fazia que era uma delícia, então teve um dia que eu queria comer esse frango, a vou comer frango e foda-se e fui lá e comi, então acho que essa escolha foi mais pessoal e mesmo, sempre tem uns comentários chatos, mais isso e aquilo e enfim, (inaudível) escolhi assim como continuar curso, como eu não gosto de atividades físicas, como corrida coisas de alto impacto, eu prefiro uma coisa mais exercício de relaxamento, exercícios que estão mais ligados com coisa espiritual e não somente uma coisa física, então as vezes me sinto muito tensa, estressada, então eu prefiro fazer exercício de relaxamento. Uma coisa que também talvez para a saúde, conhecer lugares novos, que for um mercado novo, ir no mercado novo e comprar coisa, sair para um lugar que você não conheça, conhecer outras pessoas, visitar amigos, conversar, pessoas que eu gosto

Aline:

A gente terminou esse exercício. Esse exercício é para a gente pensar um gente vai fazer seu auto retrato e como você aparece no mundo, (inaudível) características similares às outras pessoas, nós temos dois olhos, temos nariz, temos boca, mas tem outras coisas que são diferentes, então eu queria saber um pouco como você gostaria de representar o seu rosto, como você entende que ele é, considerando que tem esses aspectos que são gerais, mas tem aspectos que são seus, você pode pensar isso em um âmbito mais crítico, não precisa ser necessariamente das suas características estéticas, e como elas aparecem pro mundo, como que é a Virgília.

Virgília:

u acho que meu rosto, a pele, a tonalidade da pele do meu rosto se difere muito de algumas partes do meu corpo, isso é por conta de ter tomado mais sol em determinadas partes, eu usava muito roupa, muito blusa fechada, então até o pescoço era de uma cor e embaixo era de outra, ainda tem isso, uma coisa que eu esqueci de colocar ali mas posso te falar agora, são as marcas de espinhas que elas foram, que agora que elas estão diminuindo, mas durante minha adolescência inteira isso era muito nítido e marcante, tanto que as espinhas elas (inaudível) influenciaram como as pessoas me viam, entanto que passei por um processo de não querer olhar no espelho, num processo de aceitar como era, sempre estar em busca de tratamento estéticos, vários medicamentos, já tomei Oraculam, passei vários gel, fiz várias coisas. Em relação aos meus dentes, eu tinha um dente que era bem torto para um lado, então às vezes era uma das primeiras coisas que as pessoas olhavam pra mim e viam que meu dente estava torto, mas ai eu usei durante cinco anos ou mais aparelho e foi esse período que minha espinha estava toda empipocada, era incômodo, era aparelho, era óculos, era espinha o óculos eu também comecei a usar com doze, trezes anos, então as pessoas ainda me veem quanto inteligente, quanto aplicada, quanto aquela que sabe mais por estar usando óculos, as vezes não tem nem ideia do que a pessoa está falando sem nada de nada, botam fé de que não ela inteligente, ela é isso e aquilo, eu tentei ao máximo desvincular isso, mas às vezes eu reforçava, mas meus (inaudível) tão nítidos quanto da minha mãe, ai isso acabava (inaudível) nem branca, nem quanto negra e nem morena, isso é uma coisa que eu sempre quis desvincular, eu não queria que as pessoas me vissem enquanto aquela imagem sexualidade, quanto aquela imagem (inaudível), não queria mesmo, e os meus dentes aqui na frente tem um menor e um maior, hoje eu acho lindo, eu ficava incomodada, vamos fazer alguma coisa pra ficar tudo igual.

Minhas sobrancelhas são grossas e a do meu pai também, então isso me remete a uma memória dele. E meu cabelo ele remete aos meus pais porque cabelo do meu pai é liso, mas ele sempre fala que quando ele deixava o cabelo grande ficava ondulado, então ele se via no meu cabelo, no sentido de compartilhamento, ao mesmo tempo que minha mãe também se via no meu cabelo porque quando ela era mais jovem ela falava que tinha cabelo mais solto, hoje está um crespo mais definido.

Aline:

Então acho que é isso, você pode desenhar. Se você também quiser usar recorte de revista você pode.

Terceiro encontro

Aline:

Qual foi a mensagem que você escolheu colocar e porque colocar nesses lugares.

Virgília:

Eu escolhi escrever (inaudível), sai da sua bolha porque eu acho que a gente está muito focada aqui, a gente fica dentro da nossa própria bolha, ter amigos, (inaudível), reforçar muito o que é parecido na gente e afastar o que a gente não tem, o que a gente não consegue logo de cara entender, então é mais no sentido da pessoa e refletir que existem outras possibilidades além do que ela conhece (inaudível) nem menos nem mais, interessante que elas existem .Estão por aí (inaudível) locais visíveis no sentido de que, por exemplo, as minhas vestimentas costumam estar nas pernas e nos braços, além de que são locais que os homens fazem tatuagens, então essa mensagem é como se ela fosse uma tatuagem, várias espalhadas, (inaudível) tem um escrito sobre isso, (inaudível).

Aline:

Agora a gente vai para o segundo exercício que é o escaneamento do seu corpo, a gente tem quinze minutos para fazer esse exercício, o objetivo dele é representar os impactos de se ser estudante negra aqui na UFSCar, as relações sociais que você tem aqui como as de gêneros e de raça, acesso a serviços que a universidade pode promover ou inibir seu bem-estar, e localizar os lugares de força e poder pessoal no seu corpo. Então eu queria que você identificasse as experiências chaves que você enfrentou aqui UFSCar que se relacionam com o seu status de estudante questões de raça de gênero ou discriminação.

Virgília

A primeira que vem na minha mente foi o que aconteceu na sala de aula em uma disciplina chamada introdução às ciências sociais, essa disciplina ela é basicamente um método que ensina basicamente (inaudível), a gente faz vários seminários sobre vários textos, e um dos primeiros seminários era sobre raça e na minha sala existem pessoas que entraram pelas cotas raciais, no entanto a tonalidade de pele delas não faz com que os outros a reconheçam enquanto pessoas negras ou pardas então esse é um fator importante por conta de duas garotas negras, que se autodeclararam negras também, estavam fazendo parte

desse seminário, (inaudível), o seminário era praticamente uma aula inteira, então elas começaram a expor o tema e enfim existe um certo tabu quando vai se falar sobre raça e racismo. Inaudível, a sala ficava em silêncio e se inibiam em participar e eu percebia que em vários momentos vários colegas da minha classe olhavam pra mim como se estivessem esperando que eu falasse sobre aquele assunto, muito típico de a gente vai falar sobre

racismo, e vai falar a você enquanto pessoa negra fala pra gente como que é isso, enquanto esse debate inverso não acontece, e você pessoa branca como é isso pra você. E nesse dia específico eu me senti muito desconfortável na sala e não era um ou dois olhares, a gente estava em roda então eu estava visível para a sala toda, eu conseguia ver todo mundo e todo mundo conseguia me ver, então eu percebia aqueles vários olhares e teve um momento que eu não consegui ficar na sala, eu sai da sala e fui ao banheiro, chorei uns vinte minutos lembrando de vários momentos da minha vida, lembrando de história da minha mãe, da minha irmã e minhas histórias também que estão relacionadas a caso de racismo, daí depois desses vinte minutos eu voltei pra sala daí quando voltei já estava terminando o seminário e aí nesse finalzinho foi aberto para as outras pessoas falarem, foi mais uma conversa e em nenhum momento eu consegui falar, e essa questão de não conseguir falar nesses espaços é frequente, no sentido de as vezes eu não me senti confortável, pra em que alguns espaços a maioria é pessoas brancas e falar sobre o assunto, por exemplo, teve uma palestra que (inaudível), de psicologia esse ano, conversando um pouco sobre o assunto e me interessei e eu tinha algumas questões para fazer, mas no final, durante, eu não me senti à vontade, mesmo tendo pouquíssimas pessoas no auditório, era no máximo trinta pessoas e era um auditório grande, eu também estava cansada no dia e isso acabou que fazendo eu deixar pra lá e não fazer isso, não fazer perguntas sobre o assunto. Eu acho que um caso talvez, ainda não é certeza, mas uma curiosidade que talvez seja um caso de racismo institucional esteja relacionado a menor aprovação ainda da minha pesquisa com o comitê de ética aqui da UFSCar, é eu to fazendo uma pesquisa sobre família e relações sociais e são nove projetos onde eu participo sobre diversos assuntos, sobre gênero, sobre parentalidade, sobre aceitação de filhos LGBTs, sobre fazer bullying e em agosto nós enviamos o projeto escritos e tudo que era necessário para a plataforma Brasil, e todos os meus colegas de classe já conseguiram aprovação ou já tiveram alguma resposta, e até hoje a gente está no meio do

semestre e eu não obtive nenhuma resposta sobre a minha pesquisa, eu não sei o que aconteceu.

Aline:

Queria que você identificasse as experiências chaves que você enfrentou aqui na UFSCar que se relaciona com seu status de estudante ou questões de raça, de gênero e discriminação.

Virgília:

postura quando eu vou falar no seminário meu tom de voz muda eu falo mais alto e isso meio que quebra uma expectativa que as pessoas tem sobre mim, de que como se eu não fosse capaz de falar bem, como se eu não fosse capaz de saber argumentar, de saber conduzir uma conversa, de saber sobre determinados assuntos, e uma coisa que às vezes as pessoas elas associam é a fazer parte de atividades extracurriculares, por exemplo, eu entrei ano passado para a empresa júnior e esse entrar pra empresa júnior é uma das coisas que separam as pessoas do primeiro ano, a quem entrou na empresa júnior é considerado ótimo, é bem estereótipo de, por que assim pra conseguir entrar tem um processo seletivo e esse processo seletivo acaba valorizando determinadas coisas, se já tem experiência, enfim tem um perfil que elas procuram, então às vezes as pessoas acham que eu não me associo a esse perfil, as vezes é eu falava que eu faço parte da empresa júnior, as pessoas não davam bola e eu lembro que tanto pelo fato de o as pessoas do próprio curso, quanto para pessoas de fora que acabam tendo uma visão errada da psicologia, no sentido de achar que a empresa júnior não é um trabalho sério. Coisas relacionados a problemas com professores, eu sempre tento manter uma certa distância no sentido de que eu vou fazer as atividades e é isso. Quando eu tenho interesse em alguma matéria eu até converso com o professor, esse ano na verdade eu conheci a professora com quem estou fazendo minha pesquisa, ela foi a única professora na minha vida em que senti o que as pessoas falam de que “nossa esse professor mudou minha vida” toda minha vida escolar ela foi a única pessoa que eu olhei e nossa ela me inspira de certo modo.

Aline:

E porque ela te inspirou?

Virgília:

Acho que por conta da liberdade que ela dá pra gente, eu sempre detestei professor que fica em cima, professor que faz piadas sobre você não estar cumprindo as expectativas dele, professor controlador, professor que é muito rígido, inflexível e tal. E ela dava a maior liberdade do mundo para eu fazer a pesquisa sobre o que eu quero, com eu quero, quando eu quero e deu várias dicas, foi muito sensível para falar sobre alguns pontos que ela também não tinha conhecimento, e falou, olha não sei muito sobre isso para poder te ajudar até certo ponto e ela confiou no que eu fiz, eu acho que isso foi o diferencial sabe.

Aline:

Então diante dessas experiências que você apontou eu queria que você selecionasse algumas dessas experiências para representar, e que você pense em símbolos ou imagens que representam essas experiências. Você pode desenhar, você recortar,

pode pintar, o que você preferir. São símbolos ou imagens que mostram estas experiências.

Aline:

Você pode apresentar pra mim as imagens e falar porque você escolheu elas?

Virgília:

Eu escolhi uma imagem em que as pessoas estão imóveis, (inaudível), e no centro dessa imagem eu coloquei um cachorro (inaudível) despedaçado, é um pouco desse sentimento de que essa sensação de que as pessoas ao seu redor, as pessoas nessa roda que elas estão ali, mas ela não estão olhando para o cachorro, mas esse cachorro está muito próxima a ela, essa sensação de que tipo do que eu senti na sala de aula, é um termo delicado e as pessoas não conseguiam se tocar de que elas ficaram olhando era um fator muito agressivo, muito desagradável e enquanto isso eu estava quebrada por dentro, mas com a cabeça erguida igual à do cachorro, tentando não mostrar essas emoções, tentando parecer que estava tudo bem, com as pessoas ao redor estavam preocupadas ou achando que aquilo era uma coisa pontual mas na verdade não era. Eu peguei uma outra imagem em que é um vidro que está estilhaçado e tem várias pessoas brancas olhando para esse vidro,

como se eu fosse o problema delas, eu meio que percebo que com esse vidro como se fossem pessoas negras,

que a gente tá ali despedaçado, a gente está ali marginalizado e essas pessoas brancas olham pra gente e acham, simplesmente olham com olhar de desprezo, com olhar de desdém e não chegam perto porque tem medo de se machucarem, e tem a questão do vidro medo de olharem para elas mesmo, medo de enxergar que elas são racistas e que elas estão fazendo com que esse vidro se torne cada vez mais despedaçado, estilhaçado.

Aline:

Você pode me falar onde vai colocar essas imagens e porque?

Virgília:

Eu acho que essa do vidro eu vou colocar perto da barriga, porque por várias vezes que eu passo pela situação desagradável eu sinto como se minha barriga fosse sumir, sei lá, é uma dor tão intensa, uma sensação tão ruim, parece que eu perco todo o apetite, parece que nada fosse suficiente para mim, para eu voltar a acreditar que isso não vai acontecer de novo. E a da roda eu vou colocar perto do olho, mais próximo ao ombro, pra lembrar essa questão do olhar também, o quanto que esse olhar e não olhar elas machucam também.

Aline:

Porque isso te machuca?

Virgília:

Eu acho que, eu até li um artigo que falava sobre vivência de professores negros, e elas também falam essa questão do olhar. Se as pessoas brancas soubessem o quanto só o olhar delas é tão invasivo, é tão cruel e desumano, acho que talvez elas se tocassem um pouco, se elas soubessem o quanto que é uma coisa que marca.

Terceiro encontro

Aline:

Então vamos continuar, esse é o exercício três. Nós vamos olhar um pouco para suas estruturas de apoio, esse exercício tem o objetivo de identificar pessoas e instituições, agências e outros meios essenciais que são estruturas de apoio e que dão apoio para você nas suas lutas diárias, então eu queria que você identificasse as pessoas ou coisas que apoiam você e que você escolha uma cor e os símbolos para representá-las.

Virgília:

Inaudível, pessoas da minha família, minha mãe, minha irmã, (inaudível), parte materna que eu tenho mais contato, (inaudível), eu não vejo elas como pessoas engajadas, (inaudível) atrás dos seus sonhos, acho que elas são muito estagnadas, tenho um carinho imenso pelo meu pai, pelos meus tios, primos só que às vezes entre elas e nada é a mesma coisa.

Aline:

E tem outras pessoas que apoiam você, que você considera como estrutura de apoio.

Virgília:

Sim, na universidade eu tenho amigos, do curso eu tenho mais proximidade com dois meninos eu acho que elas são as pessoas que eu mais posso contar aqui, aí pessoas que eu morei em que a gente viveu várias experiências e pessoas que eu moro também, professor talvez essa é a única professora, e uma outra que eu também me inspiro na carreira, enfim quem ela é. Inaudível, tem pessoas que, artistas que eu acho o trabalho bem interessante.

Aline:

Então eu queria que você escolhesse uma cor ou um símbolo para representar essas pessoas ou esses grupos de pessoas que você citou.

Aline:

Você escolheu o símbolo? Sim escolhi uma casa.

Aline:

Essa casa vai representar todas essas pessoas que você citou? Sim.

Aline:

Queria que você falasse um pouco como essas pessoas demonstram apoio por você, o que elas fazem para te apoiar e o que significa pra você ser apoiada.

Virgília:

Os meus pais, tem a questão do apoio financeiro que é essencial para eu estar aqui, além do apoio financeiro elas também dão outros tipos de apoio que outras pessoas também dão, por exemplo, apoio emocional no sentido de validar minhas emoções, validar meus sentimentos, no sentido de escutar o que eu tenho para dizer, e ao menos tentar entender, também no sentido de tentar entender quem eu sou hoje (inaudível) pessoas da minha família que elas foram, minhas tias por exemplo, elas não entendem a importância de eu estar onde estou, só que às vezes ainda me questionam sobre algumas coisas sobre expectativas que elas têm, expectativas de que eu ficasse em casa, me casasse, tivesse filhos e tal, e aí

Acaba sendo um ponto que, ta ela ta fazendo graduação acaba sempre tirando um pouco o foco, só que eu sei que quando eu terminar a graduação vai aumentar essa cobrança. Apoio também na hora de estudar, quando eu tenho dúvidas então eu sei que posso contar com esses dois amigos que eu tenho, então por mais que as vezes que eu tenho uma dúvida que as vezes eu tenho vergonha de perguntar elas sempre me acolhem, elas tentam entender, eu também consigo ter muita liberdade para falar questões do que essencial, porque os dois são brancos mas elas foram socializados com pessoas negras e também

conseguem reconhecer que muitas experiências que eu passo não são porque eu sou apenas uma estudante da graduação, uma estudante da UFSCar, mas por ser também uma pessoa negra, ser uma estudante da graduação negra, eu acho que isso é muito importante porque algumas pessoas brancas não fazem essa autocrítica, às vezes alguma questão, por exemplo, uma amiga minha ela estava passando pela transição capilar, eu nunca passei por esse processo e eu imagino que deva ser muito doloroso, no sentido de você resgatar uma imagem de você, que às vezes você nunca teve referência, acho que ela passou a alisar o cabelo muito pequena, então ela não se via como uma pessoa de cabelo cacheado, daí algumas amigas próximas a ela que eram brancas não conseguiam entender essa questão de tipo, tá mais a não é só passar um creme, fazer alguma coisa assim, às vezes é muito frequente eu vou falar situações igual a situação da sala que eu contei com meus amigos, elas ficam muito mal, elas ficam nossa isso é horrível acontecer de novo, mas não estou falando isso para você ficar mal, para você achar que eu to (inaudível), estou falando isso porque foi uma experiência que eu passei, enfim é uma experiência que acontece independente de você conhecer isso ou não, todo dia pessoas morrem por conta da cor da pele delas, esse não é um espaço para ouvir essa questão de cortar sua fala, questão de não validar, acho que busco ao máximo nessas redes de apoio sensibilizar as pessoas para as questões que eu tenho, as vezes eu consigo as vezes não, de algum modo eu percebo que a pessoa podem me ajudar em outras questões, eu acabo continuando buscando essa rede de apoio para conseguir melhor lidar com essas questões.

Aline:

Queria que você apontasse onde você vai colocar esse símbolo e falasse porque. Eu vou colocar entre o coração e a garganta porque, ao mesmo tempo que as pessoas elas me fazem sentir confortável, me fazem sentir bem, é com elas que eu consigo

desatar os nós que eu tenho na garganta, então acaba sendo (inaudível), e conseguir desatar todos esses nós (inaudível).

Aline:

Eu queria que você pensasse algo, onde no seu corpo ou no seu meio você encontra força para superar os desafios que você enfrenta.

Virgília:

No meu corpo talvez seja (inaudível) compassivo de ser cuidada, ele não é só uma carcaça, (inaudível) esses espaços, ele também precisa de cuidado, precisa ser olhado de modo não jogador, então eu acho que esse olhar menos cruel que eu tenho que ter pra mim mesma, olhar pro meu cabelo e por mais que eu achar que meu cabelo tá horrível, que eu acho que não está legal e sair do jeito que ele está, por mais que eu ache que a minha pele não está hidratada suficiente, preciso entender que naquele dia eu vou me achar mais e me achar menos ele está em mudança e também eu acho que me atentar as mudanças dele sabe, eu acho que o corpo reflete muito como a gente está se sentindo, sei lá às vezes quando eu estou tensa ou estou com alguma dor eu tento parar para fazer um relaxamento ou senão às vezes conversar com alguém, usar essa rede para auxiliar nessas experiências.

Aline:

Quero que você localize essa força no seu corpo, para a gente conseguir criar uma conexão entre essa força e poder, entre o slogan e o símbolo pessoal.

Virgília:

Acho que essa força esteja no sorriso.

Aline:

Sim, aí eu queria que você procurasse conexões, com setas ou com linhas, como você preferir entre seu sorriso, seu símbolo e o seu slogan.

Virgília:

No primeiro (inaudível), aqui é um espaço diferente, fazendo atividades que eu nunca fiz, depois foi se aprofundando mais, (inaudível), questões das experiências e eu vi que isso me deixou que algumas coisas eu fiz (inaudível), você faz alguma coisa para não segurar a pressão, eu não sei direito, eu penso em várias coisas mas nesse nível eu não sei, então algumas coisas foram bem difíceis de eu pensar, principalmente do tempo, duas horas é pouco tempo, mas também se fosse mais tempo eu ia ficar pensando eternamente, eu tenho essa dificuldade de ou fico pensando demais, eu penso, penso e não sei nada ou pouco tempo eu também não sei se ficou bom, hoje

quando eu entrei eu não lembrava o que eu fiz ontem na verdade, é como se eu me reconhecesse a cada dia na verdade, lembrar cada coisinha.

2. Entrevista com Maria - Estudante de Mestrado

Primeiro Encontro

Aline:

A gente já pensou na sua cidade de origem, na (inaudível) visual de lá, você falou um pouco sobre a rodoviária no seu momento de transição e agora eu queria que você falasse um pouco sobre o que vem a sua mente quando você pensa sobre cidade natal que é o lugar de onde você veio, e onde você mora agora. Como você se sentiu quando você chegou aqui pela primeira vez, quando você veio para a UFSCar?

Maria:

Eu sinto muita falta da minha cidade natal porque o modo de vida daqui e de lá são bem diferentes e particularmente eu gosto de lá, você tem aonde ir sem precisar gastar dinheiro para passear, (inaudível), ver gente, você tem uma mobilidade que aqui em São Carlos não tem e isso faz muita falta. Mas por um outro lado aqui também, na questão dos estudos, aqui me propicia melhores condições. tem a universidade, tem os professores aqui, as pessoas com quem eu conheci são ótimas pessoas, que eu vou levar para a vida, inclusive conhecer essas pessoas me fez perceber (inaudível) pela experiência faz diferença na vida das pessoas. a, antes eu era uma pessoa que para mim as coisas mais básicas eram muito óbvias, quem não conhecesse isso, eu não sei o que estava acontecendo e eu fui percebendo que (inaudível) tem a haver com sua experiência e não com o que a pessoa conhece ou não conhece. e, então eu fui me tornando uma pessoa mais paciente em relação aos outros, porque minha experiência não tem nada a haver com a experiência do outro e a experiência dos outros podem, me fizeram uma pessoa melhor.

Aline:

Então eu queria que você pensasse sobre um símbolo que representa o lugar que você está agora como você vive em São Carlos, pode ser imagem, símbolos sobre a sua vida aqui.

Aline:

essa é a universidade?

Maria:

sim.

Aline:

Agora eu queria falar um pouco sobre como você mora aqui, queria que escrevesse para mim onde você mora, como é, se você gosta de lá, como é sua vida aqui, seu cotidiano.

Maria:

Agora eu moro em uma quitinete, ela é bem aqui na entrada da universidade menos de dez (chegar, 10 não é perto, deve ser 2!) Quilômetros da entrada na universidade, porque quando eu tive que vir muitas vezes para cá eu preferi morar perto do que morar longe. Eu moro em uma quite mais ela é divididinha, então era isso que eu procurava, (inaudível), ela ser divididinha me dá um certo conforto de que eu não estou presa num lugar só, (inaudível), tem como me locomover (inaudível), não tem quintal e é uma coisa que eu sempre penso quando penso em casas ou lugares para morar, sempre penso em quintal porque eu gosto, é um lugar que dá para tomar sol, ter um momento de respiro, (inaudível) fazer alguma atividade. E e eu também, além de fazer mestrado tenho aulas três vezes por semana aqui na universidade, além disso eu também trabalho (inaudível) na educação, dou aula história no ensino médio para adolescentes de dezesseis, dezessete anos (inaudível). E meu dia, dia é ir trabalhar dois dias na semana eu trabalho e os outros três dias para a pós-graduação. e no final de semana quando eu não tenho alguma coisa para fazer eu saio, mas dificilmente sou eu que procuro as coisas para fazer, é sempre alguém que vira e me chama para ir em algum lugar

Aline:

então você tem muitos amigos aqui?

Maria:

E eu prefiro, não é que eu prefiro mas se ninguém me chamar também ficar em casa não é um problema, eu fico em casa de boa em uma sexta feira a noite, não é um problema. Tenho bastante amigos embora elas foram mudando, porque eu estou aqui tem seis anos, fiz a graduação, agora estou no mestrado e grupos de amigos mais próximos foram mudando, agora eu sou mais próxima de algumas pessoas do que de pessoas de três anos atrás.

Aline:

A gente já vai caminhando para o final da sessão, a única coisa que eu não te pedi para desenhar foram elementos de ligação, do jeito que você preferir eu queria que você ligasse esses três lugares que são lugares que marcaram sua vida, com os elementos que você quiser, se você quiser desenhar por exemplo, meio de transporte, (inaudível), quem estava com você, ligar elementos de ligação entre elas.

Maria:

Da minha cidade para cá, eu vim sozinha no ônibus, de casa para universidade eu sempre estou acompanhada da Mayara (amiga) e as pessoas confundem a gente ou pergunta da outra se uma aparece sozinha. E lá na minha cidade eu estou sempre com pessoas também, para ir para a praia, e eu não coloquei nenhum meio de transporte porque a gente gosta de ir andando.

Maria:

É, desde o primeiro ano da graduação. Nós moramos uns quarteirões, um do lado do outro, ela mora embaixo (inaudível) então **a gente sempre combina, (inaudível) nós** sempre estamos juntas.

Aline:

A gente terminou por hoje, o que você achou dessa primeira sessão?

Aline:

Então eu vou pedir para a próxima sessão para você pensar em algumas coisas. Eu vou ler para você, mas também vou mandar pelo WhatsApp.

Aline:

Na próxima sessão eu queria que você se preparasse para desenhar um símbolo que representasse sua jornada vinda para São Carlos e sua entrada aqui na universidade, uma coisa que é um símbolo para você disso, pode ser um objeto, uma imagem ou um lugar, que você pense em algum símbolo para ser colocado no seu corpo., por exemplo, no topo da cabeça, no peito ou na perna. Eu vou te perguntar coisas sobre o significado desse símbolo e do significado da localização no corpo, vou te perguntar por que escolheu esses lugares e vou também pedir que você crie um slogan, por exemplo, uma declaração, um ditado, um poema, uma música ou oração, algo que você diga sobre você mesma que descreva sua filosofia de vida e seu pensamento atual sobre a vida. Vou, e pedir para que você coloque esse slogan em algum lugar do seu mapa. Então depois eu te mando uma foto dessas instruções. Você tem alguma dúvida em relação a isso?

Segundo encontro

Aline:

Hoje a gente vai tentar representar as suas experiências enquanto estudante usando símbolo que seja significativo para você, e entender o que te motiva ou quais são suas perspectivas em relação a sua vida, como que você se entende através de um slogan. Então que símbolo e slogan você escolheu para descrever, você e sua experiência de transição para cá?

Maria:

Um livro.

Aline:

E você trouxe uma imagem desse livro?

Maria:

Não eu ia desenhar.

Aline:

Tudo bem, qual o nome do livro?

Maria:

Seria um livro porque, seria como conhecimento, o que eu venho aprendendo me faz ser uma pessoa melhor.

Aline:

E porque você escolheu este símbolo?

Maria:

Porque os livros fazem a gente aprender coisas, eu sinto que ao aprender coisas eu posso enxergar o mundo de várias formas e não só o jeito da minha experiência, a experiência me ajuda de uma forma e os livros me ajudam de outra, a pessoa que eu quero ser.

Aline:

E o slogan?

Maria:

Acho que essa tatuagem aqui, que é um livro saindo de dentro da gaiola, se tornando um pássaro que é algo forte para mim, te liberta, a partir dos livros você pode se libertar se tornar outra pessoa.

Aline:

Esse é seu slogan pessoal?

Maria:

Sim. A partir do conhecimento que você tem pode te ajudar a se tornar outra pessoa.

Aline:

Essa é a frase?

Maria:

Não

Aline:

é que o slogan normalmente é uma frase.

Maria:

A frase eu tinha pensado, que eu sempre penso que faz muito sentido na minha vida é que, as coisas acontecem só no momento certo nem antes e nem depois, elas acontecem no momento que você está preparado para lidar com elas, nem sempre eu tive, mas de um tempo para cá isso tem sido recorrente na minha vida para me ajudar a lidar com as frustrações. Principalmente, quando acontece alguma frustração, alguma coisa que eu queria muito e que não acontece. b, bom, daí eu falo eu não estava preparada para aquilo naquele momento, mas não quer dizer que eu tenha que desistir, eu posso continuar trabalhando nisso, esse só não era o momento

.

Aline:

Certo. Então esse poderia ser seu slogan pessoal?

Maria:

Sim

Aline:

Eu queria que você falasse um pouco sobre quem é você enquanto pessoa, qual sua filosofia de vida e o que te mantém motivada. Você já comentou um pouco sobre seu slogan, queria que você falasse um pouco mais.

Maria:

eu fiquei pensando que esse slogan de acontecer as coisas na hora certa é um pouco também na hora que está preparado, tem a ver também com as condições que eu tive para poder alcançar meus objetivos, que são objetivos muito parecidos com qualquer, de outra pessoa, que é se formar na universidade, em uma boa universidade, ter um trabalho só que eu sei que isso depende das condições que as pessoas têm para chegar nesses

objetivos, eu lembro muito que tinha um professor no ensino médio, eu fiz escola pública, ensino médio todo em escola pública na minha cidade e tinha um professor que ele sempre falava para a gente assim, “você vão terminar o ensino médio porque vocês não procuram um curso técnico”, quando eu fazia ensino médio o Enem ainda não era como é hoje, a primeira vez que eu fiz o Enem foi em 2005, então ele ainda não estava configurado como é hoje, então para você fazer uma universidade pública você tinha que passar pelos Vestibulinho, super elaborados, a galera ficava anos no cursinho, e na escola pública a gente sabia e os professores também tinham consciência que elas não davam essas condições para a gente, então elas sempre falavam, “ porque vocês não fazem um curso técnico?”, e depois quando eu fiz, quando eu entrei aqui na faculdade eu entrei um pouco mais velha entrei com vinte e quatro e fiz vinte e cinco no decorrer do primeiro ano aqui eu vi que ele não estava falando aquilo porque ele subestimou a gente, mas era porque ele estava estimulando a gente a continuar estudando mesmo nas condições que a gente tinha, pode haver outras leituras mas eu quis ter essa leitura, de que o estímulo ao estudo fez eu querer estudar mais ainda e eu não desisti, eu cheguei a fazer um curso técnico e não desisti de fazer uma universidade, uma faculdade, em uma boa universidade, então assim eu acho que na minha vida o estudo sempre foi um objetivo bem grande mas ele demorou para ser alcançado, diferente de muitas outras pessoas, então por isso que esse lema de é só na hora em que eu estou preparada que acontece me ajuda a lidar com a frustrações, para não desistir dos meus objetivos, porque é isso algumas pessoas tem uns caminhos mais retos e outras pessoas tem que dobrar as esquinas para poder chegar e não dá para desistir só porque dobrou o caminho e vai ser mais longo.

Aline:

E quais foram as esquinas que você dobrou?

Maria:

Eu acho que o fato de eu ter entrado mais tarde universidade, eu fiz um curso técnico, aí depois eu fui trabalhar no administrativo de uma faculdade porque eu tinha esse curso técnico, conforme eu estava trabalhando nessa universidade, a dona quem construiu a

universidade foi professora também, tenho tinha uns programas de bolsa, aí eu fiz faculdade lá, de história porque eu era funcionária, então eu tinha cem por cento de bolsa.

Aline:

Você pode falar um pouco se você tem alguma filosofia de vida, qual é sua filosofia?

Maria:

Não sei se é exatamente uma filosofia de vida, mas eu aprendi morando com algumas amigas aqui a me entender melhor e tentar ser uma melhor pessoa que eu possa ser. d, do tipo não sou muito paciente, mas antes de estourar com alguém, me colocar no lugar da pessoa para tentar entender o lado dela. Li, lidar com pessoas diferentes também me fez perceber que as experiências são diferentes e isso também faz parte da, porque eu tirava as pessoas, julgava as pessoas a partir de mim, das minhas experiências do que eu sabia e tudo, então eu acho que eu aprendi morando com as meninas que eu posso ser uma pessoa melhor, sempre que possível. ‘A, as vezes não dá.

Aline:

O que te mantém motivada?

Maria:

Agora no mestrado eu falei para minha orientadora que eu não estava muito motivada não, na verdade acho que eu estou um pouco cansada de ser estudante., ultimamente não estou muito motivada, mas porque esse ano a gente, o primeiro ano do mestrado eu tenho uma carga horária bem extensa, tem que fazer aula, e como eu trabalho isso me afeta mais, que eu tenho que dividir meu tempo com outras coisas além do mestrado então eu não consegui mexer na minha pesquisa. A, aí eu conversando com minha orientadora, o que a gente espera é que o ano que vem, como eu não vou ter que ficar dividindo entre aula e trabalhar, eu posso fazer, organizar minha agenda para que eu foque só na pesquisa

mesmo, e minha esperança é que ano que vem eu consiga ter mais vontade, porque eu vou estar trabalhando com a

minha pesquisa em vez de ficar vendo um monte de teoria que eu acabei de ver na graduação.

Aline:

Você vai desenhar o seu símbolo e seu slogan?

Maria:

Isso

Aline:

Tudo bem então, você pode fazer.

Aline:

Queria que você explicasse, não sei se você pensou sobre isso, em que lugar do corpo você vai colocar o símbolo e o slogan e porquê?

Maria:

Eu falei do livro né, o livro eu vou colocar nessa parte do tronco, perto do coração porque acho que foi o sentimento de querer saber mais, de querer ser uma pessoa que tem um título, que ninguém na minha casa tem. Ter um título, essas coisas foram o que me motivaram para fazer a caminhada que eu fiz, então eu queria sair da onde eu estava, mas eu queria sair por causa desse desejo de conhecer, de ter esse título. Eu sempre quis fazer um mestrado.

Aline:

E o slogan?

Maria:

o slogan é algo que eu vi alguma vez no livro e eu achei que fazia sentido para minha vida que é quase que uma mantra.

Aline:

Lidar com os coisas ruins na vida porque a gente não sabe muito bem, pelo menos eu nunca tinha me sentido, não fracassada, mas eu nunca tinha sido reprovada em nada na vida. É a primeira vez foi aqui Aí eu fiquei desolada, daí isso me fazia pensar é só uma coisa (inaudível) isso não diz nada sobre mim.

Maria:

O slogan eu vou colocar na cabeça

Aline:

E por que?

Maria:

Porque acho que a cabeça equilibrada é fundamental, saber pensar sobre algumas coisas, a primeira coisa para conseguir objetivos quanto lidar com as frustrações.

Aline:

Agora iremos fazer o segundo exercício, que a gente vai falar um pouco sobre as marcas que você tem e as marcas que você carrega na pele. Esse exercício tem como objetivo representar visualmente o ambiente em que você vive e suas relações no estudo, no trabalho e representar também o impacto da sua vivência enquanto estudante, vivência na universidade, no seu corpo em aspectos físicos, mentais e emocionais. Então nesse exercício queria que você pensasse como reproduzir, como representar suas condições de tudo, de trabalho e o seu relacionamento com seus colegas e como essas coisas afetam seu corpo e seu bem-estar. Que tipo de figuras, símbolos ou imagens podem representar sua vida como estudante da UFSCar? Vamos começar pelas marcas no corpo, queria que você pensasse sobre os problemas que você gostaria de ver representado ao redor do seu corpo, por exemplo, as coisas relacionadas a universidade, condições físicas de estudo, de segurança, com relações hierárquicas, alguma relação abusiva, os problemas representando tudo que você vive aqui, a gente pode conversar sobre isso e depois escolhe alguns.

Maria:

eu acho que o principal é os recursos financeiros eu só consegui estudar aqui porque eu tinha tanto bolsa moradia, quanto bolsa alimentação, mesmo que não seja as melhores condições, só consegui permanecer aqui porque eu tinha essas coisas, então para mim isso foi fundamental, eu não conseguiria fazer outra coisa, eu lembro até que um amigo uma vez elogiou um outro amigo que ia conseguir terminar o curso de quatro anos em três anos e meio, daí eu falei para ele, é claro é muito fácil se você não tem que se preocupar com o que vai comer amanhã, é fácil ficar estudando oito horas todo dia, porque mesmo com as bolsas eu ainda tinha que comer, porque antes o “ru” não abria aos finais de semana ou tinha que vir pegar marmita ou tinha que se virar, até pra comprar xerox coisas para o curso, aí eu fazia bico de garçoneiro e isso atrapalhava bastante porque

eu ficava muito cansada e por exemplo, no final de semana que eu tinha que ler os textos para as aulas da semana eu ficava cansada para fazer essas coisas, eu também não consegui iniciação científica, então a iniciação permite algumas pessoas ficarem estudando e recebendo uma bolsa e eu não consegui, então eu

tinha que conseguir dinheiro de outra forma, recursos financeiros foi o principal, agora no mestrado está menos ruim porque dentro das normas da capes eu trabalho as horas mínimas na escola que eu posso conciliar com a bolsa aí não é tão ruim, mas antes faltava bastante esses recursos, isso dificultava bastante os estudos. De relações, nas relações assim teve uma vez acho que quando entrou outra turma de ciências sociais e a gente estava conversando com os calouros e aí o pessoal perguntou, “tem as cotas e tal, mas quantos alunos negros realmente tem nas turmas de ciências sociais? ”, e aí eu parei para lembrar da minha turma anterior. Em 2013 tinha três alunos negros, eu e mais dois meninos, mas nenhum de noventa alunos que entrou. Tinha só três negros, então, ainda que as coisas para o ingresso tivessem mudado, ainda assim a gente estava entrando aos pouquinhos, então até que cresceu, isso era uma outra coisa, a gente também não tinha que lidar com as mesmas condições dos alunos que tinham condições de onde não tínhamos condições, tinha que lidar com isso também e isso fez bastante diferença, porque a gente tinha que ouvir sobre conhecimentos que não faziam muito sentido pra gente. ou, pelo contrário machucava, eu lembro em uma aula que eu fui em uma disciplina que eu fui ter só no quinto semestre do curso que é no terceiro ano que o professor comentou sobre os testes de QI e como elas são feitos e para quem elas são feitos, aí eu fiquei pensando nossa se eu tivesse assistido essa aula no primeiro ano eu teria outras atitudes, teria conseguido até talvez aproveitar mais do que eu já aproveitei aqui sabe, porque em algum período o do porque eu devia estar lá ou devia estar aqui, assim eu nunca precisei de ajuda de profissionais nem nada porque eu sempre conversava com os amigos e essa conversa já me ajudava a seguir, então não foi um grande problema eu conseguir lidar com isso, diferente de outros amigos, mas eu só fui perceber isso quando eu conversava com esses amigos durante algum tempo eu fui recebendo essas coisas e só sentindo, não falando nada, só depois que eu passei a conversar com os amigos sobre isso, amigos que não eram negros nem nada mas que também sofriam e a gente foi percebendo as estruturas do tipo a gente vivia em um mundo que não queria a gente aqui e como lidar com isso, meu curso é um curso integral que tem quatro horas de aula quase que todo dia e os professores no primeiro ano davam a instrução de que para quatro horas de aula você

tinha que ter quatro horas de leitura também, era um mundo muito novo, eu brincava que aprendi a estudar aqui na universidade porque até então eu nunca tinha estudado para nada na vida, fui aprender a estudar aqui, a sentar, a ler as coisas, a fixar, a fazer resumo, a dedicar tempo para o estudo e aprender a se concentrar aqui pela exigência que se tinha aqui, que se não fizesse isso eu não ia dar conta do que era exigido. Falar foi bom, acho que isso ter pessoas para conversar e tem pessoas que não conseguem conversar, mas eu tinha essas pessoas para conversar e as condições materiais fizeram muita diferença.

Aline:

E você vê problemas específicos no seu espaço enquanto mestranda?

Maria:

olha eu tenho uma relação boa tanto com os professores, quanto com minha orientadora ou com os colegas, acredito que eu tenha uma relação boa com elas eu sempre tento estar entre as pessoas que trabalham, que são vistas, eu tento não a não dar motivo, mas fazer a minha parte porque eu também entendo que eu estou dentro do jogo, eu posso fazer algumas coisas, eu posso fazer algo para mudar mas também tenho que jogar o jogo, se eu não jogar o jogo eu vou estar de fora, esse ano o ano que eu entrei na pós-graduação foi o primeiro ano que teve cotas para minha turma então eu sou a primeira aluna de cotas mulher, porque para as mulheres elas deram uma pontuação a mais, a maior pontuação das cotas era para mulher negra, depois para homem negro, econômico, escola pública, então na minha turma de mestrado tem no doutorado também, tem uma outra moça no doutorado, mas na minha turma de mestrado eu sou a única mulher negra e isso também pesa para mim, porque se eu não fizer direito o que pode acontecer com as que vem depois tem um pouco disso também, então eu tento jogar o jogo da maneira que dá.

Aline:

E tem alguma coisa que incomoda você?

Maria:

Acho que elas são muitos exigentes a ponto de parecer, uma pressão psicológica muito grande porque você tem que ser excelente porque você está em um programa de excelência e isso é todo hora é falado.

Aline:

E como você quer representar os lugares que você estudou e o que você faz, que fazia antes, como você representaria?

Maria:

Acho que de todos de alguma forma me serviram de algum aprendizado para eu chegar onde, eu acho que posso representar como uma estrada ou um caminho que me leva sempre aonde eu desejo chegar, coisas passageiras, mas a partir dessas experiências eu consegui aprender algumas coisas.

Aline:

E sobre as coisas que você falou que te incomodam você tem algum tipo de medida protetora ou preventiva para você lidar com esses desconfortos?

Maria:

quando eu fico muito abalada tenho uma amiga que eu converso bastante e a gente se ajuda emocionalmente, dá em conforto porque ela passa pelas mesma coisas e no momento que uma está mais para baixo a outra tenta dar uma animada, e tem a minha família também, essa minha amiga é porque a gente passa pelas mesmas coisas dentro dos programas de pós-graduação então é meio que uma par minha que entende o que está nessa universidade, o que é ser negra e a minha família que independente se elas entendem ou não dessas coisas elas estão sempre lá, minha família está sempre lá, às vezes eu fico

muito triste e eu não preciso conversar nada, dizer nada eu só preciso estar na presença delas, daí eu vou para minha cidade e fico um pouquinho lá com elas que é meio como que se entendesse que é um pouco seguro, eu posso voltar porque aquilo ali é o normal, como se aquilo fosse o normal, se aqui está tudo normal eu estou também.

Aline:

Então eu queria que você escolhesse algum desses problemas que você apontou ou todos se você quiser e que você desenhe ou use símbolos para você expor essas experiências. Você desenhar ou procurar imagens também, você pode ir fazendo, mas eu preciso que você me fale o porquê que você escolheu (inaudível).

Maria:

Vou colocar um dinheirinho. (Inaudível).

Maria:

Então primeiro o dinheiro (inaudível).

Aline:

Acho que se você fizer com grafite vai ficar mais do jeito que você quer, saber o jeito quando você passa o grafite na moeda?

Maria:

Não.

Maria:

Inaudível, tipo cabeça pegando fogo e representatividade e conhecimento de opressão, não sei como eu desenho isso.

Aline:

Você pode recortar também.

Aline:

Porque você colocou essas imagens nesses lugares?

Maria:

Essa ali porquê da representatividade, e aqui por causa de espaço mesmo (inaudível), pressão psicológica.

Aline:

Agora eu queria que você olhasse no seu mapa corporal da cabeça aos pés e pensasse umas marcas que você tem no seu corpo relacionadas a sua saúde anterior ou atual, assim como a cirurgia que você fez, uma doença, se você passou por algum estresse, algum problema de saúde mental, se você fuma. Você também pode pensar em uma perspectiva mais ampla em relação as suas emoções, todas as marcas que você traz no seu corpo.

Maria:

Eu não tenho nenhuma marca (inaudível), mas eu sinto dor no estômago quando estou estressada e eu sinto muito sono quando eu não estou com vontade de fazer nada, estímulos essas coisas, eu falo que eu vou dormir então, não vou fazer nada eu vou dormir.

Aline:

Esse sono seria uma forma de procrastinar você fala?

Maria:

Sim.

Aline:

e da sua vivência na universidade você traz alguma cicatriz?

Maria:

Acho que não porque, eu sempre vi isso aqui também como um lugar passageiro então tentei ao máximo não me apegar as coisas, aí eu consegui levar acho que fez que eu conseguisse levar as coisas, não adoecer, sempre pensei aqui como passageiro, tem outras coisas para fazer.

Aline:

Certo. E você acha que essa dor no estômago que você tem desenvolveu aqui ou você já tinha essa coisa quando você ficava tensa, nervosa?

Maria:

não, acho que tem a ver com o ritmo de vida, principalmente de tomar café, muito café, que todo mundo fala que eu fico com insônia eu tomo café, eu não tenho nenhum sintoma de tomar café, mas eu tomo muito café principalmente de manhã, quando eu estava só na graduação eu não tinha outras atividades porque os bicos eram nos finais de semana, então durante a semana que eu não estava em aula eu estava tentando ler, estudar alguma coisa, se eu tinha aula à tarde eu lia de manhã e eu tomava café da manhã inteira até ir para a faculdade, então aí tem que fazer prova tomava café, ficava nervosa por causa da prova e tomava café.

Aline:

E qual efeito o café tem em você?

Maria:

Nenhum na verdade, eu tomo acho que, tem a ver com essa dor no estômago certeza porque acho que os ingredientes do café afetam a saúde a longo prazo, mas esses efeitos que as pessoas falam, eu não sinto. Mas a dor no estômago é associada, associada ao café.

Aline:

E o que você costuma fazer para evitar doente, você faz algum tratamento ou algo que você acha que pode ajudar na manutenção da sua saúde?

Maria:

Eu tento dividir, tem umas caixinhas na cabeça de tipo eu to na minha casa eu não vou fazer coisas da faculdade por exemplo ou vou procurar espaços para separar essas coisas, eu tenho tentado dividir em caixinhas para poder não ficar e não levar as coisas tão a sério, pensar que é só um caminho, não diz nada de mim. Quando eu estava fazendo o processo

seletivo eu fiquei fazendo o projeto de mestrado, foia pior fase porque eu me sentia muito, eu exigia muito de mim porque eu queria passar em uma boa colocação para poder ter bolsa que até então eu sabia que eu tinha trabalho, então eu queria passar em uma boa colocação para ter bolsa, então eu exigia muito de mim e meu projeto tinha que estar perfeito porque eu tinha que garantir uma bolsa no final deu certo eu tirei uma boa nota mas quando as pessoas iam me parabenizar por ter passado eu não queria valorizar aquele sofrimento que eu tive fazendo o projeto, então eu agradecia as pessoas eu não comentava que foi sofrido fazer esse processo seletivo, mais fazer o projeto do que estudar porque estudar para prova escrita foi muito tranquilo, eu já tinha lido todos aquelas autores eu sabia como elas pensavam então foi de boa, o que foi mais ruim eram coisas, que eu nunca tinha feito é ficar estudando até de madrugada eu nunca fiz isso eu sempre tive dava dez hora da noite chega eu não irei fazer mais nada hoje, eu vou ler, mas não li até aqui eu não consigo pensar mais. Quando eu estava escrevendo o projeto do mestrado eu ficava até duas horas da manhã lendo e escrevendo sobre aquilo então foi um processo que me desgastou muito até emocionalmente porque eu pedia para as pessoas lerem o projeto e elas me mandavam com muitas coisas para arrumar e eu ficava, mas gente eu demorei tanto tempo para chegar aqui sério que tem mais coisas para arrumar, eu não aguento mais fazer isso. Mas ainda assim mesmo falando não aguento mais eu continuei fazendo, trabalhando nele, então foi o pior momento de toda a estadia aqui na universidade foi o processo seletivo do mestrado, eu acho que se eu não tivesse essa obrigação que eu me coloquei de passar em uma colocação para ter bolsa eu não tinha passado por isso, mas é isso as condições os recursos são fundamentais.

Aline:

Certo. Então eu queria que você escolhesse símbolos para representar tudo isso que você falou e colocasse no seu corpo, cicatrizes que você mencionou, questão do estômago, do sono. Você acha que o sono também tem a ver com o seu tempo aqui na universidade?

Maria:

Inaudível.

Aline:

Então a gente vai fazer com que você pense sobre a sua aparência e como ela lida assim no mundo, como ela parece para o mundo, então nós todos temos características parecidas, os olhos, o nariz, a boca estão no mesmo lugar. Mas nós todos somos diferentes e essas diferenças representam coisas para as pessoas então eu queria saber como que você gostaria de representar seu rosto, como ele é ou se você teria uma forma diferente para representá-lo temos que considerar todas as características básicas que todo mundo tem e tem as coisas que são diferentes, então eu queria que você fizesse uma reflexão mais crítica sobre como sua aparência lida assim no mundo, como você aparece no mundo.

Maria:

Às vezes eu acho que eu sou tão normal que todo mundo me confunde com alguém, eu conheço uma pessoa tão parecida com você, a você é tão parecida com não sei quem, assim quem, assim pessoas muito xis me confundem com outras pessoas, então acho que eu não tenho nada que a pessoa olhe para mim e diferencie, acho que até demoram a gravar meu rosto ou alguma coisa assim, não sou uma pessoa que fica na memória de primeira nas pessoas digamos assim.

Aline:

Então eu queria que você pensasse um pouco sobre quem você é e o que o seu rosto diz sobre você.

Maria:

As pessoas sempre falam que eu sou um pouco de cara feia, mau humorada, quando eu acho que eu estou com a cara normal, mas as pessoas, algumas pessoas comentaram que não falam comigo porque achavam que eu era brava ou alguma coisa desse tipo assim, depois que elas começam a conversar comigo elas comentam isso, várias pessoas já me falaram isso.

Aline:

E você é brava?

Maria:

as vezes, mas elas falam no sentido de que eu não sou uma pessoa que é amigável, acho que é nesse sentido que elas falam e também tem algo que eu sou calada quando eu conheço alguém eu não fico jogando conversa, eu tenho um certo receio de ficar falando coisas para as pessoas que eu acabei de conhecer, eu não fico puxando assunto querendo saber quem a pessoa é, ou respondendo sobre quem as outras pessoas que eu acabei de conhecer eu sou mais fechada, e também às vezes tem um lance que eu não falo nada, tem uns amigos que me falaram que eu faço expressões que dizem tudo, que eu não preciso falar nenhuma palavra que a pessoa já sabe o que eu estou pensando.

Aline:

E como você representaria essas características lá no seu mapa?

Maria:

Acho que com uma máscara talvez, uma máscara para quem eu tenho, dou mais liberdade para se aproximar e para quem eu não dou.

Aline:

Então você pode usar essa ideia para fazer seu rosto.

Terceiro Encontro

Aline:

E

ntão o objetivo do primeiro exercício é obter uma mensagem que você gostaria de passar para o público sobre você, sobre sua trajetória. Então nesse momento que você lesse a mensagem que você trouxe e mostrasse seu significado, então você pode pensar numa mensagem agora que tem a ver com você, escrever e a gente conversa sobre ela. Lembrando que essa mensagem ela leva em conta tudo que a gente trabalhou nessas entrevistas, como suas condições de estudo, de trabalho a vida que você vive como estudante, que você falasse um pouco sobre sua experiência como estudante negra.

Aline:

você pode ler para mim e explicar o significado?

Maria:

sim, “não deixe que o que outros digam influencie negativamente suas escolhas, todas as experiências que você passou até aqui serviram para construir quem você é hoje, esteja sempre aberta para o novo, persista quando tiver que persistir e mude a rota quando for muito doloroso mas busque sempre realizar seus objetivos ainda que elas mudem no percurso”, escrevi isso porque é isso que eu acredito, quando eu paro para pensar sobre a minha história eu penso que ela é construída a partir disso, e comparado com a minha geração, que com trinta anos eu deveria ter concluído os estudos e estar trabalhando e vivendo uma vida do jeito que as pessoas acham normal. m, mas não, eu voltei para a faculdade aos vinte e cinco anos, conheci outras pessoas, outras experiências e tudo, então às vezes parece que eu to sempre um passo atrás, comparado à algumas pessoas, mas isso não faz com que eu desista o que busco, eu fui trabalhando comigo que eu estou fazendo aquelas coisas naquele momento porque era o momento em que eu estava preparada para aquilo, então eu fui trabalhando isso na minha cabeça e hoje eu vejo que não tem problema de eu estar fazendo as coisas depois dos outros, desde que eu esteja fazendo aquilo que eu quero fazer.

Aline:

Você disse que sempre se sente um passo atrás em relação às pessoas, você podia falar um pouco sobre isso?

Maria:

sim, é isso tipo uma coisa que contribuiu para que eu continuasse aqui na universidade foi ter participado do pet, que é um programa do MEC de educação tutorial e também é um pet de ações afirmativas e a coordenadora desse pet a tutora ela sempre dizia que a maioria dos alunos que estavam aqui na universidade elas já sabiam todos os passos para estar aqui e como deveriam agir aqui dentro, enquanto que a gente que estava entrando agora não sabia, tinha todo um caminho para aprender como que tinha pesquisa de iniciação científica que tinha uma série de recursos que a gente podia usar aqui na universidade e que a gente não fazia a menor ideia, a gente tem uma ideia de como ir atrás

mas o que a gente pode fazer quando estiver lá a gente só descobre quando já está lá, então essa ideia de estar um passo atrás tem a ver um pouco com isso de não

estar nas mesmas condições do resto do pessoal de correr atrás dessas condições.

Aline:

E porque que você não se sente igual às outras pessoas?

Maria:

ão, agora não, agora eu me sinto igual as outras pessoas, mas quando eu entrei aqui até eu ter todo esse repertório eu me sentia um passo atrás mesmo. Agora não, agora eu acho que eu sou bem formada e que eu tenho condições de competir em iguais condições com as pessoas que têm a mesma formação que eu e tudo mais.

Aline:

Você não gostaria de colocar essa mensagem no seu mapa corporal?

Maria:

Eu vou colocar na parte do coração porque que é como se fosse um desejo para mim e para as outras pessoas.

Aline:

Agora a gente vai passar para o exercício dois que é o escaneamento do corpo que temos quinze minutos para fazer, o objetivo dele é representar o impacto da experiência de ser uma estudante universitária e as relações sociais que você tem com a UFSCar, como gênero, raça, acesso aos serviços que a universidade promove e também pensando no seu bem-estar localizando e visualizar de onde vem sua força e poder pessoal olhando para o seu mapa. Então nesse exercício a gente quer explorar todos os aspectos da sua vida pessoal aqui na UFSCar e em São Carlos, isso inclui questões relacionadas a gênero, raça, relações sociais e serviços que a universidade oferece. Você já enfrentou desafios na sua vida social, espiritual e emocional? que tipo de dificuldades foram e que desafios foram esses?

Maria:

Não sei dizer porque eu pouco usei os recursos que a universidade, os outros espaços que existem na universidade que seja fora da sala de aula, eu nunca usei não porque eu nunca precisei, mas porque eu preferia usar outros espaços, aqui tem atendimento à saúde, mas eu nunca usei daqui eu sempre fui no postinho de saúde alguma coisa assim. Eu acho que

também tem, eu nunca percebi nenhuma discriminação referente a mim porque eu nunca participei de outros espaços, conselhos de curso, entre os próprios amigos mesmo eu sempre ia para a aula e depois da aula eu fazia outras coisas, então não sei dizer.

Aline:

Você tinha algum motivo para não se envolver?

Maria:

Eu achava que eu não ia dar conta na verdade, que as aulas já eram bastante atarefadas elas tomavam bastante do meu tempo, então nunca quis me envolver com outras pessoas porque eu achava que não ia dar conta.

Aline:

Então eu queria que você pensasse um pouco na sua experiência como estudante, quais foram os desafios que você teve sociais, espirituais, emocionais e que tipo de dificuldades você passou.

Maria:

No meio do curso e agora um pouco nesse primeiro ano fiquei bem desestimulada, só queria dormir, não tinha energia para fazer as coisas, mas também não procurei ajuda profissional, uma coisa que me ajudou bastante foi ter mudado de ambiente no meio da graduação, voltei para minha cidade fiquei na casa dos meus pais um tempo lá, umas duas semanas assim e daí eu acho que melhorou, e aqui é a mesma coisa nesse momento agora também eu voltei um tempo e foi isso.

Aline:

Então queria que você pensasse agora de uma maneira geral sobre de onde você tira coragem, da onde surge sua força, coragem para enfrentar esses problemas que você teve.

Maria:

Na minha família, eu sempre, eu sei que eu posso contar com elas toda hora a qualquer momento.

Aline:

Tem alguma experiência chave que você enfrentou aqui e que marcou você como estudante de graduação, de pós?

Maria:

Eu acho que foi ter feito a disciplina de relações étnico raciais onde a gente discutia o racismo institucional, não era com essas palavras, mas quando a gente olha para o mundo é isso que tem racismo institucional e isso me fez ver um monte de coisa. E quando eu fiz parte do pet que eu falei, que nesse pet eu via que eu não era inferior ou pior, que tu algumas vezes dá um sentimento de que você não é suficiente para as tarefas, de que os outros estão sempre fazendo melhor que você. no entanto quando eu passei no mestrado eu passei em terceiro lugar na lista geral e aí eu fui olhar o lattes de todos os colegas que também passaram e eu vi que nossos lattes eram muito parecidos então não tinha porque eu ficar me questionando que eu não era suficiente, embora eu tivesse passado em terceiro lugar eu tinha essa sensação de que não era suficiente, quando eu fui olhar as outras pessoas que passaram elas eram muito parecidas comigo, então isso fez eu perceber um pouco esse sentimento, as outras pessoas não tem esse sentimento só eu. Então foi esses três momentos.

Aline:

Vou só reformular a questão, mas se você não tiver nada para contar tudo bem. Você passou, enfrentou alguma experiência chave aqui na UFSCar que se relaciona com seu status de estudante enquanto raça, gênero ou algum tipo de discriminação?

Maria:

eu não sei se é uma discriminação mas quando a universidade estava em período de greve quem era bolsista alimentação e morava fora da moradia aqui interna a gente ficou um tempão sem receber os e-mails que era para vir pegar gêneros alimentícios, no entanto que eu cheguei lá, cheguei na secção para colocar meu nome na lista para elas poderem fazerem o kit e contarem comigo para fazer os kits de entrega e o funcionário me perguntou se eu era moradia interna, ai eu falei que não, mas que eu era bolsista alimentação também, aí ele falou que não, que aquilo era só para bolsista alimentação interno, até discuti com ele falei ué mas eu só bolsista que mora aqui dentro que pode pegar comida, a gente também é bolsista e vai ficar com fome esses dias? a resposta dele foi que só estava cumprindo ordens e eu respondi para ele, bom você cumprir ordens as pessoas que está acima de você também deve estar cumprindo ordens e no final das contas sou eu que passo fome?, enquanto vocês cumprem ordens. Falei isso e coloquei meu nome lá na lista e fui embora e nem esperei mais nada.

Aline:

Então com base nessas coisas que a gente conversou que você escolhesse experiências para representar e que pensasse em símbolos ou imagens para mostrar essas experiências ou essa experiência que você falou.

Maria:

vou colocar uma porta

Aline:

Então eu queria que você criasse conexões por setas, linhas dessas experiências com seu ambiente de estudo que foi onde isso aconteceu, que é o espaço que você transita que é espaço acadêmico.

Maria:

Como assim eu não entendi.

Aline:

Queria que você pudesse conectar essas situações, você conectar essas experiências com seu corpo e o lugar que isso aconteceu.

Maria:

A universidade

Aline:

Sim, porque você tem que conectar suas histórias com seu corpo.

Maria:

Ainda não entendi.

Aline:

Eu preciso que você faça conexões entre os desenhos e o local de estudo ou local onde essa experiência aconteceu, porque a gente está considerando a UFSCar como um espaço de estudo, mas também um espaço de onde você teve suporte social. Então você pode criar linhas e setas só para conectar essas duas coisas. Se você quiser também inserir símbolos dentro desta trajetória, dentro desse caminho.

Maria:

Inaudível, que faz parte de não desistir.

Aline:

Queria que você representasse no seu mapa de onde vem sua força. dá onde você encontra coragem para seguir em frente

Aline:

Pode.

Aline:

O que isso significa?

Maria:

Meus pais.

Aline:

Queria que você criasse uma relação entre essa força que você mostrou, seu símbolo pessoas e seu slogan.

Aline:

Agora queria que você inserisse no seu mapa coisas que você acha mais fácil para identificar o que significa essas relações, se você quiser escrever uma palavra entre essas relações que você fez, colocar alguma descrição ou uma imagem, coisas que tornem mais fácil para as outras pessoas lerem seu mapa e entenderem essas conexões. Tem outras conexões que você fez, se você puder inserir para identificar vai ficar melhor.

Aline:

Agora a gente vai para o terceiro exercício que são as estruturas das redes de apoio e você tem vinte minutos para realizar. O objetivo desse exercício é identificar pessoas, instituições e outros meios que foram essenciais para te dar apoio para você estar aqui, apoio nas suas lutas diárias. Então eu queria que você identificasse pessoas ou coisas que apoiaram você, escolher um símbolo e uma cor para representá-las.

Maria:

ácil, amizade as pessoas com quem eu morei, as pessoas que eu fui conhecendo ao longo dos seis anos que eu estou aqui a minha família que me dá apoio, a professora que é minha orientadora, preciso falar o nome dela?

Aline:

Se você quiser falar a formação dela.

Maria:

Ela é cientista política e da aula nas ciências sociais.

Aline:

E quais cores você usaria para representá-los?

Maria:

Os amigos eu vou de roxo, porque elas sabem. A que é minha cor preferida, a minha família de verde, porque para mim o verde é a esperança e a minha orientadora de azul, porque eu gosto de azul. Eu vou fazer um triângulo para representar essas três coisas, porque elas foram fundamentais.

Aline:

Queria que você falasse um pouco a respeito de como essas pessoas demonstram, como essas pessoas, essas comunidades demonstram um apoio por você, como elas te apoiam e o que elas fazem para te apoiar, o que significa para você se sentir apoiada.

Maria:

Os amigos, porque elas são os meus pares então elas também estão passando ou passaram pelas mesmas situações que eu, e mesmo termos experiências de vida diferente a gente conseguia conversando também com se melhorar como pessoa se entender um pouco, entender em pensar como resolver os nossos problemas, a gente estava se entendendo como virado. A minha família que é meu porto seguro, diferente dos amigos, porque os amigos entendiam o que eu estava passando porque elas também estavam passando, a minha família talvez não entendia, mas ainda assim estava lá para me apoiar incondicionalmente. E a minha professora ela me deu apoio financeiro no sentido de estar sempre me colocando nas atividades, nos projetos dela que tinham bolsa, para eu poder ter um auxílio financeiro, que além das bolsas moradia e alimentação, as atividades que ela me colocava fazia com que eu tivesse um auxílio financeiro além de ser muito solidária em tudo.

Aline:

Em relação a sua família eu queria que você comentasse um pouquinho o que elas fazem para apoiar você.

Maria:

Minha família está sempre lá, se eu não for durante três meses ou se eu for todo final de semana elas vão me entender, elas não vão me criticar.

Aline:

Agora a gente vai fazer um exercício para pensar um pouco no seu futuro, a gente vai explorar um pouco o que você está fazendo para alcançar seus objetivos e o que você está buscando em relação a sua formação e sua carreira, então eu queria que você pensasse em um símbolo ou uma imagem que demonstrasse qual caminho você está percorrendo ou o que o futuro te reserva. Entendeu? Queria que você pensasse sobre um símbolo ou imagem que para você, o que você tem feito ou o que o futuro reserva para você.

Maria:

Eu tenho trabalhado, mas o que o futuro me reserva eu não sei eu espero que oportunidades, então eu vou escolher alguma imagem de alguém trabalhando ou de algum profissional que represente o meu trabalho, e oportunidade eu acho que uma janela aberta.

Aline:

Você pode falar um pouco sobre os seus objetivos e o que você está buscando para o seu futuro?

Maria:

bom, eu já estou inserida no mercado de trabalho, então fazer o mestrado me possibilita além de seguir pelo caminho científico também me possibilita uma renda maior no mercado de trabalho, (inaudível), a remuneração é maior pensando para além da pesquisa científica, eu gostaria de conciliar tanto quanto a pesquisa científica quanto o trabalho de pesquisadora científica, e tem também lá longe um deslumbre de um doutorado, agora eu não consigo pensar no doutorado, depois que eu acabar o mestrado eu quero descansar um pouco, porque quando eu emendei a graduação com o mestrado eu fiquei um pouco

cansada, então depois que eu terminar o mestrado queria ficar trabalhando só com educação mesmo, mas eu gostaria de conciliar as duas coisas, trabalhar com a educação básica porque eu entendo que como a educação pode mudar um pouco a minha vida ela também pode mudar a vida de outras pessoas e quando eu digo mudar a vida é no sentido de perspectiva de vida, não é nem tão financeiramente, porque eu não cresci da pobreza para classe média, pelo contrário continuo, mas continuo sendo pobre, mas eu acredito que a educação que eu tive me possibilite de participar de alguns espaços que anteriormente eu não via isso, não via essa possibilidade, então no futuro eu gostaria de conciliar o trabalho de professora da educação básica com pesquisa científica.

Aline:

Então eu pedi para você falar um pouco sobre o seu objetivo que você está buscando e que você escolhesse um símbolo para representá-lo.

Maria:

eu vou colocar umas crianças lendo que a minha busca tem a ver com esperança também, (inaudível).

Aline:

Quero que você coloque isso em um lugar que isso represente para você.

Maria:

Esperança eu vou colocar aqui perto da (inaudível), porque (inaudível) que é outra coisa, isso aqui da janela (inaudível).

Aline:

E o que significa essas janelas?

Maria:

as janelas temas janelas têm com algo que eu espero e esse aqui eu to fazendo trabalhando, (inaudível).

Aline:

Agora eu quero que você escolha um símbolo para representar a concretização desse objetivo que você está buscando.

Maria:

Eu vou colocar uma escola, bem estruturada, (inaudível), vou colocar a escola, mas o dinheiro também (inaudível), a gente tem que comer. O dinheiro vai na barriga.

Aline:

Agora eu queria que você escolhesse uma cor para representar a conquista desse objetivo.

Aline:

Do jeito que você quiser, você pode circular seus objetivos com a cor que você acha que representa, pode ligar elas.

Aline:

Agora eu queria que você desse um passo atrás e olhasse para o seu mapa e que você pensasse o que ele está mostrando.

Aline:

Agora nos próximos, você terá dez minutos para contar a sua história usando seu mapa corporal como guia, queria que você se expressa de uma forma com que você contasse sua história segundo o que você queria que os outros vissem na sua história de vida, que elementos você queria que elas vissem, então pode começar.

Maria:

estava acostumada em ver, que é como professores universitários e também pude aqui na universidade entender melhor a história desse grupo, então por isso que eu coloquei ali na matéria São Paulo a cidade mais racista, e aquela tem uma mulher negra lá em cima que tem a ver com o racismo e com a representatividade, depois eu coloquei um triângulo lá em cima onde mais um personagem fundamental para minha trajetória aparece, que além da amizade e da família, a professora. A questão da universidade, mais esses triângulos de personagens fizeram com que os anseios que eu tinha antes chegar aqui, crescessem, melhorassem dentro de mim e se tornassem maiores. Por isso que eu coloquei duas fotos de escola, uma que está mostrando bastante janela e é o que eu penso para o futuro, que o futuro me abre muitas janelas, e que a educação que é a área que eu pretendo atuar, seja vista como prioridade aqui no Brasil. eu coloquei o trabalho como perspectiva e o dinheiro como o resultado desse trabalho, porque embora seja feito de ideologias precisa de coisas físicas para viver, então a gente precisa comer, não adianta falar que o mundo seja maravilhoso que eu não estou nem aí para o dinheiro, na verdade o dinheiro foi bastante significativo na minha própria estadia aqui, então na minha cabeça eu coloquei uma espécie de máscara como eu acho que as pessoas me veem elas me veem como uma máscara, onde eu sem conversar comigo, sem me conhecer um pouco elas têm um julgamento sobre mim e depois de me conhecer me parece que esse julgamento muda, então por isso que eu coloquei a máscara, mas não que eu conscientemente me faça perceber como uma máscara, e eu acho que é isso.

Aline:

Agora a gente vai para finalização do seu mapa, nós temos dez minutos ainda. Eu queria que você adicionasse no seu mapa, detalhes, imagens ou conexões para refinar sua narrativa, para ficar ainda mais claro o que você tentou representar, você pode adicionar detalhes, pintura, alguma imagem, fazer mais conexões do que você já fez, para ficar ainda mais clara sua narrativa. Não tem nada que você queira inserir, que você queira pintar?

3. Entrevista com Ana - Estudante de Doutorado

Primeiro Encontro

Aline:

Assinar e rubricar todas as vias. Você já sabe sobre a pesquisa, você conhece?

Ana:

Não.

Aline:

Essa pesquisa é para estudarmos as trajetórias de estudantes negras na universidade, contemplando, tanto as dificuldades, quanto às estratégias de enfrentamento, de agenciamento e de como elas se organizam para (não sobreviver) mas conviver nesse espaço, considerando que é um espaço embranquecido e elitizado. A construção desse mapa busca reproduzir a sua experiência, como você tem tido como estudante, desde a graduação até agora, de uma forma artística. Com as perguntas que eu farei conforme você for respondendo você irá construir seu mapa corporal. Depois esses mapas vão passar por uma análise temática que será discutida com vocês. Então você vai fazer esse mapa para representar seu corpo, seus 93 sentimentos e o mundo que você vive, você pode usar todos os materiais disponíveis aqui (revistas) e no final da sessão eu vou te dar umas orientações para a próxima sessão. Com isso você pode trazer de casa coisas que queira colocar no seu mapa e vamos fazendo aqui. Você está livre para fazer o mapa como quiser, não tem jeito certo ou errado. Coisas que precisam ser colocados em determinados locais eu irei avisando. As entrevistas são gravadas e os mapas corporais podem ser exibidos em congressos e seminários, mas todas as características de identificação são ocultadas permanecendo seu anonimato, você tem direito de recusar a atividade e interromper a sessão ou pedir sessões a mais para terminar.

Agora iremos desenhar você, você pode escolher uma posição para ser representada o que você é e como se sente agora. Seu atual estado, como

Estudante ou como uma pessoa acabou de se graduar como doutora, fica a seu critério. Você pensa nessas posições, deita e eu irei riscar. Como você quer que seja feito, quer ficar de frente ou costas?

Ana:

Sim de frente.

Aline:

E por que você acha que essa posição te representa?

Ana:

Acho que sempre encarei muito de frente as coisas, todas as minhas decisões, escolhas, nunca dei desculpas para as coisas, eu vim para São Carlos pois eu quis vir por mim, pela minha pesquisa, pelas minhas escolhas e não por alguém.

Aline:

Você pode escolher as posições dos pés e das mãos. Como você se descreveria antes de vir para a universidade?

Ana:

Queria terminar a escola, trabalhar, ganhar meu salário, tinha sonhos de casar, essa parte tradicional que fosse comum as pessoas.

Aline:

E como você se descreve agora?

Ana:

Acho que agora eu tenho vários sonhos, mas elas mudaram um pouco, não é mais uma perspectiva familiar, mas uma perspectiva profissional, como e onde eu quero estar profissionalmente.

Aline:

E o que você acha que foi a maior mudança?

Ana:

Foi enquanto mulher negra mesmo, porque antes da universidade eu não tinha parado para pensar que eu sou uma mulher negra, acho que foi no meio do mestrado nem foi durante a graduação, quando vim pra São Paulo, que tive mais contato com leituras e movimentos negros em si, e deu um estalo, sou uma mulher negra e mudou várias percepções que eu tinha do mundo, mudou como eu interpretava algumas relações e como eu me enxergo, como eu lido com o meu corpo, com quem eu sou.

Aline:

E você acha que isso melhorou?

Ana:

Melhorou.

Aline:

E ao que você atribui essa melhora?

Ana:

Gosto do que eu vejo no espelho, antigamente, talvez eu não gostasse tanto do que eu via, sempre achava que precisava melhorar, sempre precisava mudar, tinha alguma coisa que não estava encaixando. Hoje eu me olho no espelho e para mim está tudo muito bem, me sinto muito bem. Com meu corpo, com meu cabelo, com quem eu sou de fato. E antes sempre estava faltando alguma coisa.

Aline:

. Tem símbolos ou imagens que representam as pessoas que vivem lá, a sua cultura, alimento, esporte, atividade? Símbolos, não tenho símbolos que eu atribua. Fui muito marcada pela igreja evangélica, de certa forma que remetem a ela me traz essa lembrança do lugar de onde eu vim.

Aline:

Iremos voltar para o ponto que fala mais da sua origem, mais antes peço duas coisas, que você escolha uma cor que te represente para contornar seu mapa e depois uma cor para suas mãos. E me fale um pouco o porquê dessas cores.

Ana:

Para contornar o laranja, acho que não tem muita explicação. Eu sempre gostei muito do laranja, talvez por ser uma cor quente e para as mãos a cor amarela, são as duas cores que eu gosto demais.

Aline:

Então agora você escolhe os materiais que queira, e pode contornar o seu corpo e depois eu pinto suas mãos para você carimbar.

Aline:

Você se incomoda de pintar as mãos?

Ana:

Não.

Aline:

Você estava falando o que lembra a cidade, agora eu peço que você pense em símbolos que vai representar seu mapa, que representa o lugar de onde você veio. Pode ser um alimento, uma bebida tradicional, uma característica da sua cidade.

Ana:

Um abacaxi, (risadas).

Ana:

Coloco lá o abacaxi?

Aline:

Você escolhe, como você se lembra ou costumava ser uma coisa que represente a sua cidade.

Ana:

Eu consigo só pensar no abacaxi. (Risadas)

Aline:

Então acho que você tem de colocar um abacaxi.

Ana:

Eu desenho ele?

Aline:

Isso, nós vamos deixar o lado de dentro do mapa para questões mais internas, condicionantes pessoais. E ao redor as condicionantes externas.

Aline:

Essas imagens que você escolheu, elas representam as pessoas que ainda vivem lá?

Ana:

Sim.

Aline:

Quantos anos você tem?

Ana:

32.

Aline:

Agora eu peço que você pense sobre a sua vinda pra UFSCar e quais símbolos ou imagem representam essa jornada sua de quando veio, de lugares que você visitou quando você chegou, um avião, barco. Você pode falar um pouco sobre esse símbolo que você escolheu.

Ana:

Fui visitar cachoeiras quando eu cheguei. Durante minha infância meus avós tinham uma fazenda, então tomar banho de rio era uma coisa muito presente. E quando eu ia para as cachoeiras eu me senti em casa.

Aline:

Agora eu queria que você falasse sobre o que vem na sua mente, quando você pensa de onde veio e onde

você mora agora. Como você se sentiu quando chegou em São Carlos e na UFSCar.

Ana:

Quando eu cheguei aqui eu me sentia, muito isolada. Não é sozinha ou solitária, a palavra. Tinha pessoas próximas, pessoal do laboratório foi muito acolhedor, mas isolado porque não me identificava muito com as pessoas, acho que o sotaque, o estilo, o que as pessoas faziam, os anseios, acho que eu não me via muito nas pessoas, meu estilo de vida, eu não me identificava. Me sentia isolada, acho que é essa a palavra.

Aline:

Você pode descrever para mim onde você mora agora, como você mora e como é sua vida aqui?

Ana:

Eu moro numa casa, são quatro quartos com outras três estudantes. Um da pós-graduação e outros dois da graduação. Minha vida é basicamente, dou aula de manhã, vou para o laboratório, faço pesquisa durante a tarde. Tenho um grupo de capoeira que eu vou, faço o treino durante a semana.

Aline:

E o que você gosta, qual seu lazer?

Ana:

Tudo relacionado a música eu gosto, gosto muito de sair de ver show, apresentação de alguém, temos um grupo de samba que ensaiamos ou tocamos um pouco. Gosto muito da dança também, então eu saio muito para dançar seja só ou com outras pessoas. E eu faço bastante.

Aline:

Então você pode escolher símbolos agora, que represente o lugar que você está agora e o lugar que vive aqui em São Carlos.

Aline:

Você está a quantos anos aqui em São Carlos?

Ana:

Seis anos.

Aline:

A primeira parte da sua formação até você chegar aqui você fez onde?

Ana:

Na Universidade Federal de minha cidade.

Aline:

E por que você veio para cá?

Ana:

Quando eu entrei na faculdade eu queria trabalhar e pronto. Só que achavam que eu tinha perfil para pesquisa e devia ir para a área acadêmica. Só que eu já estava cansada da universidade, enjoada daquele ambiente. Mas tinha uma professora que poderia falar com outros professores para eu fazer um mestrado. Por ser um lugar novo e novas possibilidades, fiz a prova passei e vim para cá.

Aline:

Que símbolos você escolheu?

Ana:

Eu escolhi, berimbau da capoeira, atabale do samba, computador por causa da pesquisa e laboratório e a escola pois dou aula.

Aline:

Nós tínhamos duas horas para fazer essa sessão, você terminou a primeira hora. Tem algumas coisas que você precisa pensar e preparar para amanhã, preciso que você desenhe um símbolo que represente a sua vinda para São Carlos, um objeto, uma imagem um lugar e onde ele deve estar colocado no seu corpo (mapa) eu vou perguntar o significado do símbolo, da localização no corpo. E também peço que crie um slogan pessoal, pode ser um poema, um ditado, uma declaração, uma música ou algo que você costuma dizer para você mesma que descreva sua filosofia de vida e sobre seu pensamento atual sobre a vida e pense em um lugar do mapa para colocar esse slogan.

Segundo Encontro

Aline:

Seguiremos com o segundo encontro. Você vai pensar um pouco sobre como é sua vida de estudante. Os objetivos de hoje é representar sua vida de estudante com os símbolos que havia pedido na sessão anterior e entender o que te motiva, que seja significativo ou na sua perspectiva sobre a vida. Vou pegar o exercício de ontem para que possamos ver juntas. O exercício é você pensar e desenhar um símbolo que representa sua vinda para São Carlos, um objeto, um lugar, uma imagem que mostre essa transição. Pensar onde este símbolo pode ser colocado no seu corpo e com isso eu vou te perguntar sobre esse signo e da localização que foi colocado no corpo e por último criar um slogan pessoal.

Ana:

Símbolo que eu acho que me representa, eu penso muito na questão acadêmica, de vir pra São Carlos e mudar de estado. Então acho que livros me representa muito, não pensava em fazer novos amigos ou achar um novo amor, era puramente acadêmico minha motivação.

Ana:

Certo. Só isso? Só um?

Aline:

Você que sabe.

Ana:

Acho que tem uma rosa, o nome da minha mãe era rosa, acho que talvez me afastar um pouco de lá, fazia pouco tempo que ela havia falecido, me afastando é como se ela continuasse viva, estar lá era muito real a ausência dela. Então enquanto não estava, tudo bem-estava viajando.

Aline:

E você pode, já que o segundo exercício é fazer um slogan queria que você falasse um pouco sobre de como você se considera como pessoa, se você tem uma filosofia de vida e o que te mantém motivada.

Ana:

Minha família me motiva bastante, a existência dos meus sobrinhos a nova geração, eu não tenho um vislumbre por ser mãe, meus sobrinhos são uma parte de mim que me faz pensar em melhorar, me ascender e ser o porto seguro para elas. Eu vislumbro em ser alguém que elas possam se espelhar e contar, seja financeiramente ou emocionalmente.

Ana:

Qual é a outra?

Aline:

Qual sua filosofia de vida?

Ana:

Acho isso muito profundo, assim eu tenho muito o que minha mãe me falou numa frase faz uns anos, que foi muito marcada, eu tinha feito minha primeira viagem para um congresso fora do Brasil e eu voltei muito feliz, por que nunca tinha saído. Mostrei as fotos para minha mãe, expliquei como era e como foi, aí ela me falou, você pode ir onde quiser, basta querer, e isso ficou muito marcado. Uma frase que levo comigo, na força da fé que tenho que posso transitar qualquer espaço e qualquer lugar. E aí eu falo da fé, mesmo não sendo uma palavra muito boa, pois remete a religiosidade. Se trata mais da confiança que tenho, como eu acredito em mim. Tento me manter autoconfiante para transitar tranquilamente e circular nesses espaços.

Aline:

E o que mantém você motivada?

Ana:

Sobre meus objetivos, eu não tenho uma motivação grande e que eu pense a longo prazo. Eu vou estabelecendo pequenos objetivos e me motivando ao longo da vida. Eu vim fazer o mestrado, vou passar no mestrado, passei. Tenho que ir pra São Carlos terminar o mestrado, esse foi um dos objetivos. Agora eu tenho que entrar no doutorado, então acho que são pequenos objetivos e metas que vou traçando e vou cumprindo. Eu não tenho uma motivação a longo prazo, no final da minha vida. Eu vou mais vivendo e cumprindo novos objetivos.

Aline:

O que você está procurando?

Ana:

Alguma coisa de livro.

Aline:

Para fazer esse exercício são dez minutos.

Ana:

Meus desenhos são péssimos.

Aline:

Podem ser palavras também.

Aline:

Você pensou sobre qual seria seu “histórico” pessoal?

Ana:

Acho que a força da minha fé.

Aline:

Você pode me mostrar símbolos dos slogans e me explicar o significado?

Ana:

A rosa que é minha mãe, um dos motivos para eu ter pensando em sair e me afastar um pouco. Os livros que é meu objeto de estudo e trabalho no mestrado e doutorado.

Aline:

Queria que você escolhesse lugares para colocar os seus símbolos e que explicasse porque colocar cada uma delas nesse lugar.

Ana:

A rosa eu vou colocar no meu coração, do lado esquerdo. Os livros eu vou colocar na parte mais abdominal, porque quando eu fico muito agoniada e acho que as coisas que eu tenho não vou dar conta, eu sinto muito visceral, e está muito ligado a essa vida acadêmica, nosso esse outro faz eu não consigo, estando no mesmo período de curso, estou atrasada.

Aline:

Pode colocar.

Aline:

Agora iremos para o segundo exercício, vamos falar sobre as suas marcas emocionais, sua relação com o ambiente que você transita e passa maior parte do seu tempo, as marcas que você traz na sua pele, na sua trajetória com objetivo de representar visualmente o seu ambiente, suas relações de trabalho, de estudos. Como que você se relaciona com esse espaço e também representa quais os impactos de ser uma estudante, no seu caso, de pós-graduação fazendo doutorado. Esses impactos podem ser físicos, mentais e emocionais. De como essas relações até aqui te afetaram por dentro e por fora. Então nesse exercício queria que você pensasse nos problemas que você gostaria que fossem representando ao

redor do seu corpo, por exemplo, como são as condições físicas do lugar em que você trabalha, como é sua experiência com outras pessoas, esse espaço faz bem para você ou não faz. Na universidade o que te incomoda, o que você poderia apontar como problemas, pode ser também como a segurança, de como você se sente nesses espaços, se você problemas com relações hierárquicas, como seu laboratório se organiza, se você passa por alguma relação conflituosa ou abusiva, é submetida à algum tipo de exploração. Estamos pensando isso num aspecto micro, que é em

m ambiente em que você está que é o laboratório e sua experiência como universitária no campus, e os impactos que isso tem na sua vida.

Aline:

Depois que você apontar esses problemas, você precisa escolher alguns para colocar no seu mapa.

Aline:

Você pode falar sobre isso?

Ana:

Nas primeiras semanas na verdade quando eu cheguei aqui eu senti uma dificuldade quanto a regionalidade, eu ouvia algumas piadas a respeito de nordestinos e baiano no laboratório. E como eu sempre fui muito de bater de frente com as pessoas, o que eu não gosto eu falo, com isso eu não deixo passar algumas coisas. E o laboratório é um lugar bem diverso, tem pessoas de vários lugares e até de outros países da América Latina, eu não conhecia praticamente ninguém, estava em contato só com uma menina que estava me ajudando nas coisas da bancada no começo. Eu cheguei e falei, olha eu venho da Bahia e não quero ouvir esse tipo de piada, esse é meu ambiente de trabalho. As pessoas pediram desculpas, falaram que era brincadeira, coisa que todo mundo sempre fala que é uma piada, mas desde então as pessoas souberam quem eu era, de fato acho que foi o

único conflito, pois minha relação com o pessoal do laboratório, com minha orientadora, com os professores de maneira geral, eu nunca senti nenhum tipo de tratamento diferenciado. A leitura que eu faço é que eu assumo uma postura de eu to aqui sei o que estou fazendo, sei o que quero e você não vai me desviar disso, e com isso as pessoas recuam diante dessa postura. Tinha professores que tentaram fazer piada, “estão fechando as universidades no Nordeste”, eu respondia, não professor passamos pela mesma seleção que qualquer outra pessoa do país, talvez estivéssemos formando pessoas melhores que estão ocupando essas vagas, que as paulistas não estão ocupando. Então eu sempre fui muito de barrar no primeiro momento, então no primeiro ano em São Carlos os professores do departamento, todos os meus colegas de laboratório sabiam exatamente quem eu era e o que eu permitia que falassem comigo na minha presença. Ao longo da minha vida eu não tive muitos problemas, então essa postura me ajudou muito nesse sentido. Eu não vivi muito a UFSCar como os graduandos vivem, na pós-graduação vivemos mais isolados, eu chegava no laboratório saia só para almoçar, essa era a minha rotina, com pessoas da própria graduação, eu não utilizei a biblioteca, eu não utilizei os espaços que além do restaurante universitário, minha experiência dentro

da universidade foi muito tranquila nesse sentido, não fiquei muito exposta.

Aline:

Diante das coisas que conversamos queria que você escolhesse algum problema ou todos, desenhasse ou usasse símbolos para exportar as experiências ao redor do seu corpo, falasse um pouco sobre os símbolos que escolheu.

Ana:

Uma experiência que eu tive das primeiras semanas foi por causa de bandeirinhas de São João, eu cheguei no laboratório ele estava todo enfeitado, e os comentários foram de que aquilo “era muito cafona, horrível, coisa sem sentido, isso é uma baianada”. Ouvia tudo isso e sai e pensei, o que está acontecendo. A outra experiência foi com o professor, sobre

estarem fechando as universidades no Nordeste, eu representaria com a palavra capacidade.

Aline:

E você acha que essa palavra representa bem esse momento com o professor?

Ana:

Acho que sim.

Aline:

Que ele estava questionando sua capacidade?

Ana:

Não, eu acho que ele estava questionando o porquê de tantas pessoas do Nordeste estarem cursando aqui e ao meu ver é por termos a capacidade de preencherem essas vagas.

Aline:

Você pode desenhá-los então. Pense sobre os locais onde você coloca.

Ana:

As bandeirinhas de São João, está muito relacionado a dança ao forró, fica perto das “cadeiras”. E a capacidade perto das mãos, porque acho que é um conjunto de fatores, não é só cognitivo.

Aline:

Quero que você olhe para seu mapa corporal e pense da cabeças aos pés, identificando marcas específicas no seu corpo, quais são essas marcas que você traz. Elas podem ser cicatrizes, feridas ou lesões passando por uma área de estresse ou emoção pensando de maneira ampla, ou seja, marcas sob a sua pele, por exemplo, lugares que tenham cicatrizes de cirurgia, onde você sente dor, doença, estresse, como é sua alimentação, pense sobre as possíveis marcas que você traz no seu corpo e onde elas se localizam e falasse sobre isso.

Ana:

De cicatriz a única que remete um pouco a minha lembrança é a que eu tenho no ombro, que foi resultado de uma briga que eu tive com meus irmãos, onde meu irmão pegou um pedaço de espelho e jogou na minha irmã quando fui tentar defender ela, onde esse pedaço entrou em mim e deixou essa marca. Eu tenho uma união muito forte com os meus irmãos e ao mesmo tempo elas me protegem muito, nós nos defendemos muito. Tenho outras marcas de brincadeira, de quedas.

Aline:

E você traz uma marca no seu corpo dessa experiência enquanto estudante ou profissional?

Ana:

Não, não trago.

Aline:

Queria que você colocasse no seu mapa as cicatrizes que você mencionou

Aline:

Queria saber como você costuma fazer cuidar da sua saúde física, conceito sobre o que você é saúde.

Ana:

Eu faço capoeira, ela é uma complementação física e espiritual na verdade. Então mesmo eu movimentando muito meu corpo, mas ao mesmo tempo eu remeto aos meus ancestrais, características dos movimentos, como elas eram usados para defesa, então ela é algo que me mantém muito ativa fisicamente e me motiva. Junto com a capoeira vem o samba, que também é muito física e espiritual, pois as letras falam muito sobre mim, falam muito sobre o tipo de vida na Bahia, é uma forma de me manter conectada com as minhas origens. Às vezes eu corro, caminho, mas é mais a capoeira que me mantém ativa e o corpo em movimento.

Aline:

E o que você costuma fazer para não ficar doente, você faz algum tratamento ou alguma coisa que ajude na manutenção da sua saúde?

Ana:

Não, nada muito intencional. Eu tento me alimentar relativamente bem, mas nada projetado nesse sentido.

Terceiro Encontro

Aline:

Pensando nas coisas que você destacou sobre as características do seu rosto e como as pessoas leem você, ia ser legal usar símbolos para representá-la, por que essa é uma abordagem literal, as pessoas têm boca e tem olhos e não necessariamente falar sobre você. Então eu queria que você pensasse que de outras maneiras você pode implementar esse autorretrato. Com essa questão crítica que você fez, seu rosto ser palatável, mas ao mesmo tempo você ser uma estranha no espaço que você está. Você pode destacar também as coisas que você acha que te torna diferente das outras pessoas.

Ana:

Você acha que eu posso colocar um x no meu rosto, um x de negação e ligação, de porque eu sou bonita por ter traços finos, então é como se negasse o que eu sou, eu sou negra, mas não tão negra. Então eu queria meio que fazer um X da questão de negação, de cancelamento, uma parte do que eu sou. E tem essa foto, esqueci o nome dela, é considerada a sex simbol., mas ela não tem cabelo, teoricamente longos, então a parte da Feminilidade que as pessoas esperam das mulheres não tão tocante, mas ela tem os traços bem forte, então acho que ela me representa, ela faz as quebras dessas histórias de que é bonito até

aqui, é bonito até quando os traços são finos, até quando se tem os cabelos encaracolados e não crespo. Acho que ela vem quebrando um pouco isso.

Ana:

Eu coloquei esses na cabeça porque são ideias, coisas que eu sempre tenho em mente, se levanta respira e pensa. Porque eu to indo para a universidade, porque to indo fazer isso, ter essas duas ideias na sua cabeça para você conseguir e a vida ficar mais leve e o terceiro tem a parte do sobreviva, resolvi colocar um pouco assim dentro do corpo porque é aquele tipo que a gente por mais que tenha coisa na sua cabeça, que tenha feito vários planos e

acha que está tudo certo, tem um instinto de sobrevivência e isso para mim vem mais de dentro do que de fora.

Aline:

Iremos fazer o escaneamento do corpo agora, pensaremos um pouco no impacto de ser estudante e as relações sociais que você tem na UFSCar, questão de gênero, raça e acesso aos serviços dos que podem promover ou inibir seu bem-estar. Queria saber dessas experiências-chaves que você enfrentou aqui na UFSCar e que se relaciona ao seu estado de estudante ou questões de raça, de gênero e discriminação. Experiências nesse sentido que marcaram você.

Ana:

Sobre a questão de gênero e raça, tive uma experiência corporativa de mulheres negras com o café das pretas. Meu departamento é muito branco, eu fiz uma parte do mestrado e doutorado, desses seis anos, três eu fui a única estudante negra do curso, eu não lidava muito com as pessoas negras dentro da universidade, meus colegas não eram negros, meus professores não eram negros, eu não tinha esse espelho de mim nos corredores. Conhecendo as meninas que montaram esse coletivo, foi o primeiro momento até então, dentro da minha vida acadêmica toda, que eu parei e me enxerguei como mulher negra, que eu refleti sobre isso, que eu fiz minhas leituras, as leituras dos outros, e mesmo na graduação estando em minha cidade, que é a cidade que tem mais negro fora do continente Africano, eu não lidei com isso, tinha colegas negros que tinham esse olhar mais crítico. E aqui na UFSCar a partir dessas experiências com o coletivo, comecei a ter esse olhar mais crítico sobre o que é ser uma mulher negra, dentro da universidade em pós-graduação em uma área altamente tecnológica, foi a partir daí que eu tive outros contatos, outros coletivos mais mistos, com

homens e mulheres negros, enriquecendo meu olhar, meu entendimento, aguçou esse meu lado que eu não refletia.

Aline:

Que tipo de dificuldades, desafios que você enfrentou na sua vida espiritual, emocional e social, por exemplo, uma discriminação de gênero, racismo, algum tipo de exclusão no seu ambiente de trabalho?

Ana:

Acho que eu nunca tive uma experiência direta, de exclusão ou de racismo. Mas tive muita experiência enquanto representante dos alunos do meu curso, sempre tentei ter esse olhar para cada questão que surgia, cada decisão que tinha que ser tomada em relação aos alunos, tentando fazer esse olhar mais misto pois os professores enxergam os alunos como um pacote único. Por exemplo, professor diz nessa seleção essa prova vai ser toda em inglês, porque os alunos já têm de saber o inglês, irão entrar no mestrado no doutorado. E eu sempre fazia essa leitura dentro das reuniões, de tomarmos cuidado com as dificuldades de cada um, não por questões cognitivas ou de não capacidade, mas por tempo e oportunidades diferentes, enquanto estava nesse espaço de representação discente e de tomada de decisões, pois isso refletia diretamente na vida dos alunos e tinha decisões que excluiria alguns alunos de fato da pós-graduação, da possibilidade de fazer uma pós-graduação na genética. Esse olhar mais sensível não tivesse sido posto em certos momentos de decisões.

Aline:

Queria que você escolhesse símbolos ou imagens que representam essas experiências que citou, você pode selecionar qual representar.

Ana:

São duas mulheres de mãos dadas, que eu acho que é esse despertar enquanto mulher negra por conta do coletivo e como isso refletiu nos meus posicionamentos e nas reuniões.

Aline:

Essa representação que você fez está mais ligado às suas estratégias de enfrentamento. Queria que você representasse no seu mapa uma experiência que você enfrentou direta ou indiretamente.

Ana:

Indiretamente eu tenho uma experiência que eu estava passando no corredor e ouvi, tinha um rapaz, acho que do Senegal, veio fazer seu doutorado no departamento, ele era bem negro e um dos professores achei engraçado o fato dele ter sido confundido com alguém da limpeza no departamento e ele falava sem pensar e parecia com satisfação em falar isso, sem pensar nos desdobramentos que certas confusões causam na vida de uma pessoa negra, e eu fiquei muito em choque. Então acho que essa foi a experiência indireta que eu mais choquei.

Aline:

Com isso você pode fazer essa representação?

Ana:

Eu vou deixar uma pergunta, “ Doutor tem cara? ”, existe uma face, esse tem cara de doutor e esse não tem cara de doutor.

Aline:

Agora queria que você criasse conexões com linhas, setas entre o local de estudo o ambiente acadêmico que essas situações aconteceram e as situações e seu co

Fotografia dos Mapas Corporais





PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Explorando a trajetória ocupacional de estudantes negras na Universidade Federal de São Carlos

Pesquisador: Aline Cristina da Costa

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 99850618.7.0000.5504

Instituição Proponente: Departamento de Terapia Ocupacional

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.051.494

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa focaliza a inserção de estudantes negras no ensino superior público. Portanto, o projeto traz uma leitura rara, no Brasil, de como o racismo afeta a formação e a vida de uma estudante negra no ensino superior brasileiro (LIMA,1995). A ideia é compreender como a inserção desses estudantes pode traduzir-se em transformações culturais e sociais na sociedade e no meio acadêmico (GARRIOTT, P. O.; LOVE, K. M.; TYLER, K. M,2008) considerando a utilização de metodologias que dão visibilidade a essas narrativas (RIVAS-QUARNETI MAGALHAES; GASTALDO,2018). O projeto visa também contribuir para que a permanência desses estudantes no ambiente universitário se converta em uma experiência positiva e modelar para a sociedade em geral.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO PRIMÁRIO (GERAL)

Compreender a dimensão ocupacional das discriminações vividas por mulheres negras na Universidade Federal de São Carlos.

OBJETIVO SECUNDÁRIO (ESPECÍFICOS)

Examinar a produção de literatura no campos das experiência de racismo e discriminação no ensino superior brasileiro.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.051.494

Identificar as percepções e estratégias utilizadas pelas estudantes no enfrentamento cotidiano da experiência do racismo

Exibir iniquidades ocupacionais ligadas ao racismo e ao gênero, presentes no cotidiano de um instituição superior de ensino.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Os eventuais riscos que compreendem a execução deste projeto, relacionam-se a aspectos psicológicos que a produção do mapa estimula. No desenvolvimento da metodologia, a participante é convidada a resgatar acontecimentos que marcaram sua vida, a falar de seus medos e anseios, e do seu relacionamento com a família e a comunidade da qual faz parte. Desta forma, esse aspecto pode desencadear diferentes processos de reflexão que podem deixar a participante emocionada ou e/ triste.

BENEFÍCIOS

A produção do mapa corporal pode ajudar a participante a visualizar a sua trajetória até a universidade, permitindo que ela expresse de maneira artística e livre os seus sentimentos e percepções acerca de seu cotidiano na universidade, com segurança e mantendo o seu anonimato.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa apresenta temática relevante e atual.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos de apresentação obrigatória submetidos na Plataforma Brasil estão coerentes.

Recomendações:

Recomendo aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	01/11/2018		Aceito

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 3.051.494

Básicas do Projeto	ETO_1095218.pdf	17:42:49		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_2.docx	01/11/2018 17:39:01	Aline Cristina da Costa	Aceito
Folha de Rosto	ACCFOLHAROSTO.pdf	13/09/2018 19:28:16	Aline Cristina da Costa	Aceito
Outros	Roteirodeperguntas.docx	13/09/2018 19:20:06	Aline Cristina da Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.docx	13/09/2018 19:19:37	Aline Cristina da Costa	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	13/09/2018 19:14:38	Aline Cristina da Costa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 03 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

Termo de consentimento livre e esclarecido (tcle)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa intitulada: “Explorando a trajetória ocupacional de estudantes negras na Universidade Federal de São Carlos”, coordenada pela Prof. Dra. Lilian Vieira Magalhães e sua aluna de mestrado, Aline Cristina da Costa .

A sua participação não é obrigatória sendo que, a qualquer momento da pesquisa, você poderá desistir e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo para sua relação com o pesquisador, ou com a Universidade Federal de São Carlos.

Os objetivos desta pesquisa são:

- Identificar as percepções e estratégias utilizadas pelas estudantes no enfrentamento cotidiano da experiência do racismo;
- Exibir iniquidades ocupacionais ligadas ao racismo e ao gênero, presentes no cotidiano de um instituição superior de ensino.

Caso você decida aceitar o convite, será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: entrevista semi estruturada e produção será realizada por meio de mapas corporais narrados, que consistem em desenhos da imagem do corpo em tamanho real, e podem ser construídas por meio de técnicas artesanais.

O tempo previsto para a sua participação é de aproximadamente 6 horas, divididos em 3 encontros de 2h cada um.

Os riscos relacionados com sua participação são relacionados a aspectos psicológicos que a produção do mapa estimula. No desenvolvimento da metodologia, a participante é convidada a resgatar acontecimentos que marcaram sua vida, a falar de seus medos e anseios, e do seu relacionamento com a família e a comunidade da qual faz parte. Desta forma, esse aspecto pode desencadear diferentes processos de reflexão que podem deixar a participante emocionada ou e/ triste.

Os pesquisadores responsáveis são treinados a observarem essas situações e prontamente resolvê-las da melhor forma possível, encaminhando, caso se faça necessário, a profissionais colaboradores da pesquisa ou mesmo aplicando orientações sempre que necessário..

Os benefícios relacionados com a sua participação serão contribuir para visualizar a sua trajetória até a universidade, permitindo que você expresse de maneira artística e livre os seus sentimentos e percepções acerca de seu cotidiano na universidade, com segurança e mantendo o seu anonimato. A produção do mapa corporal pode ajudar a participante

Os resultados desta pesquisa poderão ser apresentados em seminários, congressos e similares, entretanto, os dados/informações obtidos por meio da sua participação serão confidenciais e sigilosos, não possibilitando sua identificação.

A sua participação bem como a de todas as partes envolvidas será voluntária, não havendo remuneração para tal.

Qualquer gasto financeiro da sua parte será ressarcido pelo responsável pela pesquisa. Não está previsto indenização por sua participação, mas se você sofrer qualquer dano resultante da sua participação neste estudo, sendo ele imediato ou tardio, previsto ou não, você tem direito a assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, e também o direito de buscar indenização. Ao assinar este termo de consentimento, você não estará abrindo mão de nenhum direito legal, incluindo o direito de pedir indenização por danos e assistência completa por lesões resultantes de sua participação neste estudo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações do projeto, se você aceitar em participar deste estudo, assine o consentimento de participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não será

penalizado. Este consentimento possui mais de uma página, portanto, solicitamos sua assinatura (rubrica) em todas elas.

A qualquer momento, você poderá entrar em contato com o pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre sua participação.

Pesquisador(es) responsável(is): Prof. Dra. Lilian Vieira Magalhães e Aline Cristina da Costa

Instituição/Departamento: Universidade Federal de São Carlos/ Dep. Terapia Ocupacional

Telefone para contato com o pesquisador: Aline (16 988138236)

Assinatura _____

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu _____, abaixo assinado, concordo em participar do presente estudo como participante e declaro que fui devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos, bem como os riscos e benefícios da mesma e aceito o convite para participar. Autorizo a publicação dos resultados da pesquisa, a qual garante o anonimato e o sigilo referente à minha participação.

Assinatura do participante ou responsável legal

Telefone do participante para contato: _____

Em caso de dúvida quanto à ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP). Este Comitê é composto por um grupo de pessoas que trabalham para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com

Comitê de Ética em Pesquisa

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar

Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km. 235 -Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 -

São Carlos - SP – Brasil.

Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

